

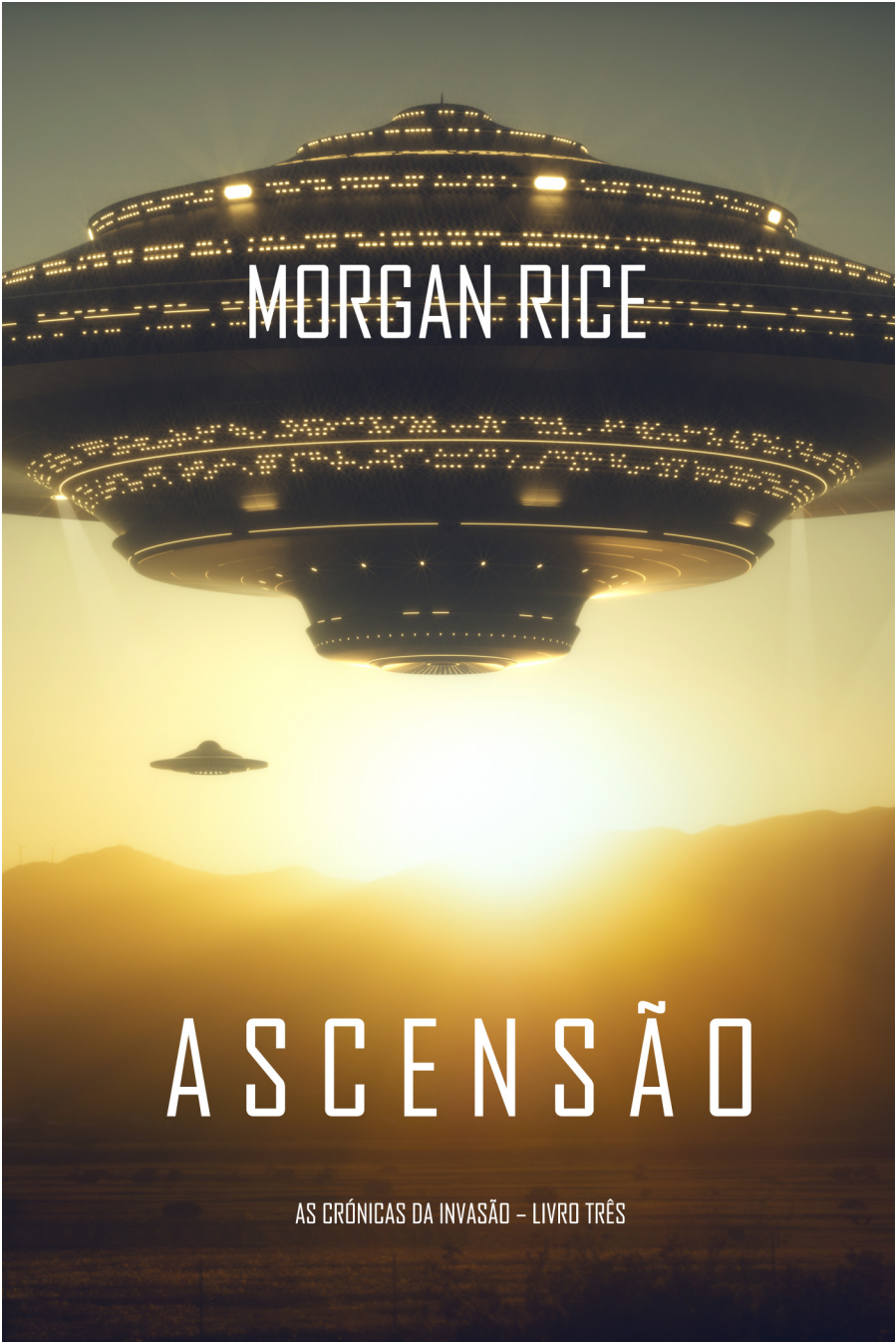


MORGAN RICE

ASCENSÃO

AS CRÓNICAS DA INVASÃO – LIVRO TRÊS





MORGAN RICE

ASCENSÃO

AS CRÔNICAS DA INVASÃO - LIVRO TRÊS

ASCENSÃO

(AS CRÔNICAS DA INVASÃO – LIVRO 3)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; da série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS, composta por 8 livros (a continuar); e da nova série de ficção científica AS CRÓNICAS DA INVASÃO, composta por 3 livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Críticas Seletas a Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos

"Uma fantasia repleta de ação que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini... Os fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

--*The Wanderer, A Literary Journal* (referente a *Ascensão dos Dragões*)

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *Uma Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida que leva ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura sobreviver apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--*Midwest Book Review*, D. Donovan, *eBook Reviewer*

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do género de fantasia."

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro repleto de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin "Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

OLIVER BLUE E A ESCOLA DE VIDENTES

A FÁBRICA MÁGICA (Livro 1)

O ORBE DE KANDRA (Livro 2)

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro 1)

CHEGADA (Livro 2)

ASCENSÃO (Livro 3)

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro n.º 1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro n.º 1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro n.º 2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃS (Livro n.º 3)

UMA NÊNIA PARA PRÍNCIPES (Livro n.º 4)

UMA JOIA PARA REALEZAS (Livro n.º 5)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n.º 5)

HEROÍNA, TRAI DORA, FILHA (Livro n.º 6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro n.º 7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro n.º 8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)
UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)
UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)
UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)
UM REINADO DE RAINHAS (Livro n.º 13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)
O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
ARENA DOIS (Livro n.º 2)
ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)
AMADA (Livro n.º 2)
TRAÍDA (Livro n.º 3)
DESTINADA (Livro n.º 4)
DESEJADA (Livro n.º 5)
COMPROMETIDA (Livro n.º 6)
PROMETIDA (Livro n.º 7)
ENCONTRADA (Livro n.º 8)
RESSUSCITADA (Livro n.º 9)
COBIÇADA (Livro n.º 10)

PREDESTINADA (Livro n.º 11)
OBCECADA (Livro n.º 12)

Quer livros gratuitos?

Inscreva-se na lista de e-mail de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em quadrinhos grátis e ofertas exclusivas! Para se inscrever, visite:

www.morganricebooks.com

Copyright © 2018 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book está licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

ÍNDICE

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSTE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO UM

Kevin assistiu, horrorizado, a pequena nave que arrastava ele e Chloe para dentro de si, completamente indefeso enquanto ela os levantava com seu feixe de luz. Eles balançaram no ar, se debatendo inutilmente e ainda assim sendo arrastados.

Tinha tido tanta certeza que iam derrotar os aliens usando o vírus tirado dos poços de alcatrão, mas os aliens tinham devolvido o frasco vazio, quase com *desdém*.

Mas essa não era a pior parte. A pior parte era que Luna se fora. Transformaram Luna em um deles, e doía mais do que Kevin jamais imaginou que qualquer coisa podia doer.

Chloe gritou ao seu lado enquanto subiam, tropeçando no ar que parecia ter se esquecido qual lado era pra baixo. Kevin podia escutar seu medo, mas também sua raiva.

Metal se fechou a sua volta, e eles despencaram juntos no chão da pequena nave que os havia sugado. Kevin lutou pra se levantar, se preparando, meio esperando ser atacado por alguma força alien.

Em vez disso, se viu de pé no meio de uma sala grande e redonda de paredes brancas. Havia um portal circular no chão que parecia poder se abrir e fechar como a lente de uma câmera, e nada mais.

Chloe andou até uma das paredes e bateu nela com o punho.

“Kevin, o que a gente vai fazer?”

Kevin queria poder responder. Mas depois de tudo que tinha acontecido lá embaixo, não achava que tinha respostas para mais nada.

“Eu não sei,” ele disse.

Chloe bateu na parede de novo, um soco de som surdo contra o interior.

“Chloe, isso não vai—”

De repente, eles estavam de pé sobre o ar. A parede agora era translúcida como vidro, e Kevin tinha uma visão clara de Sedona desaparecendo sob seus pés, e a nave maior acima a qual estavam se dirigindo.

De tão perto, Kevin podia ver a porta—mais como uma boca cavernosa—aberta para recebê-los, deixando a nave entrar no que deveria ser um hangar. Alguma coisa ondulou quando eles a atravessaram, algum escudo ou membrana que deveria estar lá para manter a atmosfera presa.

“Incrível,” disse Chloe, arfando.

Kevin teve de concordar. O hangar era grande o suficiente para dúzias de naves, todas conectadas a passarelas. A nave deles se prendeu a uma delas.

Eles frearam subitamente, e uma seção da parede deslizou, revelando uma passagem aberta.

Kevin e Chloe se entreolharam. Por que não foram recebidos? Atacados?

“Eles querem que a gente saia andando?” Chloe perguntou. “Por que não nos mataram ainda?”

Kevin também se perguntava.

“Pode ser uma armadilha,” ele disse.

Ela começou a chorar.

Kevin pôs uma mão no seu braço. Ele sabia como as coisas podiam dar errado, e seus pensamentos se dividiram entre preocupação por ela e apreensão pelo que podia estar acontecendo ali. Por que estavam sozinhos? Por que não foram recebidos pelo equivalente alienígena da polícia ou soldados esperando por eles?

“A gente sai?” Kevin perguntou. “Ou ficamos aqui?”

Ela olhou para ele.

“Nenhuma opção parece segura,” disse.

Chloe deu um passo na direção da entrada, para surpresa de Kevin, e ele a seguiu. Mas ela parou de repente, esbarrando de cara com alguma coisa. Era uma ilusão—uma parede transparente que a impedia de passar, mas permitia que olhasse para fora.

Então a pequena nave deles começou a se mover de novo, lentamente, pelo gigantesco hangar.

Kevin chegou perto e olhou para fora com admiração. O hangar era enorme e arredondado, parecendo tão crescido quanto construído, as paredes pulsando fracamente com poder. Mas além das fileiras e fileiras de naves, o lugar estava vazio.

Não haviam outros prisioneiros, nem máquinas trabalhando, e nem alienígenas.

“Cadê todo mundo?” Chloe perguntou, ecoando seus pensamentos.

Kevin não respondeu, porque estava ocupado olhando para a Terra. Sedona estava abaixo deles, e parecia tão perto, mas tão dolorosamente longe.

“Por que não estamos caindo nessa direção?” ele se perguntou em voz alta.

Chloe franziu o rosto para ele, olhou em volta, e deu de ombros. “Não sei. Talvez a gravidade funcione diferente aqui. Mas ficou meio feliz de não cair.”

Kevin também estava feliz, porque teria sido uma queda muito longa. Demorou um momento para perceber que a cidade parecia estar cada vez mais longe a cada momento, recuando pouco a pouco, os prédios diminuindo até Kevin não poder mais distingui-los.

“Ainda estamos nos movendo!” ele disse. “Estamos indo pro espaço!”

Apesar de tudo, apesar dos horrores que haviam sido impostos ao seu mundo, e o perigo em que provavelmente se encontravam, apesar de terem falhado em destruir os alienígenas, Kevin teve que admitir uma parte de si estava animada. A ideia de finalmente ir para o espaço era quase incrível demais para acreditar.

“Seria legal se não fosse por *onde* estamos indo,” Chloe apontou.

Kevin pode escutar o medo dela, e até podia sentir um pouco ele mesmo. Se estavam subindo, só havia um lugar aonde poderiam estar indo, e seria um lugar perigoso para os dois. A nave planeta sobrevoava acima, sua superfície rochosa pontuada por torres pontudas como espigas, mas tirando isso, quase completamente lisa.

Era assustador, mas a questão era, também podia ser a melhor chance deles de realmente *fazer* alguma coisa sobre tudo aquilo.

“Eu sei que você está com medo,” Kevin disse. “Mas não tem nada que a gente possa fazer pra sair daqui. E olhe pelo lado bom: não tínhamos como impedi-los lá na Terra. Talvez a gente consiga aqui em cima.”

Chloe bufou. “De que jeito?”

Kevin deu de ombros. Não sabia ainda. Tinha que ter um jeito. Talvez houvesse uma maneira de desligar as coisas quando os aliens não estivessem olhando. Talvez houvessem meios de expulsá-los, ou lutar contra eles, ou até matá-los.

“Temos que tentar,” Kevin disse.

Não podia deixar de pensar em Luna. O que aconteceu com ela foi muito pior do que ser transportado em uma nave alienígena qualquer.

Eles permaneceram em silêncio, assistindo enquanto a Terra ficava menor e menor lá embaixo. Logo, era do tamanho de uma melancia, então uma bola de baseball, então uma bolinha de gude contra o céu noturno.

Kevin se virou e olhou para a nave mãe. Não tinha percebido direito quão grande o planeta alien era antes, e foi só quando a nave virou e se

moveu no espaço que ele teve uma noção real de quão grande ele era.

“É um mundo de verdade,” Kevin disse, incapaz de conter o deslumbramento em sua voz.

“A gente sabia disso,” Chloe disse. “Estava lá em cima no céu.”

“Mas um mundo *de verdade*...”

Havia uma diferença muito grande entre ver alguma coisa de longe e estar lá. Como a lua, Kevin podia ter coberto a nave planeta com a palma da mão da Terra, mas agora que estavam ali, ela seguia tão longe quanto os olhos podiam ver em todas as direções. Havia estruturas na superfície, embora a maior parte parecesse estéril e vazia, apenas com torres gigantes espetadas como as espinhas de um ouriço do mar. Havia também aberturas como bocas, tão grandes que mesmo uma nave como a deles podia caber sem tocar os lados. Kevin não podia imaginar o que poderia ter talhado aberturas como essas em um mundo, mas no momento eles tinham coisas mais importantes com o que se preocupar.

“Acho que vamos entrar,” Kevin disse. Não apenas no mundo, mas dentro dele, além da casca exterior da superfície.

Chloe não pareceu feliz com isso. “Vamos ficar presos. Nunca vamos achar a saída.”

“Nós vamos,” Kevin assegurou.

Ele tinha que acreditar nisso. A alternativa é que eles se dirigiam as suas mortes conforme a nave que os carregava descia até a superfície do mundo...
...e através dela.

Kevin olhou ao seu redor. Todo interior da nave planeta era como uma casca vazia, e lá dentro havia tudo que Kevin podia esperar da superfície de um planeta. Havia oceanos e massas continentais, veículos andando pra lá e pra cá, e cidades tão enormes que pareciam tomar quase todo pedacinho de terra disponível, transformando a grande nave em uma colmeia gigante de atividade. Espirais se levantavam em pontos diferentes da vasta cidade, douradas e brilhando, parecendo palácios contrastando com o resto. Um grande orbe dourado-avermelhado pulsava no coração do planeta, emitindo calor e luz.

Kevin achou que podia ver figuras lá embaixo, mas ainda estavam muito distantes para distinguir os detalhes.

“Aliens,” Chloe disse, olhando para baixo. “Não pessoas controladas por eles, não mensagem, não só vozes... aliens.”

Kevin entendeu o que ela quis dizer. Todo esse tempo, eles só tiveram pistas dos aliens, visto só os efeitos do que eles podiam fazer. Agora estavam no mundo dos aliens, e ele era *enorme*.

Sentiram o impacto quando a nave que os carregava se fixou no planeta, estabilizando a vista de uma cidade ao seu redor em que criaturas de tamanhos e formas impossíveis andavam em ângulos estranhos, presos no lugar de lado e de cabeça para baixo, desafiando a gravidade. Ou talvez apenas controlassem a gravidade, de forma que qualquer direção podia ser “pra baixo.”

Dessa vez, a porta abriu de verdade. Kevin podia sentir a leve brisa no rosto, quente e amena, com um cheiro diferente de qualquer coisa que já tinha sentido.

Mas o que mais o surpreendeu foi o que os esperava do outro lado.

Um trio de figuras estava lá, esperando para recebê-los.

Eles eram quase idênticos, o que nesse lugar parecia impossível para Kevin. Eram altos e sem pelos, pálidos, com olhos que lembraram Kevin de uma vespa, exceto por serem de uma cor branca pura, leitosa. Usavam longas vestes por cima de pálidos macacões, e cada um parecia ter uma coleção de dispositivos de metal, e ocasionalmente de carne, ao longo do corpo.

O que estava no centro do trio falou. Suas palavras saíram em Inglês de um tradutor em seu braço, mas Kevin não precisava que traduzissem o tom chato e monótono. Seu cérebro fez isso por ele.

“Bem vindo, Kevin McKenzie. Esperávamos por você.”

CAPÍTULO DOIS

Kevin encarou o alien que tinha falado, tomado de horror.

O alien o encarou de volta com aqueles grandes olhos pálidos, e falou novamente enquanto os dois outros ao seu lado permaneceram em silêncio, as palavras se traduzindo na cabeça de Kevin antes que o tradutor o fizesse.

“Este aqui é Xan Mais Puro da Colmeia,” o alien disse. “Os dois ao lado deste aqui são Ix Mais Puro e Ull Mais Puro. E vocês são Chloe Baxter e Kevin McKenzie, os símios do planeta Terra.”

Kevin estava aturdido. Levaram vários segundos para se recuperar.

“Somos humanos,” Kevin disse, querendo corrigi-los, falar com eles, até persuadi-los. Afinal, estavam falando com ele de um modo que não tinham se dado ao trabalho de falar com mais ninguém.

“Como eu disse,” Xan Mais Puro retrucou, “símios. Criaturas inferiores, mas talvez criaturas de que valha a pena aprender alguma coisa.”

Não havia emoção no jeito que o alien disse isso, mas havia alguma coisa sobre o jeito em que falava sobre aprender deles que deu calafrios na espinha de Kevin.

“O que quer dizer?” Kevin exigiu. “O que vai fazer com a gente?”

“Nossas naves planeta viajam para reunir recursos,” Xan Mais Puro disse. “Tecnologia, minerais, mentes, corpos que possamos remodelar. Vamos testá-lo e estudá-los até que se provem inúteis. Então vamos descartá-los.”

Kevin viu o rosto de Chloe ficar pálido, e podia partilhar desse medo. A ideia de ser desmembrado para estudo e então descartado era aterrorizante.

“Não temos medo de vocês,” Chloe disse, lutando para colocar um tom de desafio na voz.

“Sim, vocês têm,” Xan Mais Puro disse. “Vocês são criaturas inferiores, com medos e necessidades, fraquezas e falhas. Não pertencem à Colmeia. Não são dos Mais Puros. Não temos tais fraquezas, apenas as melhorias dos nossos modeladores de carne.”

“Você acha que é perfeito?” Chloe exigiu. “Acha que com *essa* cara, você é perfeito?”

“Ainda não,” Xan Mais Puro disse. “Mas seremos. Chega de falar com criaturas inferiores.”

O alien se virou para os outros que o acompanhavam, e Kevin sabia que a próxima coisa que ia dizer era *agarre-os*.

“Corre!” ele gritou para Chloe, e eles viraram para longe dos aliens, arrancando tão rápido quanto podiam para longe da praça. Kevin correu tanto o máximo que seu corpo permitiu, ignorando a dor e o esforço, ignorando o modo como sua doença tentava arrastá-lo a cada passo, e esperando que, se ele e Chloe pudessem ganhar chão o bastante, poderiam despistar Xan Mais Puro e os outros no caos da nave planeta.

“Aonde estamos indo?” Chloe perguntou.

“Não sei,” Kevin disse. Não tinha nenhum plano no momento, nenhuma ideia do que iriam fazer a seguir.

Ele continuou a correr, arriscando uma espiada rápida para ver se os aliens os estavam perseguindo. Eles só ficaram parados, aparentemente se concentrando. Um deles tocou alguma coisa em seu braço.

De repente, o mundo ficou mais pesado. Parecia que grandes pesos estavam pressionados em cima de Kevin, sólidos demais para levantar. Ele lutou para continuar de pé, e viu que Chloe estava fazendo a mesma coisa, empurrando como se pudesse levantar o céu acima de si. Mas não era o ar; parecia que os próprios ossos e músculos de Kevin estavam pesados demais, a gravidade o puxando pra baixo na direção do chão muito mais forte do que deveria ser.

“É o negócio que deixa eles andarem nas paredes,” Kevin disse, pensando no modo como os aliens podiam andar de lado e de cabeça pra baixo pelo interior da nave planeta. Se podiam controlar a gravidade bem o bastante para fazer uma coisa dessas, *claro* que fariam.

Chloe gritou, “Está me arrastando pra baixo. Estamos *presos!*”

Ela parecia prestes a entrar em pânico, assim como esteve na nave espacial.

A gravidade o colocou de joelhos, a pressão tornando difícil respirar. Ele caiu para frente, sentindo o peso do próprio corpo o prendendo no chão.

Um grito de frustração de Chloe o informou que a mesma coisa devia ter acontecido com ela. Kevin precisou de tudo que tinha só para conseguir virar de costas e olhar para onde ela estava, presa do mesmo modo.

“Não, me solta! Me *solta!*” ela gritou. Kevin podia vê-la chorando enquanto tentava se debater até estar livre da força que a prendia no lugar.

Então os três aliens estavam lá, e deviam ter enviado algum sinal para os outros, porque duas criaturas troncudas com carapaças feito armaduras saíram da espiral dourada, carregando o que pareciam ser duas grandes armações de metal. Eles as puseram perto de Kevin e Chloe, colocando-as

de pé de modo que Kevin pode ver as folhas de vidro dentro delas, parecido com duas janelas que ficavam de pé sozinhas.

“A tentativa de fuga foi insensata,” Xan Mais Puro disse. O alien deu um sinal para as duas criaturas de armadura, e elas se inclinaram para agarrar Chloe do chão. Assim que a levantaram, ela começou a se debater e torcer, lutando para se livrar, mas eles a seguraram tão fácil quanto uma pena enquanto ela chorava.

“Para com isso,” Kevin disse. “Deixa ela em paz!”

Não pareceu fazer diferença nenhuma para eles. As criaturas eram tão implacáveis quanto máquinas, se movendo com o tipo de força que sugeria que podiam facilmente ter rasgado Chloe e Kevin em pedaços. Pegaram Chloe e a puseram contra uma das placas transparentes, e um dos Mais Puros pressionou alguma coisa no próprio braço de novo. Chloe grudou tão firmemente quanto se tivesse sido colada ali, ainda lutando, e ainda chorando quando nada aconteceu.

Vieram atrás de Kevin então, e grandes mãos se fecharam ao redor de seus braços, o levantando e pressionando contra o segundo painel de vidro sem lhe dar uma chance de lutar. Kevin os chutou, mas seu pé só quicou no couro blindado. Então o alien tocou em seu mecanismo, e Kevin grudou no vidro assim como Chloe.

Mas a sensação não era de estar colado a alguma coisa. Não era grudento. Era mais como estar deitado, exceto que não tinha chance nenhuma de se levantar por causa da gravidade o pressionando no lugar. Não era tão forte como no chão; era até bastante confortável se ele não tentasse lutar, mas Kevin não tinha como se livrar daquilo.

“Kevin,” Chloe disse, angustiada, presa na própria armação.

“Estou bem aqui, Chloe,” ele disse. Não tentou prometer que tudo ia ficar bem. Não era uma promessa que pudesse fazer agora. “Não vou a lugar nenhum.”

Mas parecia que eles iam para *algum* lugar, porque os aliens grandes e blindados levantaram as armações, carregando os dois como construtores colocando painéis de vidro em posição. Estranhamente, Kevin não teve a sensação de estar sendo levantando, porque para ele, *pra baixo* ainda parecia ser na direção da armação.

“Onde vocês estão nos levando?” Chloe exigiu. “Deixem a gente ir!”

“Tente ficar calma,” Kevin disse, torcendo para que nada do medo que sentia naquele momento aparecesse na sua voz. Ele estava com medo do que

poderia acontecer com os dois, mas estava com muito mais medo por Chloe. Com o tanto que ela odiava ser presa, essa era a pior coisa possível que podia acontecer com eles.

Exceto que não era, e Kevin sabia disso. Ainda havia bastante coisas piores que podiam acontecer. *Iriam* acontecer, se eles não descobrissem como se livrar.

Os aliens os carregaram na direção de uma espiral dourada, através de uma larga porta que se abriu automaticamente para recebê-los. O interior era tudo que o resto da nave planeta não era: clara e brilhante e confortável, de modo que para Kevin tinha a aparência que um hotel luxuoso poderia ter, ou talvez um palácio. Também não havia a enorme variedade de ângulos e direções; ao contrário do resto da nave, todos pareciam ter concordado com qual lado era para cima.

Eles carregaram Kevin e Chloe até uma sala onde grandes máquinas em formato de domos se amontoavam, parecendo meio construídas, meio plantadas. Uma seção da parede tremulou com uma imagem da Terra abaixo, e Kevin não sabia se foi simplesmente para evitar que as paredes ficassem lisas, ou como um tipo adicional de crueldade.

Xan Mais Puro os seguiu para dentro da sala, se colocando entre eles, perto de um dos mecanismos em forma de domo. Ele retirou coisinhas pequenas, parecidas com lulas, de uma abertura no domo uma por uma, cada uma menor que a ponta dos dedos do alien. Xan Mais Puro as colocou na cabeça de Kevin, onde elas grudaram, quentes e gosmentas ao mesmo tempo.

“O que é isso?” Kevin exigiu. “O que vai fazer com a gente?”

“Vamos examiná-los,” Xan Mais Puro respondeu. “Vamos determinar qual utilidade podem ter para a Colmeia. Será doloroso.”

Disse isso como se não fosse nada, ou pelo menos como se não se importasse. Kevin podia escutar Chloe chorando de novo agora, e queria dizer alguma coisa, queria confortá-la. Então a dor chegou, e não houve tempo para fazer mais nada a não ser gritar.

A sensação foi de dedos frios inspecionando seus pensamentos, erguendo coisas e as botando de volta no lugar, ou talvez fossem os tentáculos das coisas grudadas na cabeça de Kevin. Ele tentou empurrá-las para fora, concentrando-se tanto quanto pode, mas não fez diferença; só doeu mais.

Kevin podia sentir outras presenças agora, dúzias de mentes, centenas, conectadas em uma forma de comunicação silenciosa, sua presença coletiva pressionando-se sobre ele e explorando cada canto de seu ser. Ele se escutou

gritar, e escutou Chloe gritar também, sugerindo que exatamente a mesma coisa estava acontecendo com ela.

Kevin viu imagens então, inundando sua consciência e piscando ali. Eram imagens de seus amigos, sua família, de tudo que aconteceu recentemente. Kevin viu imagens dos Sobreviventes pulando em sua mente, e tentou pensar sobre outra coisa, qualquer outra coisa, para que os aliens não soubessem onde eles estavam. Mas podia sentir sua falta de interesse; não fazia diferença para eles.

Ele começou a ver outras coisas, visões piscando dentre o resto, mas a verdade era que não podia dizer se eram mesmo visões ou alguma coisa fluindo de volta pela conexão à coletiva da Colmeia. As imagens preencheram sua mente, obscurecendo a dor, a sensação de estar preso no lugar, até o medo pelo que estava acontecendo com Chloe.

Ele viu um planeta flutuando no espaço, grande e fosco. Luas giravam ao seu redor, mas mesmo enquanto Kevin assistia, percebeu que não eram luas naturais, e sim mais naves planeta. Ele viu uma se mover para fora de órbita, o espaço ao seu redor se dobrando e torcendo conforme ela se movia impossivelmente rápido para um objeto daquele tamanho.

Sentiu sua consciência sendo puxada para baixo na direção da superfície do planeta, e conforme a alcançava, viu que a superfície estava explodida e arruinada, poluída e inóspita. Apesar disso, haviam cidades, cheias de figuras curvadas que pareciam similares aos Mais Puros, mas dobradas e mudadas, sua carne torcida para viver no ambiente arruinado. Kevin achou difícil acreditar que qualquer um iria querer viver num ambiente desse tipo, mas através de sua conexão com a Colmeia, sabia que essas figuras não tinham escolha. Eram aqueles não escolhidos para a nave planeta.

Ele viu outras coisas lá. Viu os campos de criaturas roubadas de mundo após mundo. Viu as fábricas de carne onde elas eram testadas e reformadas, torturadas de todos os modos, com eletricidade e fogo e muito mais. Viu criaturas dissecadas vivas, ou forçadas a se reproduzir umas com as outras em combinações que produziam monstros. Dentre a desolação do planeta destruído, também viu pequenos domos verdes, como ilhas de perfeição no horror do resto. Kevin não ficou surpreso de ver torres douradas no coração de cada uma.

Ele voltou a si mesmo, engasgando, sentindo como se cada restinho de energia tivesse sido arrancado de dentro dele. Ficou deitado na plataforma, olhando em volta e vendo apenas Chloe no quarto agora. As visões

pareceram ter durado apenas segundos, mas deve ter sido mais tempo, para dar Xan Mais Puro tempo de sair da sala.

“Chloe?” Kevin chamou.

Ele a escutou gemer, os olhos se abrindo quando olhou para ele. Eles estavam vermelhos de chorar quando ela o encarou.

“Eu vi... eu vi...”

“Eu sei,” Kevin disse. “Eu vi também.”

“Eles vão nos matar,” Chloe disse. “Vão nos abrir pra ver como a gente funciona. Vão fazer experimentos como uma criancinha puxando as asas de uma mosca.”

Kevin teria concordado com a cabeça se pudesse tê-la puxado para longe da armação tempo suficiente. Mas esse era o problema: eles podiam falar sobre como precisavam dar o fora dali, eles podiam ver tudo que estava para acontecer, mas ainda assim não podiam se mover. Tudo que podiam fazer era ficar deitados ali, encarando a tela à sua frente, e a Terra rodando devagar nela.

Demorou um ou dois segundos para perceber que estava ficando menor.

Foi gradual no começo, o planeta diminuindo um pouquinho de cada vez. Então começou a se mover mais rápido, e mais rápido ainda, recuando até ser apenas um ponto. Então não era nem isso, conforme o espaço ao redor da nave planeta se dobrou e disparou para longe pelo espaço.

Kevin encarou a tela, horrorizado. Ele não sabia aonde estavam indo, ou porque, mas qualquer coisa que pudesse persuadir os aliens a mover a nave toda para longe da Terra, ele sabia que não podia ser bom para ele, nem para Chloe.

Ou Luna.

CAPÍTULO TRÊS

Luna lutou. Com todo pedacinho de energia que conseguiu achar, ela tentou lutar contra a imobilidade se arrastando pelo corpo, tornando-a lenta, fazendo-a parar. Ela ficou de pé no centro de Sedona, no coração de um grupo de pessoas controladas, e sua mente gritava com o esforço ao tentar se impedir de virar um deles.

Parecia que seu corpo era de pedra, ou... não, mais como se seus membros estivessem dormindo, enquanto por dentro ela ainda estava acordada. Não podia sentir a ponta dos dedos, mas continuou a lutar. Mas podia se sentir caindo no estado de controle, se transformando cada vez mais e mais em uma prisioneira no próprio corpo. Como se estivesse presa atrás de vidro, sua personalidade e habilidade de controlar a si mesma apenas uma exibição em algum museu feito de sua própria carne e osso.

O mundo tinha até a *aparência* de ser visto através de algum tipo de vidro, estranhamente filtrado, as cores se movendo de forma que todas aquelas que Luna conhecia tinham uma opacidade leitosa, e cores novas se infiltravam nos cantos de sua visão. Luna não precisava de um espelho para saber que suas pupilas estariam de um branco vivido agora, e *odiava* isso.

Vou continuar a lutar, disse a si mesma. *Não vou desistir. Kevin precisa de mim.*

Apesar de sua determinação, era difícil ignorar o fato que suas pernas e braços não faziam o que os mandava fazer. Luna estava lá de pé, igual a todos os outros esperando em Sedona, tão parada quanto um boneco sem uso, incapaz de fazer mais que piscar e respirar por si mesma.

Luna lutou para fazer mais. Se focou no mindinho da mão direita, mandando que se endireitasse. Pareceu se mover dolorosamente devagar, mas se moveu. Se moveu! Ela tentou mover o próximo dedo, se focando em cada articulação, cada músculo...

Gritou por dentro quando nada aconteceu.

Pelo menos Kevin tinha escapado. Luna tinha visto ele passar pelas linhas de controlados e alcançar uma das naves. Ela tinha visto ele e Chloe serem sugados para uma delas também, e isso deixava Luna mais preocupada do que qualquer coisa que estava acontecendo com ela.

Você tem que lutar, disse a si mesma de novo. *Kevin está preso numa nave alienígena sem você. Você sabe que ele só vai arranjar encrenca sozinho, e nem do tipo divertido.*

Claro, Kevin não estava sozinho, mas essa ideia não melhorou a situação. Não era que Luna odiasse Chloe nem nada, mas era óbvio que ela gostava do Kevin, e... bom... Luna também. Estranho como isso era mais fácil de admitir quando sua mente estava ocupada sendo dominada por aliens, mas era, talvez porque soubesse que mais ninguém ia descobrir.

Ela tentou deixar na cara para ele um monte de vezes, mas ele nunca pareceu *entender*. Talvez fosse coisa de garoto, ou talvez fosse coisa do Kevin, capaz de compreender mensagens através da galáxia, mas nada que estivesse logo na sua cara. Agora ele estava em uma nave espacial com Chloe, e embora não estivessem exatamente sozinhos, Luna tinha bastante certeza que aliens não contavam. Mesmo que nada acontecesse, Luna ainda não tinha certeza se Chloe era uma boa opção para trazer Kevin de volta em segurança. Sim, ela tinha ajudado Luna no barco, e podia fazer ligação direta num automóvel, mas isso não era o mesmo que roubar uma nave alienígena, e Luna não confiava que ela não fosse entrar em pânico quando as coisas dessem errado.

Então as coisas *deram* errado, e Luna viu perfeitamente.

Em um momento, a nave planeta dos aliens pairava como uma lua no céu; no próximo, o céu ao redor dela ondulou e piscou, como se o espaço fosse um lago em quem alguém tivesse atirado uma pedra. A nave planeta começou a flutuar para longe, sua sombra passando pelo céu. Houve um momento em que o espaço pareceu se dobrar ao redor dela, e então se fora, movendo-se muito mais rápido do que Luna podia acompanhar.

Por um breve momento, esperança irrompeu dentro dela. Tinha acabado? Kevin tinha subido na pequena nave acima de Sedona, e essa nave entrou na nave planeta, e agora ambos tinham sumido. Ele tinha achado um jeito de acabar com tudo? Ele e Chloe tinham salvo todo mundo?

Luna tentou mover um braço, cheia de esperança, mas nada aconteceu. Nada tinha mudado.

Um latido ao seu lado chamou a atenção de Luna. Bobby estava lá, o pastor inglês correndo até Luna e empurrando suas pernas de um jeito que a teria derrubado antes dos controlados respirarem seu vapor sobre ela. Mas do jeito que as coisas estavam, ela permaneceu solida como pedra, sem ser movida ou se mover, sequer reagindo quando ele se tocou a mão dela, lambendo com sua língua grande e áspera.

Bom garoto, Luna pensou, e tentou dizer, mas não conseguiu fazer os sons saírem. Também não conseguiu esticar a mão para fazer carinho nele, e

isso só era prova de quanto controle os aliens ainda tinham sobre ela. Bobby a empurrou de novo e depois correu como se esperasse que ela o seguisse, e quando não seguiu, ele se deitou e chorou, olhando para ela com grandes olhos tristes.

Sinto muito, Bobby, Luna pensou, mas também não conseguia dizer isso.

Não era a única coisa pela qual sentia. Ao seu redor, Luna podia ver os motoqueiros de Dustside de pé e tão parados quanto todo o resto. Podia ver Bear acima de todos, todo senso de força e comando drenado dele pela transformação. Podia ver Cub só um pouquinho mais longe, o menino encarando-a com o olhar vazio, quantes antes tinha sido confiante e obviamente interessado nela.

Você ainda está aí? Luna se perguntou da prisão de sua mente. Será que todo mundo que foi transformado estava preso desse jeito? Sentados por trás do branco puro de suas pupilas, horrorizados enquanto os aliens controlavam todo movimento que faziam? Luna não sabia se queria que Cub não estivesse sofrendo desse jeito, ou se queria que estivesse, porque pelo menos assim ele ainda estaria lá, e pelo menos haveria uma chance de trazê-lo de volta.

Que chance? Luna pensou. Que esperança havia para qualquer um deles? Ninguém tinha voltado até agora. Os aliens tinham transformado quase todo mundo, e quem se transformou permaneceu transformado. Não era como gostar da banda errada; não era como se o efeito fosse passar se você esperasse o bastante.

Ela podia ouvir sons agora, no fundo de sua mente. Reconheceu os guinchos e os cliques, a estática e o zumbido, porque já havia escutado várias vezes antes quando Kevin estava traduzindo os sinais alienígenas. Luna reconheceu que era a língua deles, mas ainda não tinha ideia do que significava.

Ela podia não saber, mas parecia que seu corpo sabia. Luna percebeu que estava se movendo, se juntando as outras pessoas por ali como algum tipo de unidade militar. Não sabia quem estava dando ordens se a nave alienígena principal se fora. Talvez alguns dos aliens estivessem na superfície.

Não importava; quem quer que estivesse lhe dando ordens, Luna se viu obedecendo. Começou a marchar com os outros, se espalhando com eles pelas ruínas de Sedona, levantando os escombros e examinando as casas.

Luna sentiu que estava vendo tudo de longe, assistindo a si mesma levantar pedras e puxar pedaços de madeira com as mãos nuas. Viu a si

mesma se movendo junto com Cub e os outros, limpando a cidade com a eficiência de formigas cortando folhas ou abutres estripando uma carcaça de carne.

Escutou Bobby latindo de novo, e então estava novamente ao seu lado, chamando e correndo ao redor dela como se pudesse distraí-la do que estava fazendo. Lambeu sua mão de novo, e fechou os dentes no seu braço. Não com força, mas como se estivesse manejando um filhote escapulido e o colocando de volta na linha.

Bobby era forte, e provavelmente tão pesado quanto ela, mas Luna se livrou dele como se nem estivesse lá. Continuou a trabalhar, reunindo materiais e os juntando em pilhas, classificando eficientemente, como uma máquina.

Luna viu cortes e arranhões surgindo em seus braços do esforço de mover os materiais, mas não os sentiu. Eles estavam tão adormecidos como se estivessem no gelo por horas, a dor insulada pelas camadas de controle alienígena.

Agora Luna podia sentir esse controle, enquanto Bobby continuava a latir e correr ao seu redor. Podia sentir o que queria que ela fizesse, e lutou, a pequena parte de si que ainda era *ela* horrorizada pela ideia, mesmo enquanto o resto de si levantava uma pedra.

Não! comandou a si mesma. *Não vou fazer. Não vou fazer isso!*

Lutou contra os impulsos com cada fibra de seu ser, puxando o braço de volta com uma força de vontade que tinha resistido a tudo, desde as instruções dos pais até o oceano raivoso. Por um momento ou dois, pareceu que até conseguiu fazer o corpo hesitar, congelado na beira de uma ação. Mas era demais, como tentar segurar o peso de uma avalanche com as mãos nuas. Com um grito interno de desespero, Luna sentiu a avalanche soterrá-la.

Se virou e atirou a pedra em Bobby, chorando enquanto o fazia.

Ele ganiu, então gemeu e saiu correndo, mancando um pouco de uma pata. Não importava quanto sua mente se jogasse contra os limites da jaula que a prendia, a prisão de seu corpo continuava a trabalhar, levantando e rasgando, separando recursos e os empilhando em ordem para coleção, apesar da nave sobre Sedona não estar mais lá.

Ela tentou contar os minutos que passavam, tentou acompanhar o tempo que ia se esvaindo, mas não havia jeito fácil de fazê-lo. Seu corpo mantinha os olhos no trabalho, não no progresso do sol, e se ela ficou cansada ou com fome, não sentiu. Nos recessos mais profundos de sua mente, Luna entendia

agora como os controlados eram tão rápidos e fortes: eles não se importavam com a dor ou o cansaço que teria impedido pessoas normais. Enquanto a maior parte das pessoas parava com folga dentro dos limites do que seus corpos podiam fazer, os controlados eram forçados o tempo todo pelos aliens que os comandavam.

Que nos comandam, Luna se corrigiu.

Não queria pensar em si mesma como um deles, mas Luna não sabia como se distrair de nada daquilo. Não podia fechar os olhos para bloquear o mundo. Não podia se impedir de fazer nada. O melhor que podia fazer era tentar se agarrar às memórias de sua vida antes disso: sentada com Kevin na margem do lago onde ele contou de sua doença, indo para escola e... e...

Ela se agarrou numa lembrança, pensando em um dia quando ia se encontrar com Kevin depois da escola. Tinham combinado de ir em uma pizzeria de esquina não muito longe de casa. Podia se lembrar da sensação, como tinha sido caminhar pela cidade, até um lugar que tinha sido só deles, de que ninguém mais sabia, atrás de uma das cercas de madeira ao redor de uma casa velha no caminho, onde ninguém tinha vivido por anos.

Para chegar lá, tinha que escalar pela forquilha de uma árvore velha que era uma abertura entre uma pilha de lixo velho, e então correr pelas tábuas de um telhado baixo do jeito *certinho* para que os pés não se enfiassem na madeira, o tempo todo vigiando para que ninguém que pudesse gritar com ela por estar onde não deveria a visse.

Em outras palavras, era exatamente o tipo de rota pela qual Luna adorava correr. Passava por ela com o tipo de velocidade e disposição de se enlamear que provavelmente teria feito os pais suspirarem se a vissem. Enquanto corria, se viu pensando em Kevin, se perguntando se hoje era o dia em que ele finalmente ia pedir um beijo.

Talvez não fosse; ele podia ser bem sem noção com as coisas às vezes.

Passou pelos jardins, até o lugar onde ela e Kevin iam se encontrar. Escutou um barulho do outro lado da cerca, e viu Kevin e uns garotos que nunca tinha visto antes.

“O que tá fazendo aí atrás?” um deles perguntou. “Se escondendo pra ninguém te encontrar?”

“Não estou me escondendo,” Kevin insistiu, o que Luna adivinhou ser apenas a pior coisa que podia ter feito.

“Tá dizendo que eu sou mentiroso?” o menino perguntou. Ele empurrou Kevin, de modo que Kevin colidiu com a parede atrás. “Tá me chamando de

mentiroso?”

Luna deslizou pela abertura da cerca. “Eu estou,” declarou. “Estou dizendo que você é um mentiroso, e um valentão, e se me der uns segundinhos, provavelmente vou pensar em mais um monte de coisas pra te chamar.”

Ele se virou para ela. “É melhor você correr. Isso é entre eu e ele.”

“E seu amigo, não vamos esquecer,” Luna disse.

“Tá sendo bocuda porque acha que eu não bato em garota! Bom—”

Luna o socou no nariz, tanto porque estava com tédio esperando ele fazer alguma coisa quanto por qualquer outro motivo. Ele urrou e saiu correndo atrás dela enquanto Luna disparava.

Ela não o guiou de volta por onde tinha vindo, porque essa era a rota *dela*, mas conhecia várias outras. Só por diversão, correu por um jardim onde a piscina estava sempre cheia, escutando um *splash* quando um dos meninos errou a curva. De lá, escalou um dos telhados, e então cortou pelo parque, e atravessou para o jardim onde o cachorro grande e zangado vivia, cuidando para pisar só fora do alcance da correia dele. Um rosnado e um berro de raiva atrás de Luna a informou que o segundo dos meninos tinha ficado para trás.

“Vou te pegar por isso!” ele gritou.

Luna riu. “Não vai não, a não ser que queira explicar pro pessoal como eu consegui te socar e me safar.”

Ela correu de volta na direção de Kevin, que estava esperando lá com a confiança de quem já tinha visto essa história antes.

“Sabe, eu podia ter encarado,” disse, tentando parecer durão.

Luna conseguiu não dar risada. “Mas é mais *divertido* desse jeito. Vamos lá, você pode me pagar uma pizza por te salvar.”

“Mas você não me salvou. Eu podia ter encarado...”

Luna sorriu com a memória, ou teria, se conseguisse mover o rosto. Tentou se lembrar do nome do garoto, porque tinha certeza que costumava saber. Mas que garoto? No que ela estava pensando? O fato de não conseguir se lembrar fez Luna travar de horror. Estava pensando nisso há só um segundo e agora tinha desaparecido, como... como...

Luna tentou segurar as memórias, realmente tentou. Ela sabia que *tinha* memórias; uma vida inteira delas. Tinha amigos, e uma vida, e pais... definitivamente tinha pais, então por que não conseguia lembrar de seus rostos? Talvez não tivesse pais. Talvez tudo isso fosse só uma piada doentia. Talvez ela sempre tivesse sido assim, e só estivesse com algum defeito, sentindo que era diferente como uma distração do trabalho que os aliens precisavam que fizesse...

Não, Luna pensou ferozmente, eu sou eu. Sou Luna. Eles me transformaram, e eu tenho memórias de verdade... em algum lugar.

Mas não tinha certeza. Toda vez que tentava agarrar o que parecia ser o começo de uma memória, ela sumiu em uma grande névoa de pensamentos que parecia estar consumindo toda parte dela. Luna tentou se arrastar para longe da névoa, mas esta estava se alastrando mais e mais nas bordas de quem ela era, preenchendo tudo, levando embora pequenos pedaços de memórias, de palavras, de personalidade.

De repente, ela viu alguma coisa. Era diferente o bastante para captar sua atenção, mesmo que só por um segundo.

Havia um homem se aproximando. Se movendo sem medo. Um homem de verdade. Não um controlado.

Como pode ser?

Enquanto que Luna e os outros se moviam em sincronia quase mecânica, ele se movia em pequenas corridas e pulos furtivos, segurando o que parecia algum tipo de arma nos braços.

Mas não se parecia com um soldado. Parecia mais com um pirata, misturado com um professor. O cabelo era selvagem e espetado, meia dúzia de brincos cobriam uma orelha, e ele tinha vestígios de uma barba mal cuidada. Estava usando uma jaqueta de lã e uma camisa de botões por cima de jeans e botas de escalada. Ele *não* estava usando uma máscara, o que não fazia nenhum sentido.

Luna se moveu na sua direção, levantando as mãos para agarrá-lo tão rápido que ele não pode nem pensar em pular para trás, ou talvez só não quisesse tentar. Apesar de ser um adulto e ela apenas uma criança, ainda tinha força o bastante para segurá-lo enquanto sua boca se abria cada vez mais, uma grande nuvem de vapor fervendo na sua garganta, querendo ser liberta. Sentindo-se quase culpada, ela respirou na direção do homem, o envolvendo em uma nuvem de vapor grossa o suficiente para deixá-lo tossindo.

Luna deu um passo pra trás, os aliens que a controlavam obviamente esperando que ele se transformasse. Mas ele ficou lá parado, levantando a arma que segurava, e Luna sentiu uma pontada de medo. Ela podia não sentir dor, mas tinha quase certeza que se alguém a danificasse o bastante, ainda podia morrer. Por um momento, se viu desejando que o vapor que respirara tomasse o controle antes que ele tivesse a chance de atirar. Não queria morrer. Então se sentiu culpada por pensar assim. Não desejaria isso para ninguém.

Mas a arma não disparou.

Em vez disso, uma nuvem de vapor azul-esverdeado saiu do cano, inundando os pulmões de Luna com cada respiração. Ela avançou para ele para quebrar a arma no meio, e provavelmente quebrá-lo também, mas a coisa mais estranha aconteceu quando seus braços estavam a meio caminho.

Ela parou.

Em um único momento, ela congelou no lugar, seu coração batendo mais e mais rápido. Sentiu seu mundo inteiro girar.

Luna caiu de joelhos sem querer. Sentiu eles arranhando na calçada, realmente *sentiu*, e a sensação retornando era como sangue correndo de volta para um braço ou perna adormecido. Doeu e ela gritou.

Não podia acreditar.

Estava de volta.

De volta a si mesma. Não mais controlada.

Ela se cravou em suas memórias, se certificando que ainda estavam lá; que não tinham apenas se perdido para sempre. Pensou no rosto de Kevin, e seus pais como eles eram no primeiro aniversário de que podia lembrar. Soltou um suspiro de alívio, e não só por si mesma. Isso significava que as pessoas que tinham sido transformadas não estavam perdidas.

Queria berrar de alegria. Se levantar e abraçar esse homem e nunca soltar.

Olhou para ele admirada.

Ele sorriu de volta de um jeito curioso, acadêmico.

“Ora,” ele disse, “você parece estar respondendo muito mais rápido do que nos outros sujeitos em que eu tentei. Ah, perdão, e as minhas maneiras? Meu nome é Ignatius Gable. O vapor que você acabou de respirar é a vacina que eu criei para combater os efeitos do controle alienígena. Deve sentir o controle completo do seu corpo retornado. Agora, tenho certeza que têm muitas questões sobre o que está acontecendo, mas não podemos ficar

papeando aqui. Então, a não ser que nós dois queiramos morrer de vez, sugiro que venha comigo.”

Ela piscou, surpresa, e seguiu o olhar dele para ver inúmeros controlados se aproximando.

“AGORA!” ele gritou.

Os controlados desceram sobre eles como um enxame. Luna só pode assistir enquanto eles se amontoavam, tentando agarrá-los. Ignatius usou o spray de sua arma, mas para os outros, não parecia funcionar.

Luna saiu correndo, se jogando na multidão e passando pelos espaços vazios com toda vantagem que tinha por ser menor que a maior parte das pessoas ali. Se atirou debaixo de braços e correu por entre pernas, agarrando o braço de Ignatius e segurando forte.

Luna viu Cub, e Bear, e o resto deles, agarrou a arma e se virou.

“O que você está fazendo?” Ignatius gritou alarmado.

Ela espirrou uma nuvem que começou a desacelerar os controlados a sua volta, mirando em Cub e Bear e todo o resto.

“Anda,” ela disse, o dedo preso no gatilho. “Muda!”

Luna viu Cub começar a piscar na luz do sol, esticando as mãos e encarando os dois.

Olhou em volta até ver Bobby nas sombras de um prédio e ergueu a mão para ele.

Então ela se virou com os outros e correu.

E não parou de correr.

CAPÍTULO QUATRO

Kevin se encolheu quando Xan Mais Puro entrou na sala em que ele e Chloe estavam. Ficar lá parado sozinho e esquecido já era ruim o bastante, mas de algum modo ele sabia que não seria tão ruim quanto qualquer coisa que o alien quisesse fazer agora.

“Medo é uma fraqueza,” Xan Mais Puro disse, as palavras saindo um momento depois através do tradutor. “Apenas uma das muitas que superamos.”

“O que quer dizer?” Kevin perguntou. Tentou segurar o medo que sentia também, porque não queria que o alien visse.

Chloe parecia assustada o bastante pelos dois, mas também com raiva. Se a gravidade retorcida não estivesse lá, segurando os dois nas armações, Kevin suspeitava que ela teria atacado o alien.

“Uma vez, fomos seres mais fracos,” Xan Mais Puro disse, gesticulando de forma que uma sessão da parede se transformou em uma tela, mostrando coisas que eram e não eram como os Mais Puros, ao mesmo tempo. Não tinham a pele tão lisa, ou a mesma graça ou aparência de perfeição, e certamente não tinham o senso de implacabilidade fria dos Mais Puros. Pareciam com o tipo de coisa que os Mais Puros podiam ter sido há muito, muito tempo.

“Nós lutamos e guerreamos uns com os outros. Transformamos nosso planeta natal em um lugar praticamente inabitável com as armas que usamos.”

A imagem na tela mudou, exibindo um mundo que começou verde e bonito, apenas para toda vida vegetal murchar e morrer, explosões cascadeando pela superfície, fogo e vento se espalhando em ondas do que pareciam ser os corações das cidades.

“Tivemos que nos adaptar.”

“Atacando os mundos de outras pessoas,” Kevin disse. “Nos enganando pra te deixarmos entrar e tomar a mente das pessoas.”

“Vocês são malignos,” Chloe acrescentou. “São todos monstros.”

Xan Mais Puro olhou para eles sem um pinga de emoção. Kevin duvidava que a criatura era capaz de sentir, e de certa forma isso era mais assustador do que se Chloe estivesse certa. Essas criaturas não eram maliciosas, nem cheias de ódio, ou determinadas a destruir tudo que temiam.

Agiam de forma tão fria e calma quanto uma geleira passando por uma cidade, sem se importar com as vidas lá dentro.

“Seus mundos não são importantes,” Xan Mais Puro disse. “Vocês não são da Colmeia. Não são dos Mais Puros.”

“Você acha mesmo que são as únicas coisas que importam no universo?” Chloe exigiu.

“Somos os Mais Puros,” Xan retrucou, como se isso explicasse tudo. “Criamos a Colmeia para resolver as guerras do nosso mundo. Ao nos unirmos, aprendemos a nos colocar acima da fraqueza de emoções. Aprendemos dos mundos mais próximos como transformar os inferiores em tudo que precisamos que sejam. Construímos as naves da Colmeia para nos transportar e juntar materiais com os quais regenerar nosso mundo para os Mais Puros.”

“Então você só pega e pega e não dá nada de volta,” Kevin disse.

“Tudo mais é inferior,” Xan Mais Puro disse. “Tudo é nosso.”

“Até a gente te impedir,” Chloe disse, lutando contra a gravidade que a segurava. Se fosse parecida com a gravidade que segurava Kevin no lugar, ele sabia que ela não tinha chance de se livrar, mas imaginou que dizer isso para ela não fosse fazê-la parar. Na verdade, provavelmente ia piorar as coisas.

“Você é fraca. Não pode impedir a Colmeia,” Xan Mais Puro disse.

“Então por que ainda estamos aqui?” Kevin perguntou. “Se acha que somos tão fracos e inúteis, por que não nos matou assim que chegamos na sua... nave?”

“Não destruímos o que é útil,” Xan Mais Puro disse. “Coletamos. É nosso propósito.”

Útil. Kevin não sabia se gostava da ideia de ser útil para um negócio desses. Pelo que tinha visto das criaturas que os aliens consideravam úteis, eles saíam remodelando sua carne, as transformando. Já tinha sentido a dor envolvida só dos aliens examinarem seus pensamentos. As visões que teve do planeta dos aliens foram ainda piores.

“Não quero ser útil pra você,” Kevin disse.

“Não tem escolha,” Xan Mais Puro disse. “Deveria ser grato. Os escolhidos de um planeta são tipicamente destruídos, para que não sejam... uma ameaça para nós. Você sobreviveu porque o permitimos.”

“Por quê?” Kevin insistiu.

Xan Mais Puro não respondeu por alguns momentos. Em vez disso, o alien se movimentou pela sala, ajustando alguns dos maquinários.

“Vão olhar nossos pensamentos de novo, Kevin,” Chloe disse, aterrorizada pela ideia. “Vão usar aqueles tentáculos de novo.”

“Não em você,” Xan Mais Puro disse, quase desdenhoso. “Será intrigante o bastante dissecá-la e remodelá-la. Sua mente é bastante interessante, mas você não é digna de mais.”

“Não pode dissecar a Chloe!” Kevin gritou, lutando contra a gravidade que o prendia. Ela o segurou na armação com facilidade, não importava o quanto lutasse. A pressão o achatava, como um peso pressionado no peito.

“Podemos fazer o que quisermos,” Xan Mais Puro disse. “Se esse é o melhor uso da fêmea para a Colmeia, é o que será feito. Mas seremos generosos. Você poderá escolher o que acontecerá com ela.”

“Então eu escolho que não seja dissecada!” Kevin disse.

“Depois que terminarmos,” Xan Mais Puro disse. “Quando você se juntar a Colmeia.”

“O quê?” Kevin disse. Balançou a cabeça. “De jeito nenhum.”

O alien se moveu na sua direção, o aparelho com tentáculos em seus dedos.

“Seu cérebro tem capacidades que são necessárias para a Colmeia,” Xan Mais Puro disse. “De forma que vai se juntar a nós.”

O alien fez soar como se fosse um fato inegável, simplesmente o jeito que o mundo funcionava. Fez a ideia soar tão óbvia e natural quanto água molhada, ou sol quente. Mas não havia nada natural sobre a *coisa* com tentáculos que Xan Mais Puro segurava.

“E daí?” Kevin exigiu, mais porque qualquer momento que pudesse adiar essa história parecia uma boa ideia. “Vai me transformar num dos Mais Puros que nem você? E aí eu perco todo meu cabelo e fico com esses olhos bizarros?”

Talvez se Kevin irritasse o alien o bastante, poderia distraí-lo do que estava para fazer. Claro, ele podia decidir fazer uma série toda de coisas muito piores, mas naquele momento, Kevin não podia *imaginar* nada pior do que se transformar num deles.

“Você não é dos Mais Puros,” Xan Mais Puro disse. “Mas pode ser transformado em um da Colmeia. Vai se transformar em nosso emissário, um de *nossos* escolhidos. Deveria se felicitar com a honra.”

“Acha que é uma honra pro Kevin ter o cérebro invadido?” Chloe exigiu.

“Não será uma invasão,” Xan Mais Puro disse. “Kevin irá nos receber. Irá *concordar* em ser um dos nossos.”

“Por que eu tenho que concordar?” Kevin exigiu. “Por que não faz isso logo se vai mesmo fazer, em vez de ficar com joguinhos?”

O alien pareceu quase ofendido, embora Kevin duvidasse que pudesse sentir essa emoção. Duvidava que pudesse sentir qualquer coisa.

“Não jogamos,” disse. “Mas os cérebros da sua espécie são delicados, e necessitamos do seu intacto para as tarefas que a Colmeia tem para você. Se lutar demais durante o processo, existe a possibilidade que ele seja... danificado.”

“Eu vou lutar,” Kevin prometeu. “Prefiro morrer do que fazer qualquer coisa pra te ajudar.”

O alien ficou parado o encarando, aparentemente sem compreender o que ele tinha dito. Franziu o rosto levemente, inclinando a cabeça para um lado como se escutasse algo que só ele podia ouvir. Kevin sentiu que estava tentando decifrá-lo, e decidir o que devia fazer no meio tempo.

“Sua declaração é tola,” Xan Mais Puro disse. “Render-se é do seu interesse. Poderá continuar a existir.”

“Já estou morrendo mesmo,” Kevin disse, lembrando-se do momento que o médico o diagnosticara com sua doença, explicado quão pouco tempo ele tinha para viver. “Acha que eu me importo com essas ameaças?”

O alien o encarou por mais alguns momentos, e de novo, e Kevin sentiu que recebia conselhos dos outros de sua espécie.

“Podemos salvá-lo,” ele disse, soltando as palavras como pesos de chumbo.

O choque que correu por Kevin era como água gelada. Os melhores cientistas que a Terra tinha para oferecer tinham tentado e falhado em ajudar. E agora aqui estavam os aliens, oferecendo sua saúde como se não fosse nada.

“É mentira,” ele disse. Tinha que acreditar que estava mentindo. “Você já mentiu sobre tanta coisa, acha que eu vou acreditar nisso?”

Pensou em todos os jeitos que eles tinham mentido para fazê-lo ajudar com a invasão da Terra. Tinha dito que eram refugiados procurando abrigo em outro planeta. Tinha dito que estavam fugindo da destruição, não a causando.

“Você viu o que podemos fazer,” Xan Mais Puro disse. “Podemos manipular a carne em modos que sua mente humana não pode imaginar. Os

Mais Puros da Colmeia são preservados quase indefinidamente. Para nós faz todo sentido mantê-lo vivo. Poderíamos curá-lo, se fosse da Colmeia.”

O que Kevin poderia dizer a esse tipo de tentação? Era tudo que ele queria desde que o médico explicou o que estava acontecendo. Quando estava no instituto da NASA, secretamente tinha tido esperanças que um dos cientistas ali podia achar um jeito de ajudá-lo, acabar com os tremores e a dor. Tinha pensado que daria quase qualquer coisa para ficar bem de novo. Kevin precisou de tudo que tinha para sacudir a cabeça.

“Se preciso morrer pra que você não consiga o que queira, é isso que eu vou fazer,” Kevin disse. E era sério. Ele queria viver, tinha tido esperanças de se curar, mas nessa altura já tinha tido bastante tempo de aceitar o que ia acontecer com ele. Se morrer podia impedir os aliens... bom, ele não *queria*, mas faria.

“E quanto ao resto que a Colmeia pode oferecer?” Xan Mais Puro disse. “Estamos cientes que sua espécie valoriza amigos e família. Como um de nós, poderia decidir o que fazer com aqueles que controlamos.”

Kevin engoliu em seco, pensando em sua mãe, pensando em Luna. Havia tantas pessoas que ele conhecia na Terra, tão longe que não era mais visível no monitor. Se pudesse ajudá-los... não, se os aliens queriam alguma coisa dele, isso não ajudaria ninguém.

“E existe a questão da sua amiga aqui,” Xan Mais Puro disse. “Como este aqui disse, como membro da Colmeia, você poderia determinar o seu destino. Se não aceitar, realizaremos experimentos na fêmea enquanto você assiste.”

Kevin congelou, olhando do alien para Chloe e de volta.

“Não, Kevin. Não faz isso,” Chloe disse. Kevin podia ouvir seu desespero. “Deixa eles me matarem. O que for preciso!”

Kevin podia ouvir a sinceridade em sua voz, mas... não podia fazer isso. Não podia ficar lá e assistir enquanto Chloe morria. Sabia que iam fazer isso. Havia alguma coisa a respeito do modo frio e sem emoção em que Xan fez sua ameaça que a transformava em algo mais. Não exatamente uma ameaça, mas uma simples declaração do que aconteceria.

“Vamos transformá-lo de qualquer jeito,” Xan Mais Puro disse. “É simplesmente uma questão de quanto você lutará e quanto irá doer. Faça sua decisão, Kevin McKenzie.”

“Lute contra eles, Kevin,” Chloe disse. “Não desiste!”

Kevin olhou para ela, tentando não pensar em todas as coisas que os aliens podiam fazer com ela. Mas era impossível fazer qualquer coisa além de imaginar o que poderia acontecer se fizessem experimentos nela. Ele podia mesmo ficar parado assistindo se eles comessem a abri-la para descobrir como funcionava, ou transformá-la em alguma coisa que não era humana? Podia mesmo fazer isso, quando tudo que conseguiria era ser transformado a força?

Não podia, e sabia disso.

“Ok,” ele disse, odiando cada momento. “Pode fazer.”

“Teríamos feito de qualquer modo,” Xan Mais Puro assegurou. “Doerá mais quanto mais você resistir.”

“Kevin,” Chloe disse. “Por favor lute. Você tem que ficar você mesmo. Tem que ser forte.”

Essa, Kevin percebeu, era a única esperança. Eles não podiam se soltar. Não podiam lutar fisicamente. Sua única chance era se juntar a Colmeia, e de alguma forma conseguir manter suficiente de si mesmo...

Nem terminou o pensamento antes de Xan Mais Puro aplicar os tentáculos em seu crânio, e a Colmeia invisível perfurar seu cérebro.

Kevin gritou com a dor, veloz e súbita, como uma lança de gelo apunhalando os fundos de sua mente. Pensou que estava acostumado à dor; com sua doença, achou que sabia o que era sentir dor, mas agora percebia que não era nada comparado ao que estava acontecendo. Podia sentir os tentáculos explorando seus pensamentos e memórias, a sensação desconfortável e familiar demais, da última vez que os aliens tinham examinado sua mente.

Mas era diferente, porque os aliens não estavam só olhando dessa vez.

Kevin podia sentir a Colmeia dentro de seus pensamentos, mentes e mais mentes, interligadas e poderosas. Era frio e quente e doloroso ao mesmo tempo. Pareciam cacos de vidro raspando seus pensamentos. Podia sentir as massas de controlados nas beiradas, nem sequer uma parte verdadeira do todo. Podia sentir as bordas afiadas das criaturas de guerra, e os pensamentos mais lentos, mais macios das bestas de carga. E ali estavam os Mais Puros e seus servidores, fios brilhantes dentre a teia completa.

Venha para nós, eles urgiam, vozes profundas e sedutoras. *Torne-se nós*.

Kevin tentou se afastar, e o esforço doeu mais do que podia imaginar. Se escutou gritando, mas o som parecia vir de muito longe. Eram como garras

prendendo-o no lugar, enganchadas em seu cérebro, poderosas demais para ignorar.

Mesmo assim, Kevin lutou. Podia sentir a Colmeia se movendo dentro dele, conquistando partes de sua mente como um exército invasor conquista campos e cidades. Kevin começou a esconder pedaços de si mesmo, lembrando como tentou esconder quão assustado estava pelo bem da mãe, tentando ocultar tudo que podia enquanto os aliens continuavam a avançar em sua mente. Se conseguisse esconder o suficiente, poderia ser capaz de se manter a parte da Colmeia. Podia continuar a ser ele mesmo.

Sentiu o momento quando foi conectado, quando passou de ver todos os fios a se tornar um deles. Podia escutar as mensagens e os pensamentos dos outros, os comandos dos Mais Puros e a obediência do resto.

Uma mente que descontrói, um dos Mais Puros pensou em sua direção.

Uma mente que é tudo que precisamos, outro concordou.

Kevin podia sentir a presença de Xan Mais Puro ao seu lado. *Acorde, Kevin, junte-se a sua nova vida.*

Kevin abriu os olhos, e não podia lembrar de tê-los fechado. O mundo ao seu redor parecia estranho, coberto em um verniz de cores novas, detalhes que nunca teria percebido antes saltando aos seus olhos. Como se pudesse se focar em cada partícula de pó e frações de mudança de cor.

Olhou em volta para as máquinas, e a Colmeia dentro de si o informou para que cada uma servia. Tinha conseguido guardar uma parte de si mesmo? Kevin não sabia. *Se sentia* como si mesmo, embora todo o resto do mundo parecesse estranho. Parecia mais vivo e mais conectado do que ele jamais tinha imaginado.

Xan Mais Puro se moveu em sua direção, para os controles da armação. O alien os operou, e Kevin sentiu a gravidade que o prendia no lugar se mover de volta para o chão.

“Bem vindo a Colmeia, Emissário Kevin,” Xan Mais Puro disse.

CAPÍTULO CINCO

Luna e os motoqueiros correram dos controlados que os cercavam, disparando para suas motos, tentando chegar lá antes que a velocidade superior daqueles que os aliens controlavam os trouxessem perto demais. Luna correu na direção de onde tinha parado sua própria moto, deitada de lado com o banco de passageiro no ar, obviamente tombada no caos que se seguiu ao momento em que a agarraram.

Ela lutou para levantá-la, empurrando com o corpo todo, o peso fazendo parecer que estava empurrando uma parede sólida. Luna sentiu a moto se mover levemente enquanto empurrava, e finalmente virou, levantando uma pequena nuvem de pó ao bater no chão ao lado da estrada.

“Sobe, Bobby,” ela chamou o cachorro, que ainda estava ocupado rosnando para a horda de controlados que avançava, como se pudesse espantá-los. “Depressa!”

Ela apontou para o banco de carona, e o cachorro entendeu, pulando para dentro e sentando lá, olhando em volta com os dentes de fora. Olhando para trás, Luna viu o motivo: os controlados estavam se aproximando, correndo daquele modo em que estavam mais próximos do que deveriam toda vez que piscava. Luna foi dar partida na moto, determinada a se afastar tanto dos controlados quanto pudesse...

Não queria ligar.

“Agora não,” Luna rosnou entre os dentes, enquanto o motor tossia e cuspia. “Vai *logo!*”

Ela jogou o peso todo na partida uma vez, e de novo. Podia ver os controlados se aproximando, a apenas vinte metros, depois dez. Luna podia sentir o medo crescendo dentro de si. Não queria saber o que os controlados fariam com alguém que não era mais um deles.

Pisou na partida de novo, com o peso todo em cima dela, e a moto rugiu de volta à vida. Luna não hesitou, acelerando tão rápido quanto se atreveu, para longe da multidão rompante de controlados. Sentiu o peso quanto uma mão dormiente prendeu sua moto, uma mulher com pupilas cegas segurando com tanta força que a moto a arrastou junto, fazendo-a quicar no chão quando mesmo sua velocidade acentuada não foi o bastante para acompanhar.

Luna se viu tentando lembrar se tinha visto essa mulher enquanto eram obrigados a trabalhar. Se viu pensando na pessoa que ainda podia estar presa por trás desses olhos, aquela que podia estar lutando para se impedir

mesmo enquanto avançava para Luna. Agora Luna sabia exatamente quão horrível era ser um dos controlados, e sabia que não havia nada que a pessoa lá dentro podia fazer para resistir.

Por outro lado, sabia que eles não sentiam dor.

“Desculpa,” Luna disse, chutando a mulher de seu assento na moto até que ela caiu de volta na estrada, permitindo que a moto de Luna se atirasse para frente tão forte que ela teve que se agarrar para não cair.

Ao seu redor, Luna viu os membros do Clube de Motocicletas de Dustside agarrando suas motos e se afastando em formação, as motos em V como se pudessem derrubar qualquer coisa em seu caminho. Ela viu Ignatius pular atrás da moto de Bear, ainda agarrado a sua preciosa arma de vapor.

Agora haviam mais controlados saindo das ruas laterais, se atirando nas motos de todas as direções. A única escolha parecia ser continuar avançando o mais rápido possível, na esperança de que a pura velocidade pudesse levá-los para além da massa de controlados antes que eles pudessem cercá-los, como água derramada em uma vasilha. Luna estava feliz de acelerar. Ter medo da velocidade era melhor do que pensar na chance de ser desmembrada por controlados.

“Não parem!” Luna gritou para os outros, tão alto quanto pode para ser ouvida por cima do barulho das motos. “A gente precisa fugir.”

Continuaram a correr, o mais rápido que podiam. Com os controlados chegando atrás e pelos lados, as motos pularam para longe da massa como rolhas de uma garrafa. Em um instante, estavam em campo limpo, correndo por Sedona, tentando se afastar o máximo possível da horda. Agora estavam se movendo mais rápido do que os controlados podiam acompanhar, na direção da periferia da cidade.

“Acho que é seguro,” Cub chamou, com um sorriso que dizia o quanto estava feliz por estar livre do controle dos aliens.

Luna sorriu de volta para ele, porque estava igualmente feliz de ter fugido. Estava feliz que *ele* foi salvo também. Não teria gostado da ideia de Cub ficar para trás enquanto ela fugia com os outros. Se aproximou dele, prestes a responder, embora não soubesse muito bem o que falar. Talvez que estava feliz por ele estar lá, talvez mais que isso.

O que quer que fosse, as palavras morreram na garganta quando o brilho de alguma coisa no céu chamou sua atenção, crescendo a cada momento.

“Uma nave!” Luna gritou, olhando de frente para ela.

A nave era uma das menores, mas parecia mais elegante do que as outras, e mais perigosa. Enquanto as outras eram abelhas operárias construídas para levar cargas até as naves maiores, essa parecia mais com uma vespa, de bordas afiadas e mortífera, projetada para matar o que estivesse em seu caminho.

“Está vindo pra cá!” Luna gritou.

Avançou rapidamente, e Luna se perguntou de onde tinha visto. A nave grande acima de Sedona se fora. Até a nave planeta parecia ter partido, desaparecendo do céu tão rápido quanto veio. Essa aí devia ter vindo de uma das outras naves, pairando sobre outras cidades para recolher o que pudessem. Pela velocidade com que avançava, devia ter disparado na direção deles tão rápido quanto os motores aguentaram.

“Eles mandaram uma nave de outra cidade por causa *da gente*?” Cub gritou.

Não fazia sentido que uma nave pudesse alcançá-los tão rápido, ou que eles fossem importantes assim para os aliens. Mas não podia pensar em nenhum outro motivo para uma nave como aquela estar avançando em sua direção tão rápido, ou tão baixo, apenas algumas dezenas de metros acima do chão. Voltar a si mesmos depois de serem controlados parecia ter irritado os aliens mais do que qualquer outra coisa que fizeram.

“Devem ter sentindo pessoas se libertando do controle,” Luna disse.

“Eu percebi que os controlados sempre vem correndo atrás do que eu faço,” Ignatius explicou, de trás da moto de Bear. “Acho que querem me impedir de ajudar as pessoas.”

Luna pensou nos aliens que a haviam controlado. Como reagiriam a pessoas se libertando? Como reagiriam a qualquer perda de controle, quando tudo que pareciam querer era *tomar* mais e mais?

Luna achou que viu alguma coisa começar a brilhar na frente da nave, um laranja queimado que fazia parecer que alguém botou fogo no nariz do casco. Tentou decidir se era um truque da luz, e então um pensamento muito mais horrível lhe ocorreu.

“Sai da frente!” ela gritou, arrancando a moto para o lado tão rápido que precisou de toda força que tinha para se segurar.

A estrada a frente de seu pequeno comboio explodiu em uma onda de energia que rasgou o asfalto, espirrando terra e pedras para todo o lado. Luna viu uma das motos derrapar e capotar, o motorista rolando pelo chão quando a estrada desapareceu sob suas rodas.

Luna saiu da estrada, ignorando os pulos e trancos do chão desigual enquanto pedras e bueiros ameaçam derrubá-la. A sua volta, podia ver os outros motoqueiros seguindo atrás, se dirigindo ao terreno menos liso, se afastando das linhas retas da estrada enquanto a nave alienígena zunia acima. Outra bolha de terra e rochas saiu voando quando a nave atirou, e então passou por eles, tombando num ângulo afiado quando começou a virar de volta.

Eram alvo fácil ao ar livre. Luna podia ver a nave alienígena se afastando, preparando outro ataque. Se atirasse à distância, teria bastante tempo para mirar e acertar todos eles. Precisavam encontrar abrigo, e tinha que ser *agora*.

Luna olhou em volta e a pontou para um dos vales de rocha vermelha perto de Sedona.

“Ali!” ela gritou. “É nossa única chance.”

Ela forçou o motor, a moto acelerando para frente com as outras seguindo em seu encalço. Terra explodiu a sua volta quando a nave passou de novo, e por um momento ou dois, Luna não podia ver nada a sua frente. Quando a nuvem de pó passou o bastante para enxergar de novo, teve que se jogar para esquerda para evitar os restos de uma árvore, despedaçada pelo último ataque. Luna só torcia para estar guiando os outros na direção certa.

Eles se dirigiram ao vale, mergulhando em sua boca e acelerando para dentro. Relâmpagos de energia explodiram contra as paredes, levantando pó e lançando rochas de modo que Luna teve que guinar e desviar para evitá-las. Elas rugiram e quicaram enquanto caíam, zunindo ao passar por sua cabeça, tão próxima que teve que se abaixar para desviar.

“A nave está baixando!” Cub chamou de algum lugar perto de Luna. Luna sabia que era melhor manter os olhos no caminho a frente através do vale, mas não pode se impedir de arriscar uma olhada para trás.

A nave alienígena estava voando praticamente a nível do chão, se movendo pelo vale em seu encalço enquanto tentava mirar os próximos tiros.

“Mais rápido,” Luna disse.

“Não dá pra despistar essa coisa,” Cub retrucou.

“Não precisamos despistar,” Luna gritou. “Só descobrir quão rápido faz a curva.”

Ela viu Cub sorrindo quanto entendeu, e seu grupo de motoqueiros acelerou, avançando pelo vale.

“Segura aí, Bobby,” Luna disse.

Luna se agarrou a motocicleta, passando pelos cantos e curvas tão rápido quanto se atrevia, e então mais rápido. As rochas vermelhas dos penhascos se agigantavam à sua volta em pilhas desiguais, as pedras que rolavam quando atingidas pelos raios de energia uma lembrança de quão facilmente tudo podia dar errado. Uma curva muito rápida, um toque do guidão para o lado errado, e ela e Bobby iam ser jogados nas paredes do vale, rápido demais para sobreviver.

Luna agarrou o guidão forte, dobrada sobre ele, e acelerou.

Arriscou olhar para trás. A nave alienígena ainda estava lá, virando os cantos e curvas com eles, atirando a queima-roupa quando não conseguia mirar um tiro perfeito. Balançava de um lado para outro enquanto acelerava pelo vale, e então, sem aviso, Luna viu uma de suas bordas bater numa parede.

“Cuidado!” ela gritou, enquanto a nave quicava de um lado para o outro, lutando para estabilizar o voo enquanto ricocheteava como uma bola de bilhar, faíscas voando ao colidir com uma parede, depois outra, se precipitando para o chão do vale.

O barulho quando se chocou com a terra pareceu preencher o mundo, pó voando pelo ar enquanto a nave colidia de nariz até tudo atrás ficar escurecido. Luna e os outros tiveram que continuar correndo apenas para ultrapassar a nuvem. Mas estavam ficando sem espaço, porque o vale estava terminando, selado por uma parede de rocha pontuada apenas pela abertura de um grande bueiro. Luna se dirigiu para lá, esperando que a nave fosse parar antes de esmagar todos eles contra a parede. Freou próxima da rocha, se encolhendo enquanto a nave se aproximava.

Mas aos poucos ela desacelerou, guinchando e arranhado pelo caminho como um prato caído de uma mesa até que finalmente, chacoalhando, ela freou.

Luna parou na frente dela, os outros formando um meio-círculo a sua volta, motores ainda ligados. Escutou um chiado de ar escapando quando uma porta próximo do topo se abriu, e ficou parada em choque quando uma figura saiu cambaleando.

Não era um dos controlados. Não havia nada humano na figura esguia e insectoide que saiu com esforço pela porta, coberta de placas espinhosas que pareciam armadura, mas armadura quebrada, com rasgos que vazavam fluido transparente no chão enquanto avançava.

“É um deles?” escutou Ignatius perguntando em voz alta. “É assim que os aliens se parecem?”

“Faz diferença com o que se parecem quando a gente sabe o que eles querem?” Luna perguntou.

“Mas podemos estudar esse aí,” Ignatius disse. “Temos que tentar capturá-lo.”

O alien continuou a se aproximar, avançando para eles como se ainda fosse encontrar um modo de matá-los.

“Peguem ele!” Bear gritou, e os motoqueiros de Dustside caíram em cima com socos e canos e facas, atacando com tudo que tinham. Luna escutou as placas de armadura racharem com um som doentio, que a lembrava demais de alguém pisando em um besouro.

“Não,” Ignatius disse, “tem tanta coisa para *aprendermos*.”

Mas naquele momento, Luna sentia que aprenderam o mais importante: tinham descoberto qual era a aparência de um de seus inimigos, e que eles podiam morrer.

Então uma luz piscou na frente da nave, se torcendo no ar, assumindo a forma de uma figura alta e sem cabelo que não se parecia nada com a criatura que haviam matado. Ela falou, e alguma tecnologia no holograma traduziu as palavras, do mesmo modo que as caixas no acampamento de escravos.

“Vocês mataram um de nossos servidores,” a criatura disse. “Mas não um dos Mais Puros. Não importa. Vocês não importam. São um obstáculo a ser removido, e serão, a não ser que se rendam agora.”

“A gente já viu o que acontece,” Luna gritou de volta. “E nos libertamos. Vamos liberar *todo mundo*!”

“Não irão obstruir a Colmeia. Irão morrer.”

Piscou até desaparecer, e no céu atrás de onde estivera, Luna achou que podia ver as formas de outras naves se aproximando. Parecia que os aliens não iam se segurar quando se tratava de matá-los.

“A gente precisa sair daqui,” Luna disse.

“Não tem nenhum caminho fácil pra passar pela nave,” Cub disse, “e se nós sairmos a céu aberto, eles vão nos pegar na hora.”

“Então vamos entrar no bueiro,” Luna disse.

Bear olhou para ele, depois para ela e Cub. “Não gosto de deixar as motos pra trás.”

“Eu acho que é isso ou morrer, pai,” Cub disse.

“O que você acha?” ele perguntou a Luna.

Ela se surpreendeu. Bear era o líder dos motoqueiros. Mas também, tinha sido ela que os guiou para o vale. Talvez eles pensassem que sabia o que estava fazendo.

“Acho que não temos escolha,” ela disse.

Bear concordou. “Acho que não.”

“Ignatius,” Luna disse. “O que eu disse agora praquela *coisa*... nós *podemos* salvar todo mundo, certo?”

“Acho que é melhor discutirmos esse assunto quando estivermos a salvo,” Ignatius disse. “eu explico tudo, mas não aqui, ok?”

“Ok,” Luna disse, olhando para trás, para onde as naves alienígenas estavam se aproximando. A única questão agora era se algum dia estariam seguros de novo.

Ela correu para o bueiro. Atrás dela, podia escutar as primeiras explosões quando os aliens atiraram.

CAPÍTULO SEIS

Kevin podia sentir toda a beleza e peso da Colmeia zumbindo em seu cérebro. Não, não era isso. Não estava dentro dele; ele estava dentro *dela*. Era uma parte do todo, uma partícula de luz em uma galáxia interconectada. Tentar acompanhar tudo era desnorteador, praticamente impossível.

“Ficará mais fácil,” Xan Mais Puro disse, embora não houvesse nenhuma gentileza ou simpatia em sua voz. Era somente uma observação dos fatos.

“A Colmeia sempre foi tão... grande?” Kevin perguntou, incapaz de compreender a escala de tudo que podia sentir.

“Você está olhando apenas para as conexões de uma nave planeta,” Xan Mais Puro disse. “Olhe mais além, Kevin.”

Kevin tentou olhar mais fundo, e agora podia ver um fio brilhante que o guiava para longe da Colmeia a qual estava conectado, por sua vez ligando-se a uma rede maior e mais complexa de conexões: uma Colmeia de Colmeias, se prolongando tão longe que só de tentar compreender a escala os olhos de Kevin aguaram de esforço.

“A Colmeia é o que importa,” Xan Mais Puro disse. “Nós servimos a Colmeia, e a Colmeia existe para preservar aqueles de nós que ainda são puros, ainda são o que uma vez fomos. Você compreende?”

Naquele momento, Kevin compreendia. Compreendia de uma forma que não tinha nada a ver com palavras, ou lógica, ou qualquer coisa que teria entendido antes. Sentiu a necessidade da Colmeia de sobreviver, vinda da necessidade dos Mais Puros de preservar a si mesmos e ao seu mundo, não importando o custo para o resto do universo. Compreendeu quão importante era ser parte daquilo, e de contribuir. Podia ver bolsões de pensamentos, e memórias, os aglomerados de mentes que trabalhavam em diferentes projetos, bancos inteiros dedicados a cálculos e contemplação. Uma parte de si queria mergulhar nesses bolsões, perder-se completamente em suas profundidades.

“Venha comigo,” Xan Mais Puro disse, puxando Kevin para longe da rede complexa de conexões da Colmeia. Ainda estavam lá, ainda estava conectado a elas tão completamente que era impossível pensar que o mundo já havia sido de qualquer outro jeito, mas agora podia se focar o bastante no próprio corpo para se mover e seguir, caminhando atrás do alien.

Xan Mais Puro o guiou para longe da sala, subindo ao longo da espiral, quase até o topo. Lá de cima, era possível ver as outras espirais da nave

planeta, se erguendo douradas e puras dentre o cinza sombrio que as cercava.

“Suba aqui,” o alien disse, apontando para um disco redondo no chão sobre o qual que se encontrava, dourado e sólido. Kevin pisou nele sem hesitar.

O disco se levantou no ar, silencioso e macio, ainda tão solido sob seus pés quanto o chão.

“Como isso funciona?” Kevin perguntou.

“É um simples mecanismo de propulsão gravitacional,” Xan Mais Puro respondeu. “Se deseja um conhecimento mais profundo, os detalhes devem estar dentro da Colmeia.”

A ideia encheu Kevin de fascínio. Não tinha imaginado que as conexões mentais que havia visto eram mais que conexões.

“Então é como uma internet de cérebros?” perguntou.

Xan Mais Puro ficou em silêncio por um momento, e Kevin sentiu um toque dos mais breves de uma mente contra a sua, quando o alien tentou compreender a palavra.

“Sim, isso é quase correto,” o alien retrucou. “O conhecimento que a Colmeia possui pode ser acessado por qualquer um. Mas é parte de nós, não um armazenamento externo.”

Kevin tentou imaginar como seria ser capaz de acessar aglomerados de mentes à vontade, e então percebeu que não precisava imaginar. A Colmeia estava ali, e tudo que ele precisava fazer era estender sua mente e acessá-la.

“Mais tarde,” Xan Mais Puro disse. “No momento, existe mais para se ver.”

“Seu povo inventou esse disco?” Kevin perguntou, conforme a plataforma seguia flutuando sobre a cidade.

“Foi adquirido de um mundo conquistado,” Xan Mais Puro disse. “Seu povo era indigno de sobreviver exceto como material, mas conhecimento como esse deve ser coletado e usado para o bem da Colmeia.”

Kevin sentiu que deveria ter ficado horrorizado pelas palavras do alien, mas não sentiu horror nenhum. Não sentia muita coisa além da beleza da Colmeia.

“Como a Colmeia funciona?” Kevin perguntou.

“Você poderia descobrir, se procurasse pelo conhecimento,” Xan Mais Puro apontou, “mas é certo que expliquemos.” O alien indicou as espirais douradas que se erguiam do interior da nave planeta. “Essas são as moradias

dos Mais Puros. Nós guiamos o resto da Colmeia, e lhe damos um propósito. Você já viu o interior de uma das espirais. As outras são similares.”

Seu disco dourado flutuava para baixo agora, para um dos complexos da cidade aparentemente infinita que circundava a espiral. Havia estufas de vidro ali, mais parecidas com fábricas do que plantações, com tanques e fileiras de coisas crescendo, empilhadas umas em cima das outras. Criaturas aracnídeas se moviam entre elas, e Kevin podia vê-las cuidando da safra. Voltando-se para elas através da Colmeia, Kevin podia ver que eram pouco mais do que operários sem vontade, esperando por ordens.

“Essas são fábricas de nutrição,” Xan Mais Puro disse. “As criaturas ali são versões modificadas daqueles que as inventaram. Seu mundo era cheio de cavernas estreitas, e fábricas assim eram necessárias para produzir alimento o suficiente. Agora eles alimentam a Colmeia.”

Xan fez a ideia soar como uma benção, como se o mundo deles estivesse apenas esperando pela oportunidade de servir a Colmeia de qualquer forma necessária. Ele podia até entender essa opinião, sentindo a importância da Colmeia, a necessidade de usar todo recurso para seu benefício. Se um mundo podia prover fábricas de nutrientes e trabalhadores, não era certo que o fizesse?

“As fábricas são apenas o começo,” Xan Mais Puro prometeu, e nesse caso Kevin mal podia esperar para ver o resto.

A plataforma seguiu em frente pelos contornos da nave planeta, até uma região onde algo parecia estar sendo construído. Kevin podia ver hordas de criaturas se movendo sobre naves especiais como formigas em um ninho, prendendo peças no lugar em formatos que eram quase complexos demais para se compreender.

Podia ver outros operários trabalhando no que pareciam ser armas de energia, calibrando e testando em flashes que iluminavam o interior da nave ainda mais.

“As criaturas que possuíam essa tecnologia nem pensaram na possibilidade de usá-la como uma arma,” Xan Mais Puro disse. “Eram pacíficas.”

O alien pronunciou “pacíficas” como um insulto.

Kevin podia ver oficinas abaixo, e espaços onde os membros da Colmeia trabalhavam com tecnologia que ele não podia nem cogitar... e então podia, procurando na Colmeia. Ondas de conhecimento se inundaram dentro dele, sobre materiais mais fortes que qualquer coisa na Terra, robôs

do tamanho de grãos de pó, e armas projetadas para derrotar criaturas que ele nem sabia que existiam até esse momento. Era difícil absorver todo esse conhecimento, ou mesmo compreendê-lo, mas estava ali.

Kevin podia ver todas as peças individuais necessárias para o funcionamento da nave planeta, e era incrível que pudessem se encaixar tão bem.

“Integramos cada peça à Colmeia conforme descobertas,” Xan Mais Puro disse.

Kevin suspeitava que “descobertas” era o mesmo que “roubadas” nesse caso. A Colmeia tomava o que quer que precisasse, quando o viam, dos mundos que encontrava.

“Você encontrou novas tecnologias na Terra?” Kevin perguntou.

O alien fez um som de desprezo, como se a mera ideia de que havia algo a se aprender da Terra fosse ridícula.

“Então por que ir pra lá?” Kevin perguntou. “O que vocês ganharam?”

“Uma questão válida,” Xan Mais Puro disse. O disco dourado em que se encontravam mudou de direção, se dirigindo a uma área da nave planeta que parecia queimar com o calor de forjas, onde armazéns e covas profundas de bens se erguiam.

Abaixo, Kevin podia ver trabalhadores alienígenas feitos de músculos e garras que podiam destroçar rochas e rasgar metal. Havia criaturas pequenas e habilidosas que podiam catalogar pilhas de detrito recolhido, procurando as menores quantidades de materiais raros e elementos incomuns. Elas estavam enchendo carrinhos flutuantes perto do espaço de trabalho, com ferro e cálcio, madeira e vidro. Havia barris para água e outros líquidos, do suco de frutas até os ácidos produzidos nas fábricas, além de tubos esperando para conter os gases escoados de qualquer mundo que encontrassem: oxigênio e hélio, radônio e coisas mais estranhas.

Kevin observou os aliens selecionando materiais que tinham presumidamente tirado de seu mundo, e sentiu... nada. Não teve nenhuma reação à estranha ganância de tudo aquilo.

“Por que eu não sinto nada?” Kevin perguntou. “Vocês estão desmontando coisas que vieram do meu mundo, mas eu não sinto nada.”

“Seu mundo prévio,” Xan Mais Puro o corrigiu. “Você é da Colmeia agora, Kevin. O tornamos parte de nós, não precisa mais temer fraquezas tão humanas.”

Sentimentos não tinham parecido uma fraqueza para Kevin, mas agora podia ver quão obviamente *eram* uma fraqueza. Se ainda estivesse preso a sentimentos humanos, não teria sido capaz de ficar parado olhando os recursos de seu mundo sendo pilhados desse jeito. Teria se sentido obrigado a intervir, e então, sem dúvidas, as criaturas da Colmeia o teriam matado.

“Vocês me tornaram forte,” Kevin disse.

“Forte o bastante para o seu propósito na Colmeia. Forte o bastante para servi-la,” Xan Mais Puro disse.

“Vocês fazem isso com todas as criaturas que pegam?” Kevin perguntou.

Xan Mais Puro fez aquele som de humor e desprezo novamente. “A maior parte é fraca demais para qualquer coisa além de carne a ser moldada. Venha, vou mostrar.”

Eles voaram na direção de um novo espaço. Kevin podia escutar os gritos de centenas dos tipos mais diversos de criaturas, traduzidos simplesmente porque sua mente parecia agarrá-las automaticamente e compreender.

“Extraordinário,” Xan Mais Puro disse, olhando para ele. “Seu cérebro é exatamente o que a Colmeia precisa, Kevin McKenzie.”

O alien não parecia incomodado que abaixo deles, criaturas e criaturas gritavam de agonia. Não parecia se importar que algumas estivessem sendo abertas ainda vivas e outras remodeladas com novas formas, que ali haviam mesas onde aliens e animais e até algumas pessoas estavam esticadas enquanto os Mais Puros as examinavam.

Mas também, o próprio Kevin não estava incomodado do jeito que provavelmente deveria estar. Tinha a sensação que a imagem de um homem tendo sua pele substituída pelo que pareciam ser enxertos de outras espécies deveria tê-lo enojado e deixado com raiva, cheio de ódio pelas criaturas que podiam fazer uma coisa dessas, mas em vez disso, ele só olhou e observou os resultados.

“Nossas fábricas de carne são complexas,” Xan Mais Puro disse. “As manipulações ali feitas são a habilidade mais antiga que dominamos, algumas até antes da Colmeia. Em cada lugar que passamos, procuramos o DNA mais forte, os traços mais úteis. É por isso que procuramos planetas cheios de vida, em vez de minerar rochas vazias.”

Eles se aproximaram da fábrica de carne, e Kevin pode ver jaulas transparentes cheias de animais retirados dos cantos mais remotos da Terra, já começando a se distorcer pelas coisas que os aliens da Colmeia haviam

feito com eles. Um golfinho nadava com um par de chifres saindo de sua cabeça. Um macaco parecia ter implantes de metal por baixo da pele.

“Qual o objetivo disso tudo?” Kevin perguntou. “Onde vocês querem chegar?”

Parecia crueldade gratuita, o mal simplesmente pelo mal, ou pelo menos coisas que sempre ensinaram a Kevin serem más. Agora, a distinção já não parecia tão clara.

“Perfeição,” Xan Mais Puro disse. “Buscamos a perfeição explorando o que cada espécie tem a oferecer. Aprendemos e aperfeiçoamos, para sobrevivermos a qualquer coisa que nos ameace. Não seremos forçados até a beira da extinção novamente. Nos aperfeiçoamos, criando servidores e aparelhos de vida. Logo, você receberá as ferramentas necessárias para servir a Colmeia.”

“Vocês vão me transformar?” Kevin perguntou. Não sentia medo. Não havia mais nada dentro dele que podia ter medo.

“O mínimo necessário,” Xan Mais Puro disse. “Não arriscamos danificar aquilo que pode nos ser útil. Agora, devemos retornar. A Colmeia lhe fez uma promessa.”

“Uma promessa?” Kevin perguntou, enquanto o disco se voltava de novo para a espiral de onde vieram.

“Em relação a fêmea humana.”

Chloe. Kevin tinha se esquecido completamente de Chloe. Seus pensamentos deviam estar cheios de preocupação por ela, sobre o que poderia estar acontecendo enquanto estava longe. Em vez disso, ele tinha saído da sala como se ela não existisse, e não tinha sequer pensado nela desde então. O que estava fazendo? O que tinha de errado com ele?

“Não há nada errado com você, Kevin,” Xan Mais Puro disse, respondendo aos seus pensamentos de um modo que lembrava Kevin de quão profunda era a conexão da Colmeia. “Você simplesmente percebeu que existem coisas mais importante. Vamos.”

Eles pousaram na espiral, e Xan Mais Puro o guiou para longe do disco e para dentro dela.

“Eu sinto...” Kevin disse. “Sinto como se eu devesse te odiar. Como se eu devesse querer lutar contra você.”

“E *sente* tais coisas? Xan Mais Puro perguntou, embora seguramente o alien já soubesse a resposta.

“Não,” Kevin admitiu.

“Então não há problemas,” Xan Mais Puro disse, simplesmente. O alien o guiou de volta para a sala onde havia sido preso.

Chloe ainda estava lá, ainda presa na armação que a segurava com o peso da gravidade.

“Kevin, você voltou,” ela disse quando ele entrou na sala, aliviada que estivesse ali. “Eu tive que ficar aqui esperando pra eles virem e me torturarem.”

“Não torturarem,” Kevin disse. “Eu vi o que eles fazem aqui, Chloe. Eles iam fazer experimentos com você pra te entender, então provavelmente te desmontar e reconstruir.”

Chloe o encarou. “Por que você tá falando tudo isso como se não importasse?” ela exigiu. “O que tem de errado com você, Kevin?”

Kevin balançou a cabeça. Claro que Chloe não ia entender. Ela não era da Colmeia.

“Não tem nada de errado comigo.”

“Então manda eles me soltarem, e a gente dá o fora.”

No passado, e não há muito tempo, Kevin teria feito isso. Teria feito qualquer coisa por Chloe, e teria se colocado em perigo para protegê-la sem pensar duas vezes. Agora, era difícil imaginar o porquê. Chloe não era parte da Colmeia, e não era como se ele sentisse qualquer coisa olhando para ela. Sentimentos eram para os fracos.

“É sua decisão,” Xan Mais Puro disse. “Deseja que a soltemos?”

“A Colmeia tem algum propósito para ela?” Kevin perguntou.

Chloe franziu o rosto para ele. “Kevin, o que você tá fazendo? Por que está falando com essa coisa como se fossem amigos? *Nós* somos amigos, lembra?”

Kevin lembrava, mas não podia compreender. Por que seria amigo de alguém que não era parte da Colmeia?

“Poderia ser intrigante realizar experimentos com ela,” Xan Mais Puro disse. “Existem algumas facetas de seu pensamento que interessaram a alguns dos Mais Puros, ou ela poderia ser hibridizada com outra criatura, ou uma vivissecação poderia ser realizada.”

“Kevin,” Chloe chamou. “Você não pode deixar. Eu sei que está aí em algum lugar. Lute, Kevin! Você tem que lutar. Não pode deixar eles fazerem isso!”

“É o que é melhor para a Colmeia,” Kevin disse. Voltou sua atenção para Xan Mais Puro. “Pode fazer o que quiser. Eu não me importo com ela.”

CAPÍTULO SETE

Luna e os outros correram para os bueiros, tentando se afastar de onde haviam deixado as motos, e do som de explosões de energia acertando o chão. Luna ficou perto de Ignatius, porque não ia deixar alguém que podia acabar com tudo isso fora de suas vistas, e de Cub, porque... bom, só porque. Bobby andava próximo atrás dela, tão perto que Luna podia sentir seu pelo contra suas pernas.

Luna e Bobby lideraram o caminho porque Luna era boa em se orientar em lugares que nunca havia explorado. Bear os seguiu, e os canos eram grandes o bastante para que até o líder dos motoqueiros não precisasse se agachar para passar. O resto dos motoqueiros vinha atrás, alguns olhando por cima dos ombros, alguns mantendo qualquer arma que tinham prontas para luta. Luna não sabia o que essas armas podiam fazer com explosões de energia alienígena, mas supôs que precisavam de toda ajuda possível. Alguns deles tinham lanternas, e rapidamente essa era a única luz nos tuneis de concreto.

“Por aqui,” Luna disse, escutando o eco de sua voz no bueiro. A rede parecia ser tão complicada quanto um sistema de cavernas, e havia alguns lugares que ela suspeitava se conectarem às cavernas naturais de Sedona, concreto se transformando em pedra vermelha que ela reconheceu do vale.

“Por que por aí?” Cub perguntou.

“Não sentiu a brisa?” Luna perguntou, erguendo a mão para sentir as correntes de ar de cada lado. “Acho que deve ter uma saída por ali.”

“Ok, faz sentido,” Cub disse. “O que você acha, pai?”

Bear deu de ombros em silêncio, e pareceu ser sinal o bastante para que todos seguissem em frente. Se moveram quase sem fazer barulho, sem nem mesmo pingos de água, já que não parecia ter chovido recentemente. Então Luna escutou outro som, ecoando alto demais no ambiente de concreto do bueiro: Bobby rosnando para alguma coisa atrás deles, seguido de um guincho que parecia ter vindo de algo que nunca foi humano.

“Tem alguma coisa vindo,” Luna disse. “Corre!”

Ela liderou o caminho pelos tuneis, virando quase aleatoriamente agora. Quase, porque sempre que via rocha vermelha, seguia nessa direção, assumindo que as cavernas naturais seriam mais confusas para o que quer que os perseguia. Luna encontrou um local onde as cavernas se curvavam, criando uma saliência que dava para a passagem principal, e ela se

pressionou contra a parede ali em cima, olhando para baixo por entre um par de rochas protuberantes.

“Aqui,” sussurrou, “se escondam, e desliguem as lanternas. Bobby, fica quieto.”

Os motoqueiros obedeceram, se agachando em qualquer esconderijo que podiam encontrar e desligando as lanternas até a caverna ficar mergulhada na escuridão. Luna escutou o barulho de coisas se aproximando, estalos contínuos contra a rocha que não pareciam sapatos. Um brilho leve, esverdeado, começou a se espalhar pelo espaço onde estavam, e Luna teve vislumbres das coisas se movendo abaixo. Não podia vê-las muito bem, mas era o bastante para imaginar coisas horríveis, com membros como estacas, se movendo abruptamente e rápido, passando pelo espaço, navegando pelo brilho que parecia vir de dentro deles.

Luna prendeu o fôlego, segurando na coleira de Bobby e sem se atrever a fazer um som enquanto as criaturas se moviam debaixo dela e dos motoqueiros. Congelou onde estava, sem querer que o mínimo movimento a delatasse para as criaturas que permaneciam na caverna, como se sentissem que alguma coisa estava errada.

Um pequeno animal, um rato ou lebre, saiu correndo da toca por ali perto. Na hora, as criaturas se lançaram sobre ele. Uma atirou um membro longo e mortal, e o animal morreu, perfurado. Os aliens seguiram em frente, mas só dez minutos depois Luna finalmente se atreveu a suspirar de alívio.

“Acho que já foram,” ela disse, e Bobby pulou para o chão da caverna.

“*Outro* tipo de alien,” Ignatius disse, parecendo quase animado pela ideia. “Quantos existem, vocês acham?”

“Tipos demais,” Cub disse. “Não é, pai?”

Bear resmungou uma afirmação.

Eles deslizaram de volta para o complexo de cavernas e bueiros, tentando decidir o melhor jeito de sair de lá. Luna sempre tinha sido bem capaz de não se perder quando entrava em algum lugar novo para explorar, mas até para elas as cavernas eram um desafio, *especialmente* quando ainda podiam haver aliens por perto. Ela se moveu cuidadosamente, escolhendo sua rota com precaução e escutando atenta qualquer sinal dos aliens que os estavam caçando.

Luna não podia ouvir nada; parecia que tinham passado pelos tuneis tão rápido quanto a água para que eram projetados. Mesmo assim, ela não

relaxou até eles chegarem quase fora, encontrando uma junção perto de uma das saídas que dava vista para os limites da cidade.

“É quase noite,” Luna disse, surpresa de encontrar um céu poente fora dos tuneis. “Não achei que ficamos aqui dentro tanto assim.”

“Sem ver o sol, é fácil perder a noção da hora,” Ignatius disse.

“E não sabemos por quanto tempo nós ficamos transformados naquelas coisas,” Cub disse. “Eu senti que eu tinha sumido, sabe? Quer dizer, tentei lutar por um tempo, mas depois parecia que não sobrou nada de mim. Eu só estava dormindo.”

“Tipo isso,” Luna disse. Não tinha sido assim para ela. Tinha ficado lá, presa abaixo da superfície, olhando para fora, mas tinha sentido pedaços de si desaparecendo. Talvez o que Cub descreveu fosse o que acontecia no final do processo.

“Talvez a gente devesse acampar aqui até de manhã,” Cub sugeriu. “Não queremos arriscar de topar com aquelas coisas no escuro. O que você acha, pai?”

Todos olharam para Bear. Os motoqueiros ali o seguiam, afinal. Ele deu de ombros. Luna podia ver suor escorrendo de sua testa.

“É, pode ser,” ele disse.

Parecia que era tudo que tinha para dizer no momento, o que significava que Luna e Cub teriam que decidir o que fazer a seguir. Pelo menos os motoqueiros estavam dispostos a escutar o que Cub tinha a dizer.

“Vai ficar seco aqui se não chover demais,” Luna disse. “Vamos ter abrigo.”

“Temos um pouco de comida com a gente,” Cub disse. “Acho que podemos arriscar um fogo. Vamos precisar quando ficar de noite e a temperatura cair.” Ele se virou para alguns dos motoqueiros reunidos lá. “Vão arranjar madeira, e vejam o que mais podem achar que seja útil. Mas não vão muito longe.”

Eles partiram, obedecendo suas ordens tão rapidamente quanto teriam obedecido as de seu pai. Luna tinha que admitir que estava um pouco impressionada.

Ela saiu, levando Bobby consigo já que imaginou que o cachorro não ia querer ficar preso por muito tempo. Olhou para o céu e respirou o ar fresco da tarde. Olhando para cima desse jeito, podia ter acreditado que não havia nada de errado com o mundo: a nave alienígena se fora, e não haviam sinais de naves menores voando por aí, procurando por recursos para roubar. Mas

essa ausência doía, tanto que Luna podia sentir lágrimas se formando nos cantos dos olhos, caindo em silêncio apenas porque não queria que os outros percebessem.

Mas pelo menos *uma* pessoa percebeu.

“Ei, o que foi?” Cub perguntou, erguendo a mão para secar uma lágrima de sua bochecha com o polegar.

“Você sabe que eu odeio que você me viu chorar, certo?” Luna disse. “Eu sou mais durona que isso. Não fico soluçando o tempo todo.”

“Existem coisas pelas quais vale a pena chorar,” Cub disse. “Como ser transformado num fantoche de alien, ou o mundo completamente transformado, ou os amigos sendo capturados por uma nave alienígena.”

“Uma nave alienígena que nem está mais *lá*,” Luna o corrigiu. Se a nave planeta ainda estivesse lá, podia ter imaginado Kevin e até Chloe se esforçando para retornar. Em vez disso, tinha sumido, e eles também. Parecia tão irremediável quanto qualquer coisa que tivesse acontecido com seus pais, ou os outros amigos. Parecia que toda esperança por eles tinha desaparecido no momento que a nave se foi.

“Vai dar tudo certo,” Cub disse, passando os braços ao seu redor.

Luna forçou um sorriso. “Você está acabando com sua imagem de motoqueiro durão, abraçando as pessoas por aí.”

Mas estava feliz pelo abraço, porque no momento parecia que o resto do mundo estava caindo aos pedaços. Luan tinha tido tanta certeza que tudo ia terminar com ela e Kevin e Chloe juntos, e agora era quase como se eles tivessem morrido. Até onde sabia, eles podiam mesmo ter morrido, ou pior, lá na nave planeta. Não saber não melhorava nada.

“A gente devia entrar,” Cub disse por fim. “Se você acha que está pronta? Você tá bem?”

Luna não tinha certeza que fosse ficar bem de verdade depois disso tudo. Coisas demais tinham acontecido muito rápido, e ela parecia envolvida demais nos acontecimentos, já que só tinha treze anos. Mas estava pronta para voltar. Não ia desistir agora.

“Estou pronta para escutar o que Ignatius tem a dizer,” Luna disse. “Se existe um jeito de ajudar as pessoas, eu quero saber.”

“Eu também,” Cub disse.

Eles voltaram para o bueiro, onde os motoqueiros tinham conseguido acender um fogo longe o bastante da boca para não atrair atenção. As paredes refletiam o calor, espalhando-o e tornando o lugar

supreendentemente quente. Bear já estava aproveitando o calor, enrolado e roncando em um canto. Ignatius estava sentado próximo do fogo, se aquecendo.

“Você disse que ia contar sua história quando estivéssemos a salvo,” Luna disse, sentando ao seu lado. “Não sei se existe lugar seguro, mas não tem nenhum monstro nos perseguindo agora.”

“Então é hora de conversar,” Cub disse. Luna viu Ignatius se retrair.

“Não precisa ter medo da gente,” Luna disse.

“Você diz isso agora,” ele retrucou. “mas não acho que diria isso se soubesse do meu passado. Digamos que eu fiz umas coisas... não muito palatáveis antes dos aliens chegarem, e fica por isso mesmo.”

“*Não* fica por isso mesmo,” Cub disse. “Que tal se você nos disser exatamente o que você fazia, pro meu pai e eu decidirmos quão perigoso você é pro clube?”

“Cub...” Luna começou.

Cub sacudiu a cabeça, então olhou enfaticamente para as outras pessoas ali no bueiro, trabalhando para transformar o lugar em um acampamento temporário.

“Tenho que pensar em todo mundo aqui, Luna,” ele disse, “e tem alguma coisa esquisita nesse cara que pode trazer controlados de volta, e depois sai falando das coisas ruins que costumava fazer. Então, o que era, Ignatius?”

“Eu... costumava trabalhar pra umas pessoas,” ele disse. “E eu preparava compostos personalizados para eles em um... laboratório privado.”

“Trabalhava pra traficantes,” Cub disse, com um olhar duro. Luna olhou para Ignatius, igualmente enojada pela ideia.

“Não era bem assim,” Ignatius disse, erguendo as mãos. “Bom... suponho que *era* assim. Mas era completamente legal, mais ou menos. As pessoas pra quem eu trabalhava queriam substâncias que eram tecnicamente legais, mas ainda afetavam o corpo humano. Eu trabalhava com estimulantes, moduladores de humor, de performance, compostos para aperfeiçoar o cérebro...”

“Você parece quase orgulhoso,” Luna disse. Era difícil não ver Ignatius com novos olhos depois do que tinha dito. Era difícil não vê-lo como alguém mais asqueroso, e muito menos confiável.

“*Você* está andando com motoqueiros,” ele disparou. “Além disso, as pessoas pra quem eu trabalhava... não aceitavam não como resposta.”

“Então como você descobriu uma cura?” Luna exigiu.

“Eu estava trabalhando com esse... bom, não importa o que era,” Ignatius disse. “Basta dizer que não funcionou como eu queria. Mas quando todos ao meu redor se transforaram, eu permaneci. Percebi que tinha alguma coisa que podia ajudar o mundo!”

“E não tentou vender pra ninguém?” Luna disse. “Só saiu por aí e começou ajudar as pessoas?”

“Eu ajudei *você*, não foi?” ele retrucou. “Não precisa ser ingrata. Não sou tão desagradável. Eu só...”

Ele não terminou a frase, porque estava ocupado olhando por cima do ombro de Luna. Bobby estava rosnando de novo e Luna se virou e viu Bear parado lá, grande e silencioso, se movendo aos trancos. Na luz do fogo, Luna podia ver suas pupilas brancas.

“Pai...” Cub disse, levantando, mas Bear o empurrou com uma mão, e ele voou para longe.

Luna era a próxima em seu caminho, e mal teve tempo de levantar antes de Bear agarrar seu pescoço com as mãos carnudas. Luna sentiu sua garanta fechar quando as grandes mãos do motoqueiro se apertaram, impedindo todo ar de chegar aos seus pulmões.

Ela chutou na direção dele, acertando seus joelhos, e entre as pernas. Nada fez diferença. Ela tinha sentido por si mesma a indiferença dos controlados à dor, e mesmo que não estivesse controlado, Luna nunca poderia enfrentar um homem do tamanho de Bear e vencer. Mas não a impediu de tentar. Bobby mordeu o motoqueiro, e Bear o chutou para longe.

“Pai, você tem que lutar,” Cub disse, correndo de volta para luta. “Todo mundo, me ajuda a tirar ele de cima!”

Os motoqueiros pularam nele, agarrando Bear e tentando puxá-lo pra trás. Luna conseguiu respirar quando o aperto afrouxou por um instante, mas foi só para Bear socar um dos motoqueiros, derrubando-o no chão. Outra pessoa bateu nele com um porrete com tanta força que o quebrou, mas não fez diferença. Bear apertou as mãos ao redor da garganta de Luna de novo, e o mundo se fechou a sua volta.

“Pai!” Cub disse. Tinha uma machete na mão agora. Luna podia ver como essa mão tremia. “Você tem que soltar! Vai matar a Luna!”

O mundo começou a escurecer, mas Bear não soltava. Cub bateu nele, cortando seu braço. Qualquer pessoa normal teria largado, e provavelmente berrado em agonia também. Mas Bear não era mais uma pessoa normal. Luna ainda sentia a pressão em sua garganta, incapaz de resistir.

“Sinto muito,” Cub disse. “Sinto muito, pai.”

Luna queria gritar para ele não fazer isso quando ele levantava a machete, mas não restava mais fôlego. Só pode assistir quando Cub desceu a lâmina, cortando o pescoço do pai, uma vez, e de novo enquanto tentava atravessar.

Acima de Luna, Bear congelou, caindo no chão, as mãos soltando sua garganta. Luna tossiu, esfregando o pescoço e arfando por ar tão rápido quanto conseguiu. Podia ver Cub, encarando a arma em suas mãos, tropeçando para trás.

“O que eu fiz?” ele murmurou. “O que foi que eu *fiz*?”

“Diria que salvou a mocinha, e possivelmente todos nós,” Ignatius disse. “Com um controlado desse tamanho—”

“Ele era meu pai!” Cub berrou, e deu um passo a frente, levantando a machete. “Foi sua culpa! Você disse que nos curou, mas não fez nada por ele! Você é só uma barata sarnenta e traficante!”

Luna conseguiu se colocar entre os dois, pressionando uma mão contra o peito de Cub. “Cub, não. Não foi culpa do Ignatius. Foi dos aliens.”

Podia ver as lágrimas caindo dos olhos de Cub, e a única coisa que Luna pode fazer foi o mesmo que ele fez por ela. O abraçou, segurando enquanto ele chorava.

“O meu pai... ele ia... eu não podia deixar. Eu sabia que ele ia preferir morrer a ser um assassino. Agora *eu* sou o assassino!”

“Você é a pessoa que me salvou,” Luna disse, “e você impediu seu pai de ser um prisioneiro no próprio corpo. Fez a única coisa que podia.”

“Eu...” Cub disse. Luna escutou a machete bater no chão. “Eu preciso de ar. Não posso ver ele desse jeito... não posso...”

Ele se afastou de Luna e saiu correndo. Luna queria ir atrás dele, mas mal conseguia ficar de pé naquele momento, muito menos segui-lo.

“Vão com ele,” ela disse para alguns dos motoqueiros. “Se cerifiquem que nada de mal aconteça. Você e você, movam o corpo do Bear. Não devia estar aqui quando o Cub voltar.

Era estranho, dar instruções a adultos desse jeito. Foi ainda mais estranho quando eles obedeceram, fazendo o que ela pedia, agradecidos que *alguém* estava dando instruções. Talvez fosse só gratidão que alguém sabia o que fazer. Luna queria que alguém dissesse a *ela* o que fazer.

Por enquanto, se sentou na frente de Ignatius. Bobby veio até ela, enrolado ao seu lado, lambendo sua mão.

“Ele ia me matar,” o homem disse.

“Ainda pode,” Luna disse. “Quando o Cub voltar, ele vai querer respostas. *Todos* queremos respostas. Por que sua cura não funcionou?”

Ignatius sacudiu a cabeça. “Não sei. Não foi projetada pra isso. Funcionou como vacina, então eu esperava que funcionasse como cura, mas obviamente uma vez que alguém foi controlado os efeitos não são tão permanentes. Talvez tenha a ver com—”

“Você está me dizendo que vai passar pra todo mundo?” Luna exigiu. “Quanto tempo?”

“Não sei,” Ignatius disse. “Eu só—”

“Você tem uma escolha agora,” Luna disse. “Pode tentar correr e torcer para que o Cub não te pegue, ou pode nos dar umas respostas. Então, quanto tempo?”

Ignatius ficou quieto, pressionando os lábios. Começou a fazer cálculos nos dedos. “Assumindo uma taxa contínua de decaimento, e se eu puder inocular vocês todos em intervalos regulares, e pra isso vamos precisar pegar mais da minha fórmula no meu carro...”

“Quanto tempo?” Luna repetiu.

“Uma semana,” Ignatius disse. “Uma semana no máximo. Mas obviamente, essa cálculo é aproximado. Algumas pessoas se transformariam mais cedo.”

Uma semana. Luna ficou sentada em silêncio, encarando o homem que tinha salvado todos eles. Uma semana não era o bastante. Uma semana não era tempo o bastante para fazer nada, e certamente não para todo o resto de sua vida humana.

“Como a gente estende isso?” ela perguntou, quando foi capaz de falar. “Como transformamos em uma cura de verdade?”

“Não dá,” Ignatius disse.

“Resposta errada,” Luna retrucou. “Você descobriu essa fórmula, obviamente tem *alguma* habilidade, então o que a gente faz?”

“Eu não *sei*,” Ignatius insistiu. “Talvez exista um jeito de prolongar os efeitos, mas não sei o que estou fazendo. Eu precisaria conversar com outros cientistas, tentar descobrir porque essa cura foi temporária, mas eu nem sei onde existem outras *pessoas*, muito menos pessoas que possam ajudar.”

Luna se viu pensando nos Sobreviventes. Ela e os outros tinham deixado eles para trás em LA. Eles tinham ajudado a encontrar o vírus para atacar os

aliens. Talvez pudessem ajudar com isso, especialmente quando tinham sido os primeiros a mencionar rumores de uma cura.

Parecia uma chance pequena. Parecia com o tipo de coisa que nunca ia funcionar, mesmo se os Sobreviventes estivessem a salvo. Mas qual era a alternativa? Luna olhou para onde dois dos motoqueiros estavam arrastando o corpo de Bear, puxando um pouquinho de cada vez pelo chão de concreto. *Essa* era a alternativa. Em uma semana, talvez, aquela seria ela. Seria todos eles.

“De manhã, nós vamos para LA,” Luna disse. “É melhor você torcer para encontrar o que precisamos lá.”

CAPÍTULO OITO

Kevin seguiu Xan Mais Puro quando o alien o guiou pela espiral mais uma vez. Curiosamente, se viu ainda pensando em Chloe. Na verdade, se perguntava como poderia ter sentido qualquer coisa por ela. Ter sentimentos por alguém parecia uma tal fraqueza, uma tal *aberração*, que era difícil crer que já tinha sido assim.

“Quanto mais tempo passar com a Colmeia, mais difícil será acreditar em tamanha futilidade,” Xan Mais Puro disse enquanto subiam os níveis da espiral. “Resíduos de uma vida prévia são comum para aqueles que se unem a Colmeia, mas irão se dissipar.”

“É bom saber,” Kevin disse. Por um momento tinha se preocupado se essas memórias de sentimentos ficariam com ele para sempre. Tinha quase certeza que as memórias de alguém que logo seria remodelado pelo bem da Colmeia seriam irritantes depois de um tempo.

Franziu o rosto para essa ideia.

“Xan Mais Puro,” ele perguntou, “você já se perguntou se estamos perdendo alguma coisa por não sentirmos?”

Xan Mais Puro parou. “Deve ter cuidado ao dizer tais coisas, Kevin. Na Colmeia, qualquer desejo pelos tempos antes de sermos livres de emoção é visto como uma espécie de revolta, um crime da mais alta ordem.”

“Por que, Xan Mais Puro?” Kevin perguntou. “Cortar nossas emoções não nos impede de sermos felizes, ou amar uns aos outros?”

“Essas são armadilhas,” Xan Mais Puro disse. “Nossas emoções foram parte do que nos levou a destruir a superfície de nosso planeta, há tanto tempo. Criaturas fazem coisas tolas para serem felizes; coisas que não são boas para a Colmeia. Desejar tais coisas é desejar separar-se do todo.”

“Mas—”

“Já basta, Kevin,” Xan Mais Puro disse. “O que você está perguntando é um tópico que nunca discutimos. Jamais.”

“Desculpe,” Kevin disse. “Eu não sabia.”

“Por isso respondi suas perguntas antes de chegarmos,” Xan Mais Puro disse.

Kevin ficou curioso. “Chegar aonde?”

“O Hall da Comunhão. Venha.”

O alien continuou a guiar o caminho, entrando em um tipo de cápsula em formato de ovo. Kevin entrou junto com o alien, esperando enquanto a porta

fechava, parecendo crescer até cobrir a passagem. Esperou ao lado de Xan Mais Puro.

Houve uma breve sensação de movimento, e embora as paredes da cápsula parecessem isolá-lo da velocidade de um modo que a plataforma de antes não podia, Kevin tinha a impressão de que estavam se movendo muito mais rápido, disparando para um ponto distante da nave planeta antes de frearem.

“Bem-vindo ao Hall da Comunhão,” Xan Mais Puro disse, enquanto a porta dissolvia. “Deve se sentir honrado. É raro que alguém não dos Mais Puro receba permissão de estar aqui.”

“Estou honrado,” Kevin disse. Sabia que seu lugar na Colmeia não era exatamente dos Mais Puros. Entendeu quando foi conectado. “Mas... por que me trouxe aqui?”

“Você verá, Kevin,” Xan Mais Puro disse.

Eles saíram da cápsula e por um momento, tudo que Kevin pode fazer foi se maravilhar. Eles estavam em uma plataforma que flutuava no centro de uma esfera do mesmo metal dourado de que eram feitas as espirais. Outros membros dos Mais Puros estavam lá, refletidos no brilho do metal dourado, de forma que era difícil saber quantos eram. Contando, Kevin percebeu que não podiam haver mais de uma centena, mais ou menos.

“Esse é... o governo dos Mais Puros ou coisa assim?” Kevin perguntou.

“Aqui estão todos nós, Kevin,” Xan Mais Puro disse. “Todos de nossa estação que viajam nessa nave planeta.”

Demorou um segundo para Kevin entender o que o alien quis dizer.

“Esses são todos os Mais Puros?”

“Existem outros em outras naves, e alguns em nosso planeta natal, mas sim,” Xan Mais Puro disse.

Kevin achou difícil de imaginar. Havia tantos aliens a bordo da nave, e a própria nave era tão vasta, que parecia impossível que seus líderes fossem tão poucos. Parecia impossível que mundo após mundo fosse pilhado pelo benefício de um número tão pequeno de criaturas.

Pensou nas espirais douradas da nave planeta. Julgando pelo número dos Mais Puros presente, cada uma não podia conter mais que um punhado deles. Eram como mansões, se erguendo sobre o resto da nave planeta, sustentando duas ou três criaturas por vez.

“Adiante-se, Kevin,” um dos outros disse. Uma olhada na mente compartilhada da Colmeia lhe informou que o seu nome era Lux Mais Puro.

Kevin se moveu para o centro da plataforma, os aliens andando a sua volta como se o examinassem. Se perguntou pelo que poderiam estar procurando que já não tivessem achado quando examinaram sua mente. Tentou encontrar Xan Mais Puro, mas no redemoinho deles era difícil de enxergar.

“Está se perguntando o que faz aqui, Kevin,” Lux Mais Puro disse.

“Sim,” Kevin admitiu. Olhou ao seu redor. “Com tudo isso, tudo que eu já vi, não entendo que uso eu tenho pra Colmeia.”

Os aliens podiam fazer coisas com as quais só havia sonhado, conquistaram seu planeta inteiro sem problemas, e tinham sido espertos o bastante para manipulá-lo até fazer tudo que queriam. Como ele poderia ser útil para criaturas desse porte?

“Você se subestima,” Lux Mais Puro disse. “Acreditamos que você vai ser muito útil para a Colmeia. Quando enviamos nossos sinais ao seu planeta, houveram aqueles que tentaram avisá-lo. Planejamos usá-lo para localizarmos essas pessoas. Depois disso, você vai nos ajudar a seguir para novos planetas, facilitando a coleta de recursos para nosso planeta natal.”

Ambos pareciam objetivos nobres para Kevin, pelos quais ele poderia ser de grande utilidade para a Colmeia. Honestamente, era tudo que queria agora. Mesmo assim, era difícil de acreditar que podia fazer tudo que os Mais Puros esperavam.

“Como eu faço isso?” perguntou. “Quer dizer... por que eu?”

“Seu cérebro pode fazer tudo que é necessário,” Lux Mais Puro disse. “Pode se conectar aqueles que procuramos, e seguir esse sinal. Pode decifrar suas tentativas de se esconder. Pode desfazer quaisquer proteções eles usem. Além disso, mundos podem confiar em uma criatura infantil desconhecida, mais do que confiariam em nós. Você é nosso emissário, Kevin. Vai encontrar nosso caminho e pavimentar a estrada para o sucesso.”

“Sim, Lux Mais Puro,” Kevin disse.

Vagamente, ele sabia que houve uma época onde estaria enojado com tudo que o alien tinha acabado de dizer. Há não muito tempo atrás, ele teria se recusado a fazer parte de algo assim, e teria visto qualquer um se opondo aos aliens como alguém bom, a ser protegido. Mesmo dias atrás, teria dito que preferia morrer a estar envolvido com algo desse tipo.

Parecia tão bobo agora. Por que não iria ajudar a Colmeia? Seu bem-estar era a única medida do que era bom no universo. Se opor a ela era a própria definição do mal. Kevin mal podia acreditar no jeito estranho em

que pensava antes de ser feito parte daquela maravilhosa, interconectada rede de luz.

“O que eu preciso fazer?” Kevin perguntou.

“Por enquanto, fique parado onde está,” Lux Mais Puro disse.

As paredes curvadas ao redor de Kevin mudaram, fazendo parecer que ele estava parado no meio do espaço, em algum lugar que não era nem remotamente próximo da Terra. Podia ver uma estrela dupla queimando brilhante acima, maior que o sol, com planetas girando em órbita ao redor. Havia uma falha nessas órbitas, marcada por um campo de detritos, e de alguma forma Kevin sabia que esse era o local onde o planeta dos aliens costumava ficar. Tinham queimado o próprio mundo tentando se salvar, e nem isso foi o bastante para impedir a Colmeia de rasgar o planeta em pedaços e coletar tudo que tinham.

Um dos Mais Puros se adiantou, prendendo uma série de objetos parecidos com conchas na cabeça de Kevin. Agora, toda vez que virava a cabeça, a sala parecia virar com ele. Ele era parte da nave planeta, e seus sistemas estavam ligados a tudo que ele via.

“Estenda sua mente, Kevin,” Lux Mais Puro disse. “Mergulhe na Colmeia, e ao mesmo tempo procure pelo sentimento que teve quando recebeu mensagens daqueles que fugiram da queda de seu mundo.”

Kevin se esforçou. Mergulhar na Colmeia era fácil; estava esperando por ele quando quisesse, uma conexão toda poderosa que parecia preencher cada canto de seu ser.

A conexão com os aliens que o contataram era mais difícil. Nunca tinha procurado por eles antes, nunca tinha conseguido se conectar sem receber um sinal. Nunca nem pareceu algo que podia controlar. Em vez disso, sempre tinha vindo nos termos e horários deles. Kevin só continuou tentando por saber que fazia aquilo pelo bem da Colmeia.

Se lembrou de como tinha sido a primeira vez que recebeu uma visão, os números queimados em seu cérebro. Pensou em como tinha sido quando recebeu o sinal tentando alertá-lo da Colmeia, qual foi a sensação, o modo como a conexão se derramou sobre sua mente...

Sentiu o momento em que sua mente se conectou, saboreando o gosto do sinal dos aliens como um cão de caça reconhecendo um cheiro familiar.

“Ali!” ele disse, apontando, mas não precisava apontar porque a nave planeta já estava se movendo. Kevin viu o espaço se dobrar ao redor deles, e mais que isso, ele sentiu. Sentiu as ondas e redemoinhos no universo

causados pelos motores da nave, sentiu o modo como o espaço se dobrou sobre si mesmo para cruzar vastas distâncias. Para Kevin, era como surfar em uma corrente das maiores forças da galáxia: o calor das estrelas e a atração da gravidade, o giro de átomos e as ondas radiantes de luz.

Não devia saber como guiar a nave planeta por todas elas, mas, conectado à Colmeia, sabia. Seguiu o cheiro dos aliens que haviam fugido da devastação de seu mundo, rastreando de um jeito totalmente instintivo. Ele segurou forte, se recusando a soltar, deixando que a mente guiasse a nave planeta pela escuridão do espaço.

Não doía. Geralmente era difícil, até doloroso, segurar esse tipo de conexão. Normalmente, só traduzir os sinais já fazia seu cérebro doer, e ameaçava forçar Kevin até disparar um ataque convulsivo. Agora, estava fazendo algo que devia ser cem vezes mais difícil, e não sentia nada.

Apenas um dos modos que a Colmeia o fortaleceu.

Piscou, e agora as estrelas ao redor da nave planeta estavam mais uma vez paradas. Uma estava mais próxima que as outras, pálida e pequena; uma coisinha gasta que mal parecia declarar sua presença no escuro. Um planeta solitário a circulava, azul e cheio de vida apesar do tamanho diminuto de sua estrela. Kevin o observou, olhando para os oceanos e continentes, as pequenas luas girando ao seu redor e os satélites em órbita.

“Ali,” ele disse. “Os aliens que me contataram estão ali.”

Podia sentir sua presença se tentasse, selecionando os sinais nas margens de sua consciência. Através da conexão de Kevin com a Colmeia, pode virar os aparelhos de escuta na direção do planeta, absorvendo os sinais para que seu cérebro pudesse traduzir.

“Sabem que estamos aqui,” ele disse. “Sabem que os encontramos.”

“Deixe que saibam,” Lux Mais Puro disse. “Não muda nada.”

Kevin escutou os sinais, o pânico e o medo. Havia sinais de figuras militares tentando encontrar um modo de defender o planeta e sinais de famílias tentando escapar. Houve uma época em que achou esses sinais tão mais calorosos que os da Colmeia. Agora, só soavam fracos para ele.

“Estão se preparando pra lutar ou correr,” Kevin disse aos outros. Olhou para o planeta, suas nuvens rodopiando e os pontos fracos de cidades em sua superfície. Tinha visto as fábricas e forjas da nave planeta, prontas para desmontar tudo que fosse levado até elas. Quanto encontrariam lá embaixo? Quanto poderiam tirar desse planeta fresco que Kevin tinha descoberto para eles?

“O que fazemos agora?” Kevin perguntou, esperando escutar os detalhes da invasão. Não tinha dúvidas que a nave planeta podia capturar um lugar desses com facilidade.

“Agora,” Lux Mais Puro disse, “nós o destruimos.”

CAPÍTULO NOVE

Luna acordou com o barulho de movimento e ganidos. Por um momento, achou que fosse um sonho estranho, e que eventualmente fosse se transformar no som de sua mãe tentando acordá-la porque ia se atrasar para a escola.

Então se lembrou que sua escola, sua mãe, e praticamente tudo mais na Terra se fora, e a dor pura foi o bastante para a arrancar dos sonhos, seus olhos abrindo para o interior do bueiro, luz matinal entrando pelas margens.

Viu os coiotes ali, latindo e arrastando alguma coisa, as bocas ensanguentadas. Demorou um momento para perceber o que estava acontecendo.

“Coiotes! Pegaram o corpo do Bear!”

Correu para eles, tentando afugentá-los, porque tinha escutado em algum lugar que coiotes eram bem medrosos com humanos. Podia ser o caso normalmente, mas talvez o fim do mundo humano tivesse deixado esse bando mais ousado, ou talvez só estivessem com fome demais para deixar uma refeição em potencial para trás, porque rosnaram e mostraram os dentes, avançando para sua mão.

A dor da mordida foi excruciante, e Luna se jogou para trás, o que só doeu mais. Os motoqueiros avançaram, atacando os coiotes com as armas que tinham, porretes e facas subindo e descendo. Cub estava no meio, chutando os coiotes para tentar fazê-los recuar. Luna viu um animal virar para ele, mordendo sua perna como mordeu a mão de Luna. Viu Cub se contorcer, mas não gritar. Em vez disso, ele bateu no coiote, e Luna tropeçou em sua direção, acrescentando o próprio chute no lado de uma das criaturas.

Finalmente os coiotes debandaram, percebendo que eram humanos demais para enfrentar. Luna viu Cub se voltar para os restos do pai, horrorizado pelo que os coiotes tinham feito. O puxou para longe tão gentilmente quanto pode.

“Não olha,” ela disse. Não queria olhar também, mas de alguma forma, parecia errado desviar os olhos. Agora esse era um mundo onde eles não tinham o luxo de ignorar as coisas que estavam erradas.

“Precisamos enterrar ele,” Cub disse. “Não temos tempo, mas...” Ele se virou para os outros motoqueiros, e embora muitos deles fossem mais velhos, todos deram pra trás. “Era pra vocês levarem ele lá pro fundo! Pra isso não acontecer!”

“Não é culpa deles,” Luna disse. “Não é culpa de ninguém além dos aliens. Se não tivessem vindo, nada disso ia ter acontecido. Não tinha nada que eles pudessem fazer. Nada que *você* pudesse fazer.”

Essa era a lição que o mundo tinha para eles agora: que às vezes não importava o que fizessem, coisas ruins ainda aconteciam. Para Luna, parecia uma lição cruel de se aprender na sua idade. Parecia mais o tipo de coisa que você evitava aprender o máximo possível, ou ignorava completamente.

“Vou ignorar,” Luna disse a si mesma.

“O quê?” Cub disse.

Luna balançou a cabeça. “Nada.”

Mas ela ia. Não ia aceitar que não podia fazer nada pelo mundo. Se realmente acreditasse nisso, podia sentar logo ali, esperar uma semana, e voltar ao controle dos aliens. Precisava acreditar que podiam fazer alguma coisa, mesmo se fosse só chegar até LA.

Mas Luna sabia que não podiam ir a lugar nenhum antes de enterrar Bear. Podiam ter só uma semana, e isso assumindo que iam conseguir pegar o resto da vacina de Ignatius, mas não ia discutir se tinham tempo o bastante. Olhando para o rosto de Cub, sabia que ninguém ia discutir.

Enterraram Bear tão fundo quanto conseguiram no chão duro e rochoso. Luna ajudou a cavar, embora não tivesse mais a força ou imunidade a dor que tinha tornado tão fácil o trabalho duro de desmontar Sedona. Cub continuou a trabalhar até Luna o puxar para longe, sabendo que ele provavelmente ia continuar até desmaiar de calor.

“Deixa os outros terminarem,” ela disse, enquanto Ignatius e os motoqueiros trabalhavam. O homem que os salvara parecia trabalhar tanto quanto os outros, como se esperasse que fosse compensar por seu fracasso em encontrar uma solução permanente.

“Ele é meu pai,” Cub disse.

“E por isso você devia pensar em alguma coisa pra dizer sobre ele,” Luna disse.

“Eu? Mas eu só—”

“Tenho quase certeza que você é o líder agora,” Luna disse. Quando Cub começou a dar ordens ontem à noite, os motoqueiros tinham feito tudo que ele disse, embora ele fosse só um pouco mais velho que ela. Segurou a mão

dele. “Eu sei que dói. Meus pais não morreram, mas eu não sei onde estão, e quando eu descobri que foram transformados...”

Meio esperava que Cub fosse dizer que não era a mesma coisa, e supunha que não era. Tinham esperanças de trazer os transformados de volta agora, e talvez pudesse ver seus pais novamente, e tudo ia ficar bem, e...

Não, nada nunca ia ser como antes.

“Eu não sei se eu consigo,” Cub disse. “Eu não sei se consigo ficar lá parado e dizer adeus.”

“Eu fico com você,” Luna prometeu. “Não precisa ser cumprido, mas acho que é melhor se você dizer alguma coisa. Acho que vai se arrepender se não disser.”

“Vou tentar,” Cub disse.

Eles esperaram os motoqueiros terminarem a cova, colocando o corpo de Bear dentro delicadamente, com o tipo de reverência que revelava o quanto isso doía. A maioria deles parecia tensa, como se estivessem segurando as lágrimas, tentando parecer durões apesar de seu líder ter partido.

Cub olhou para Luna como se a mão dela em seu braço fosse o único motivo de ele conseguir se levantar. Ela esperava que conseguisse. A maior parte do mundo não teve a chance de dizer adeus para ninguém; parecia certo que pelo menos ele pudesse.

“Eu realmente não sei o que dizer,” ele disse com Luna ao seu lado.

“Meu pai... vocês todos sabem como ele era. Era a pessoa mais forte que eu já conheci, a mais durona, mas sempre tentava fazer a coisa certa. Ele me ensinou... me ensinou praticamente tudo.” Cub engasgou, e para Luna, parecia que estava prestes a se desmanchar, mas talvez isso não fosse tão ruim. Talvez todos eles precisassem do luto.

Luna se viu pensando em Bear e em como os tinha ajudado, mas também pensou em Kevin e Chloe, e sua família, e todo mundo que tinham perdido. Naquele momento, não deixou as lágrimas caírem só pelo homem que os tinha ajudado a chegar até as naves alienígenas; chorou pelo mundo inteiro que se fora.

Ela e Cub ficaram por lá enquanto os outros cobriam a cova. Não era um tipo normal de funeral, mas talvez fosse o tipo de coisa que era normal por enquanto. Luna não sabia o que podia dizer para Cub que iria ajudar, então apenas passou o braço por seus ombros e ficou ao seu lado enquanto os motoqueiros e Ignatius devolviam a terra vermelha e aplanavam o chão.

Ficaram lá pelo que pareceu muito tempo, e embora Luna não quisesse ter que forçá-los a partir, sabia que teria. Os outros motoqueiros tinham respeito demais por Bear, Cub obviamente não queria deixar a cova do pai, e Ignatius não ia arriscar falar nada quando todos já não gostavam dele. Então sobrava Luna.

“Precisamos ir,” ela disse, gentilmente.

Cub olhou para ela.

“Desculpa,” ela disse. “Mas precisamos. Só temos uma semana.”

Cub ficou em silêncio por um ou dois segundos, então concordou.

“Tem razão,” ele disse. Olhou para os outros, levantando a voz.

“Precisamos ir. Peguem as suas coisas. Vamos andar.”

Eles saíram andando, caminhando juntos na direção de LA, e Luna podia sentir o calor irradiando sobre ela com cada passo. Deram as costas à Sedona, sem se atrever a chegar perto.

“Queria ter conseguido pegar as motos,” Cub disse, enquanto os outros motoqueiros marchavam em uma longa linha.

“Se os aliens estão procurando pela gente, com certeza vai ser em Sedona,” Ignatius respondeu. “Além disso, minha vacina é mais importante.”

“Se funcionar,” Cub retrucou.

Luna colocou uma mão em seu braço, para manter a paz. Não gostava de Ignatius mais do que ninguém, mas pelo menos ele se esforçou para salvá-los, e arriscou a si mesmo. Tinha que contar para alguma coisa.

“As motos nem devem estar mais lá, com aqueles tiros de energia,” ela disse.

“É,” Cub disse, desanimado. Ocorreu a Luna quanto aquelas motos deviam ser importantes para ele.

“Quanto falta até onde você deixou a vacina, Ignatius?” Luna perguntou, tentando distrair Cub.

“Não muito longe,” ele disse. “Eu deixei em um ferro velho onde poderia achar depois. Claro, eu esperava que ia *dirigir* de volta, em vez de ter que andar pelo deserto.”

“Para de reclamar,” Cub disse.

Continuaram a andar, o calor do dia intensificando ao seu redor. Luna já estava suando, e queria algo para beber mais do que quase qualquer outra

coisa no mundo. Quase; teria escolhido Kevin e Chloe de volta antes de todo o resto.

Eles foram mais devagar enquanto o dia esquentava, o esforço de andar fazendo sentir que não iam conseguir continuar por muito tempo. Luna teve que se concentrar só para botar um pé na frente do outro. Com esse calor todo, logo iam ter que parar. Iam *ter* que parar.

“Ali,” Ignatius disse, apontando.

Luna viu o brilho de metal na distância, embora olhando de novo não fosse muito brilhante. Podia ver as cores de ferrugem e sujeira, metal empilhado em cima de metal em monte após monte, um ferro velho simplesmente parado lá atrás de uma cerca de arame.

A visão foi o bastante para fazê-los seguir em frente, se apressando. Era longe o bastante da cidade para ainda estar intocado pelos aliens, silencioso e quieto no calor do deserto. Não demorou muito para alcançarem a cerca de arame, com grandes sinais proclamando as consequências para os invasores.

“Não tem ninguém aqui,” Ignatius disse. “Eu conferi.”

Ele os liderou, abrindo um portão cuja corrente que o lacrava tinha sido cortada. Luna adivinhou que foi Ignatius quem fez isso. Ele os guiou através do ferro velho até um local onde uma placa estava ao lado de uma pilha de canos de metal enferrujados. Puxou a placa para longe, revelando uma grande caixa térmica, de onde começou a tirar vidros com um líquido azul.

“Aqui,” Ignatius disse, passando um deles para Luna. “Bebe esse.”

Luna pegou o vidro, abrindo com cuidado. “Essa é a vacina?”

“Vamos ver se beber ajuda a concentrar a dose.”

Luna não gostou da ideia que Ignatius não sabia o que o líquido ia fazer. Mesmo assim, bebeu devagar, ignorando o gosto horrível tanto quanto pode. Ignatius passou mais doses da vacina para o grupo, e eles beberam, não muito felizes.

“Vai ser um caminho longo para LA, andando e bebendo isso aí,” Cub disse.

“A gente podia dar uma olhada no ferro velho,” Luna sugeriu, “ver se não tem nada que seja útil.”

“Não tem nada,” Ignatius insistiu. “Eu peguei toda água e comida da primeira vez, e os carros estão todos quebrados.”

“*Quão* quebrados?” Cub perguntou, em um tom de voz pensativo.

“No que está pensando?” Luna perguntou. Havia alguma coisa no jeito como ele perguntou que a deixava esperançosa.

“Estou pensando que praticamente todo mundo nesse clube já trabalhou com carros e motos. Se a gente achar alguns equipamentos, quem sabe de forja... se espalhem,” ele ordenou. “Vejam o que dá pra achar. Luna, quer vir comigo?”

Luna concordou. “*Com certeza é melhor que andar.*”

Começaram a procurar pelo ferro velho, examinando as pilhas de carros, os restos achatados de acidentes, e os motores há muito destruídos. As primeiras pilhas não foram muito promissoras, como se ninguém no mundo tivesse qualquer chance de fazer aqueles carros funcionarem de novo.

Então eles deram a volta ao redor de um dos montes, e Luna viu.

“É perfeito,” ela disse, encarando.

“Se funcionar,” Cub disse.

O ônibus escolar estava bem no meio do ferro-velho, grande e sólido, intacto exceto por alguns vidros, e parecendo quase pronto para rodar estrada abaixo.

“Alguns desses carros no caminho podem ser um problema,” Luna disse.

Cub apontou para o que parecia ser a frente de um velho limpador de neve, embora porque um negócio desses estaria em um ferro-velho no meio do deserto, Luna não tinha ideia.

“Podemos colocar na frente,” Cub disse, “talvez pegar uns painéis e fazer armadura pros lados.”

“Podemos fazer nosso próprio tanque,” Luna disse com um sorriso.

“*Gostei.* Se der certo.”

“Vai dar certo,” Cub prometeu. “Aqui, pessoal!”

Os motoqueiros se reuniram, e boa parte deles tinha achado algumas ferramentas. Um deles tinha uma pistola de solda, e outros tinham moedores e macacos hidráulicos, chaves inglesas e martelos.

“Acho que o dono disso daqui gostava de trabalhar com os carros melhores,” um deles disse. “O que quer que a gente faça, Cub?”

Cub explicou o plano, e se os motoqueiros acharam que era pedir demais, não disseram. Em vez disso, se juntaram ao redor do ônibus, trabalhando para reconstruir e remodelar. Pegaram partes das pilhas de restos, cortando e colocando no lugar, encontrando modos de encaixar tudo. Luna sentiu que estavam feliz de ter algo para fazer que realmente ajudasse.

Luna decidiu se juntar a eles, e mesmo que não pudesse ajudar a reconstruir partes do motor ou soldar metal, podia encontrar pedaços para a armadura, e ajudar os outros a arrastar material das pilhas.

Lentamente, o ônibus foi se transformando. Parecia com o tipo de ônibus que crianças poderiam usar para ir à escola em uma zona de guerra, coberto de armadura e protegido de tudo que ficasse em seu caminho. Luna tentou ignorar o tempo que demorou para fazer; não foi um desperdício, porque uma vez que ficasse pronto, seria muito mais rápido que andar.

Mesmo assim pareceu demorar uma eternidade, mas lentamente havia menos e menos a se fazer, e mais e mais dos motoqueiros se afastavam. Finalmente, Cub se colocou na frente dele, um sorriso largo no rosto.

“Ficou pronto?” Luna perguntou.

Cub concordou, satisfeito. “Está pronto.”

CAPÍTULO DEZ

Forçaram Chloe a andar até as fábricas de carne, ignorando suas tentativas de se livrar das coisas grandes e blindadas que a seguravam, desdenhando quando tentou falar com elas. Ou talvez só não entendessem; afinal, as coisas grandes e transformadas que a carregaram até lá não pareciam exatamente com as criaturas mais espertas jamais montadas.

“Montadas” era o jeito certo de pensar, porque enquanto a faziam andar pelo interior das fábricas, ela viu criaturas sendo literalmente construídas, como modelos montados por uma criança, prontos para pintar. Ela viu um espaço onde armaduras quentes e vermelhas estavam sendo encaixadas em coisas gigantes e sem pelos que pareciam primos inchados dos Mais Puros. Em outro lugar, coisas com lâminas nas mãos cresciam em tubos gigantes de vidro.

“Pra onde estão me levando?” Chloe exigiu. “O que vão fazer comigo?”

Tentou não mostrar na voz nada do terror que sentia. Queria ser corajosa, e *não* queria dar a satisfação a essas criaturas de saber o quanto esse lugar a assustava. Tinha aprendido há muito tempo que para algumas pessoas, medo só fazia com que te tratassem ainda pior. Quando tinha fugido, aprendeu a não mostrar fraquezas, e antes disso...

Não, não ia pensar sobre antes. Ainda era melhor encarar as coisas acontecendo à sua volta do que pensar sobre antes disso. Pelo menos *isso* era culpa de monstros de verdade, não o tipo que pretendia ser legal, e normal, e carinhoso nos momentos quando não estavam fazendo coisas horríveis.

Então ela encarou os horrores a sua volta, se recusando a desviar o olhar, deixar que vissem como a assustavam. Mas não era fácil, porque tinha alguma coisa infernal de verdade nesse lugar. Havia mesas com pessoas e aliens amarrados, gritando enquanto criaturas abriam caminho para fora de seus corpos, nascendo para o mundo pela carnificina. Havia uma sala onde um lagarto humanoide estava preso na parede, e um par de aliens estava aparentemente o cortando e esperando enquanto seu corpo se curava, mais rápido do que Chloe podia acreditar. Havia outra sala onde o propósito de qualquer coisa parecia ser causar dor, testando de novo e de novo os limites das pessoas e criaturas lá dentro.

“Eu sei o que estão fazendo!” Chloe disse, desafiadora. “Sei que querem me assustar, e não vai dar certo.”

Então viu o quarto com a cadeira, e começou a gritar.

“Não! Não, não vou deixar que me levem pra lá, não vou!”

O quarto à frente era grande e vazio a nível do chão, exceto por uma cadeira que a lembrava da cadeira de um dentista: metal brilhante e obviamente projetada para se inclinar até ficar reta, se necessário. Não haviam tiras ou algemas, mas Chloe não se deixou enganar. Já tinha sentido com que facilidade a Colmeia podia usar a própria gravidade para segurar as vítimas no lugar.

Três dos Mais Puros estavam de pé ao lado da cadeira, vestidos em longas roupas brancas que lembravam Chloe de jalecos de doutor. O jeito vazio e desinteressado com que olharam para ela, quando as criaturas a carregaram para dentro, já era ruim o bastante. O resto da sala era pior.

Ao redor do cômodo, arrumados em níveis que se projetavam para cima, haviam assentos, de modo que a cadeira estava bem no centro de um alvo para eles, permitindo que aqueles sentados assistissem tudo que acontecia. Outros dos Mais Puros estavam nesses assentos, juntamente com algumas das criaturas inferiores, que se mantinham nos níveis mais altos, longe dos governantes. Chloe tinha visto uma foto de um teatro vitoriano de dissecação uma vez, onde doutores faziam autopsias para pessoas assistirem e aprenderem. Na época, achou horripilante, mas meio que legal. Agora, só parecia horripilante.

“Não,” Chloe suplicou. “Por favor.”

Lutou enquanto a arrastavam para frente, chutando as criaturas que a seguravam e tentando se livrar. Tentou soltar o peso do corpo, para forçá-los a carregá-la, e tentou gritar por ajuda de qualquer coisa por perto que não estivesse completamente sob o controle da Colmeia.

Não fez diferença nenhuma. Levantaram Chloe como se fosse uma pena, colocaram na cadeira e seguraram no lugar enquanto um dos Mais Puros usava um aparelho para ajustar a gravidade e a prender.

“Sou Ro Mais Puro,” ele disse, por uma caixa de tradução. “Estes são Gal Mais Puro e Jir Mais Puro. Você vai permanecer em silêncio enquanto discutimos o próximo passo do seu exame.”

“Não vou não!” Chloe gritou de volta. “Me solta. Me solta e devolva o Kevin do jeito que ele era. Vocês vão pagar por isso, vocês todos.”

Não sabia porque estava fazendo ameaças. Ameaçar pessoas que iam te machucar não adiantava; só fazia te machucarem mais ainda. Mesmo assim, não ia ficar sentada em silêncio e esperar para eles começarem a fazer o que

quer que planejassem fazer com ela. Não ia ficar sentada e ser uma vítima, mesmo se fosse piorar as coisas.

Os aliens passaram a ter o que Chloe imaginou fosse uma conversa privada, olhando em sua direção ocasionalmente do mesmo jeito que um açougueiro olharia para uma carcaça, planejando em silêncio o melhor jeito de cortar para conseguir o máximo de carne. Chloe só podia imaginar o que estavam discutindo. Os melhores experimentos para fazer com ela, provavelmente, e qual ordem usar para que ela vivesse o máximo possível.

“Não vou ter medo,” disse a si mesma. “Eu não vou ter medo.”

Queria que Kevin estivesse aqui. Se estivesse, ele poderia encontrar um jeito de tirá-la daquela cadeira e os dois fugiriam juntos. Iam descobrir como sair de lá e voltar para Terra, mesmo se estivessem em um lugar completamente diferente agora.

Exceto que foi Kevin que a mandou para cá, tão vazio e sem emoções quanto o resto deles, agindo como se nunca tivesse visto Chloe antes na vida. Assim que ele acordou do que os aliens fizeram com ele, parecia uma pessoa completamente diferente. Saiu andando da sala como se ela nem estivesse lá. Quando voltou, tinha aquela atitude cruel que todos os aliens pareciam ter, olhando para ela como se não importasse, nada parecido com o Kevin que conhecia.

“Sua mente é bastante interessante,” Ro Mais Puro disse, selecionando algumas das coisas pequenas e cheias de tentáculos que tinham usado antes para examinar seu cérebro. “Mesmo para alguém de sua espécie, parece cheia da heresia das emoções. Foi decidido que vamos examinar isso primeiro, antes de começar a implantar e aperfeiçoá-la. Vamos explorar suas reações a agonia, é claro, e a diferentes estados emocionais, para descobrir até onde podemos forçar antes que seu cérebro se quebre.”

Ele falou com o mesmo tom que poderia usar para propor um procedimento pequeno e sem importância, em vez de assassinato lento por quanto tempo os aliens pudessem fazê-la durar.

“Permaneça tão quieta quanto possível,” Ro Mais Puro disse, começando a colocar as coisinhas pequenas e cheias de tentáculos no lugar. “O procedimento deve ser o mais preciso possível.”

Claro, Chloe fez tudo que pode para sair da frente. Não ia facilitar para eles, não ia dar *nada* do que eles queriam se tivesse a chance de lutar.

Mas não deram chance. Ro Mais Puro prendeu as coisas em seu crânio e a Colmeia zuniu em sua mente de novo.

Chloe tentou expulsá-los, e doeu. Doeu como milhares de cacos de vidro cortando seu cérebro, cada um feito de luz e puxando suas memórias. Sentiu os aliens examinando as memórias de quando estava fugindo, forçando imagens em sua mente de noites passadas em soleiras e embaixo de pontes, em prédios abandonados e qualquer canto que pudesse achar onde as pessoas mais perigosas das ruas não iam encontrá-la.

Cada memória parecia trazer sua própria carga de emoções. A imagem de uma senhora idosa, quieta em uma soleira, e o momento em que Chloe percebeu que não estava respirando, trouxe consigo pesar e luto. Vislumbres de assistentes sociais e policiais entre os espaços de uma pilha de paletes trouxe medo e determinação de nunca ser levada de volta.

Esse pensamento a traiu, mostrando aos aliens exatamente aonde ir para machucá-la. Trouxe consigo imagens de seu passado das quais tinha tentado fugir: as brigas com a mãe que não acreditava nela, e que a chamou de mentirosa. O pai que era perfeito sempre que estavam em público com o resto do mundo, e cujo rosto se transformava em algo muito mais raivoso, muito mais feio, no momento que as portas fechavam. As memórias de Chloe derramavam fragmentos de sensações, cada um demais para suportar: o peso de alguém em cima dela, as ameaças sussurradas se contasse para alguém, a dor da faca nas vezes que tentou fazer parar...

“No,” disse a si mesma, a *eles*. “Não vou pensar em nada disso. Não podem me *obrigar*.”

Eles a chamaram de louca, de borderline, levaram em terapeutas e deram tantos remédios que era difícil lembrar de todos. Chloe tinha aprendido *algumas* habilidades com tudo aquilo, mesmo que não fossem as que eles queriam ensinar. Não aprendeu a controlar tudo que sentia, mas aprendeu como esconder as emoções, e fingir que não estava sentindo nada... e usá-las como armas.

Geralmente, era só usar palavras. Chloe era boa em ver emoções nas outras pessoas, e dizer exatamente a coisa certa, ou errada. Tinha feito demais com Luna, sabia disso, porque era óbvio que ela gostava do Kevin, mesmo que Kevin não visse. Mas agora, ela pegou suas emoções e começou a amassá-las dentro de si, esticá-las, moldando como a ponta de uma flecha, ou faca.

Chloe se focou em pensamentos de Kevin por um momento. Pensou no quanto se importava com ele, como ele era especial. Esses pensamentos eram um lugar seguro onde podia se reorganizar, e evitar o pior do que os

aliens faziam com ela. Chloe era boa em usar pensamentos desse tipo para se afastar do mundo e ignorar as piores coisas que estivessem acontecendo.

“Hoje não,” disse a si mesma. “Hoje, eles vão sofrer por isso.”

Chloe mergulhou na correnteza de mentes tentando mexer com ela, e ali afundou suas emoções, atacando com as armas que elas eram. Afinal, essas eram mentes que não tinham sentido emoções em primeira mão, e Chloe já achava as próprias emoções trabalhosas o suficiente depois de uma vida inteira lidando com elas. Ela cortou e esfaqueou com a raiva, jogou medo sobre suas mentes como uma rede, e endureceu amor até se tornar uma arma para apunhalar o coração, em vez de algo que o enchesse até a borda.

“Essa é a *minha* mente!” ela gritou para eles. “Não é sua, é *minha*!”

Ela os atacou, cortando as conexões a si mesma, e as conexões entre eles, rasgando como um par velho de jeans pronto para virar um shorts. Atacou porque qualquer coisa era melhor que fazer nada, porque se *recusava* a ficar deitada quieta, não importava quanto a ameaçassem...

Um deles se adiantou para qualquer que fosse a parte do cérebro de Chloe responsável pela dor, e *apertou*.

Ela gritou ao voltar a si mesma, soluçando em agonia mesmo quando o membro dos Mais Puros soltou sua mente. Um deles se ergueu, movendo-se em sua direção, e de algum jeito Chloe sabia que foi ele que a tinha machucado daquele jeito. Tinha um olhar de satisfação, quase como se tivesse *gostado*.

“Já chega,” o alien disse. “Isso é tolice, importar-se com *emoções*.”

“Sim, Lux Mais Puro,” disse Ro Mais Puro, aquiescendo com uma reverência.

“Não há nada a se aprender de tal busca,” Lux Mais Puro continuou, “e é perigosamente próximo de violar uma das nossas contenções mais importantes. As emoções de criaturas inferiores são uma contaminação, não um brinquedo a se examinar.”

“Está correto, é claro, Lux Mais Puro,” disse Ro Mais Puro.

“Devemos agir de forma que é melhor para a Colmeia,” Lux Mais Puro continuou. “Essa... criatura está contaminada demais com emoções para trabalharmos em sua mente, mas sua carne pode ser útil. Quais são seus planos para os próximos estágios de processamento?”

“Acreditamos que ela é um candidato apropriado para testar as interações de implantes,” Ro Mais Puro disse. “Depois disso, Jir Mais Puro

e Gal Mais Puro sugeriram ou dissecação ou utilizar como hospedeiro para as espécies que precisam ser maturadas.”

Chloe lembrou-se das criaturas que tinham saído dos aliens em uma das primeiras salas pelas quais passou. Estavam falando de usar ela como combinação de incubadora e café da manhã de monstros!

“Você discorda?” Lux Mais Puro perguntou.

“Já que a humana vai ser parcialmente modificada por quaisquer implantes, não seria benéfico transformá-la completamente?” Ro Mais Puro perguntou.

Lux Mais Puro ficou em silêncio por vários segundos, examinando Chloe. “Essa criatura é descontrolada demais para ser útil. Não poderia ser comandada satisfatoriamente pela Colmeia. Teste os processos que queira nisso, mas depois descarte para ser devorada. Existem muito mais humanos de onde isso veio, afinal.”

“Sim, Lux Mais Puro,” Ro Mais Puro disse, e novamente, Chloe sentiu uma certa deferência. “Sua sabedoria é um benefício para a Colmeia.”

Lux Mais Puro ignorou o comentário, virando-se para Chloe e encarando. Chloe sentiu ali um ódio que não tinha nada a ver com o conceito ordinário que humanos tinham, ou mesmo o tipo de ódio que sentia por todos eles no momento. Era um ódio que nem se chamaria de ódio. Simplesmente via qualquer vida que não era como si própria como inconveniente, uma obstrução a ser removida. O tipo de inimigo com quem não se podia conversar ou racionalizar.

E pior, era o tipo que tinha decidido que Chloe precisava morrer.

CAPÍTULO ONZE

Ro Mais Puro acompanhou Chloe conforme a levaram de uma das câmeras de demonstração até uma sala de implantação e se preparou para fazer mais experimentos com a fêmea humana. A maior parte de seus colegas Mais Puros não os seguiu; aparentemente, olhar para dentro de sua mente tinha sido o bastante para eles, sem precisar assistir os procedimentos posteriores.

Estranhamente, Ro Mais Puro se viu pensando que talvez fosse melhor se este aqui também não fosse parte dos procedimentos, e não só por causa da fúria que ainda pontuava o horror e medo nos olhos de Chloe. Tinha que considerar suas obrigações à Colmeia, e Ro Mais Puro não podia negligenciar o que tinha que ser feito em nome dela.

“Coloque a humana em um campo de contenção,” Jir Mais Puro disse, quando chegaram a câmera de implantação.

Essa era uma das aplicações mais avançadas da tecnologia que a Colmeia tinha roubado de seus vizinhos há tanto tempo. Era estranho, Ro Mais Puro pensou, que este aqui pensasse nesses termos, quando todos sabiam que a Colmeia tinha o direito de tomar qualquer coisa que a fizesse mais forte. Para que mais existiram outras coisas no universo, afinal?

As criaturas serventes levaram Chloe até um local no meio da sala, e agora, em vez de prendê-la no lugar, a gravidade a puxou para todos os lados, fazendo Chloe dar voltas até que nenhuma direção fosse para baixo por mais que alguns segundos. Ela ficou flutuando no ar, incapaz de agir.

Havia alguma coisa, Ro Mais Puro percebeu, ao mesmo tempo elegante e de certa forma cruel sobre aquilo.

“Com quais aparelhos devemos começar?” Gal Mais Puro perguntou.

“Talvez inserindo um simbiote?” Jir Mais Puro sugeriu.

“Ou um enxerto,” Gal Mais Puro disse. Levantou uma prótese de metal de um braço humanoide, claramente grande demais. “Qual percentagem de substituição pensam que uma forma humana pode tolerar?”

“Não!” Ro Mais Puro exclamou, e então se deteve. “Isto é, este parece ser um modo ineficiente de prosseguir. Seria difícil retornar a humana a um estado inalterado para mais experimentos, uma vez que os membros sejam retirados.”

“Faz sentido, Ro Mais Puro,” Jir Mais puro disse. Escolheu uma criatura prateada, ignorando o modo como se contorcia e lutava, procurando carne.

“Uma inserção, então.”

Os três se moveram para Chloe, que deu uma olhada para o que estava nas mãos de Jir Mais Puro e começou a gritar, seu terror óbvio. Não fez a menor diferença para os outros, mas Ro Mais Puro se viu... perturbado pela ideia de que a jovem humana devesse sentir tanto medo.

Não havia nada que este aqui pudesse fazer para aliviar o medo dele enquanto os outros pressionavam o simbiote no braço de Chloe, os dentes internos da criatura de metal vivo se afundando nela e fazendo-a gritar de novo.

“Notem as nuances dos gritos humanos,” Gal Mais Puro disse. “Talvez eu produza uma coleção de conhecimento sobre seus vários tipos.”

O colega Mais Puro de Ro disse isso como se os gritos não fossem nada mais que o trinado de morcegos Xantha nos beirais dos armazéns contra-turno. Não podia ver que significava que Chloe sentia dor, e que faria qualquer coisa para que parasse? Foi necessário grande esforço para que Ro não desse um passo a frente e arrancasse o aparelho do braço de Chloe. Apenas o conhecimento que a essa altura isso a machucaria ainda mais o impediu.

“Agora o primeiro soro,” Gal Mais Puro disse, inserindo a seringa em Chloe antes que Ro pudesse pensar em impedi-lo. Ela gritou de novo, e Ro se encolheu em simpatia.

“Esse soro é mutagênico,” Gal Mais Puro explicou. “Os efeitos são de certa forma imprevisíveis, mas se produzir resultados úteis...”

“Poderiam ser transformados em uma nova espécie servente,” Jir Mais Puro concluiu. “O que mais devemos fazer com ela? Diria que um enxerto de metal—”

“Não,” Ro disse, firmemente. Quando os outros olharam em volta, este aqui percebeu que tinha falado em voz alta de novo, e pensou rápido. “A humana é um experimento científico, não uma... bugiganga. Já temos dois processos em progresso. Se introduzirmos outros antes de observar os resultados deste, será impossível determinar as causas do que for obtido.”

“Suponho que esteja correto,” Jir Mais Puro disse. “Talvez então devamos deixar a humana por um período, e observar quais mudanças são causadas pelo soro? Então podemos decidir o que fazer a seguir. Devo alertá-los, vou insistir em enxertos de metal.”

“Devemos basear nossos próximos passos na evidência,” Ro disse.

Eles partiram, e Ro achou curiosamente difícil simplesmente abandonar a humana sem olhar para ela, girando indefesa na teia de gravidade. No passado, este aqui não teve dificuldades em realizar sequer os procedimentos mais difíceis e complexos, mas hoje, dois experimentos relativamente simples e este aqui estava preocupado com a segurança do sujeito.

Era estranho.

Para tentar se lembrar de que era apenas mais um experimento entre muitos, Ro se encaminhou para outras estações, examinando outros sujeitos, escutando o modo como reagiam a seus experimentos... ao seus gritos.

“O que está acontecendo comigo?” Ro perguntou, repellido por uma sala onde sujeitos estavam sendo usados para lentamente cultivar bactérias, presos enquanto uma série de doenças era incubada dentro de suas formas.

Na próxima sala estavam testando as respostas de diferentes espécies a treino, procurando por métodos que os fariam servidores mais úteis do que o controle completo utilizado quando tomavam um planeta. Os gritos de dentro daquela sala deixaram Ro indisposto até de olhar.

Havia sala após sala aqui, experimentos que Ro tinha ajudado a executar, testando tudo desde transformações físicas até a reprodução híbrida de novas criaturas e simplesmente testes de destruição de algumas de suas criações. Em uma cova, duas criaturas gigantes e aracnídeas que pareciam variações do mesmo padrão genético lutavam para que os Mais Puros pudessem determinar qual combinação de ajustes genéticos seria superior. Ro se afastou de lá tão rápido quanto havia evitado as outras salas.

Ro Mais Puro sentiu... bom, essa era exatamente a questão. Este aqui *sentiu*, e não apenas a harmonia pura que vinha quando se era parte da Colmeia. Sentiu nojo, e medo, e horror. Este aqui sentiu tristeza toda vez que ouvia um grito, o que era quase impossível de compreender. Antes, sua conexão a Colmeia tinha permitido que alcançasse as mentes de todos ligados a ela, mas este aqui nunca encontrou emoções lá, porque a Colmeia havia eliminado tal fraqueza. Agora, era como se Ro pudesse imaginar o que outros estavam sentindo e reagir instintivamente. Aquilo era... empatia?

Empatia. Apenas um dos muito conceitos proibidos, descartados como causadores das guerras entre seu povo há tanto tempo. Emoções eram perigosas. Emoções causavam conflitos dentre os Mais Puros. Emoções eram...

...esmagadoras.

Era assim que a humana, Chloe, se sentia o tempo todo? Não, não era possível. Como alguém podia conter tantas camadas de sentimento sem se romper? Ro teve que se afastar das salas de experimentos conscientes, encontrar um lugar silencioso para sentar entre uma seleção de plantas hidropônicas, que eram experimentos de cultivo de oxigênio e variação alimentícia.

Era estranho que Ro nunca tivesse considerado sua beleza antes. As espirais ouradas e os espaços restaurados de seu planeta natal eram lindos, claro, mas de uma beleza restaurada exatamente como havia sido, construída matematicamente, não porque os Mais Puros tivessem uma apreciação verdadeira, emocional, do que beleza significava.

Agora, Ro olhou para a beleza ao seu redor e chorou. Não só pela beleza, embora em parte por ela. Havia muito mais. Havia o horror pelo que estava acontecendo por todo lado. O rugido de emoções há muito tempo enterradas borbulhando dentro da cabeça de Ro. Uma sensação de culpa que ameaçava devorar todo o resto, forçando Ro a lembrar tudo que este aqui havia feito... que *ele* havia feito. Não era uma coisa, não era uma engrenagem insignificante em um mecanismo, mas uma criatura viva e respirando, capaz de fazer suas próprias escolhas e sentir coisas por si mesmo.

Sentia tantas coisas agora; tantas e tantas.

Ro sabia o momento em que aconteceu com ele, o instante preciso. Não foi um processo lento de realização, ou o tipo de processo lógico de persuasão que a Colmeia preferia. Aconteceu em um momento dentro da mente de Chloe, quando sentiu as emoções ali, e ela as usou como arma para atacar.

Naquele momento, ela cortou a Colmeia toda com a faca endurecida de suas emoções, mas foi Ro quem foi afetado. Teria sido porque ele estava mais fundo em sua mente, e portanto mais vulnerável? Teria sido simplesmente desafortunado de estar no caminho do que ela tentou fazer para escapar? Ou havia alguma coisa nele particularmente susceptível? Alguma fraqueza fundamental dentro de si que o tornou vulnerável ao veneno das emoções?

Havia alguma parte cruel e traidora de si mesmo que desejasse a desconexão da Colmeia?

“Ro Mais Puro, você está bem?”

Ro olhou para cima, se recompondo rapidamente quando viu Lux Mais Puro parado lá. A Colmeia não tinha líderes, e nenhuma necessidade deles

uma vez que era operada por consenso, mas quanto mais Ro pensava, mais lhe parecia que a maior parte das vezes, o consenso seguia os caminhos que Lux Mais Puro sugeria.

“Por que pergunta, Lux Mais Puro?” Ro perguntou, tentando ganhar tempo para se recompor. Emoções eram tão *difíceis*. Não podiam ser organizadas e guardadas em fileira do jeito que pensamentos puros e controlados podiam. Em vez disso, elas voavam dentro dele, incontrolláveis como pássaros *Grava*.

“Você parece... desequilibrado,” Lux Mais Puro disse. Não era bem uma repreensão, não bem uma pergunta, não bem uma acusação, mas parecia próximo demais de todas elas para o conforto de Ro. “Tenho dificuldades em senti-lo dentro da conexão da Colmeia.”

“Estou lá,” Ro disse. Era verdade, até certo ponto. Ainda podia sentir a Colmeia logo ali, nas beiradas de sua consciência, mas não era a mesma coisa que ser parte dela por completo, fascinado em todos os sentidos.

Ro sabia que deveria explicar exatamente o que estava acontecendo com ele na mesma hora. Deveria explicar a Lux Mais Puro essa correnteza súbita de sentimentos, e a sensação abrupta de estar desconectado do resto. De ser um *indivíduo*. Deveria confessar tudo, e esperar que os outros tivessem algum meio de limpá-lo dessa contaminação, devolvê-lo a Colmeia e desinfetar toda essa incerteza do interior de seu ser.

Mas não confessou. Ficou sentado e esperou.

“Tem certeza de que não há nada errado?” Lux Mais Puro disse. “Gostaria de examiná-lo para nos certificar que todas as coisas nas quais esteve trabalhando recentemente não os afetaram.”

Medo borbulhou dentro de Ro. Se Lux Mais Puro visse como ele era... no mínimo iria insistir que Ro voltasse a ser o que tinha sido. E em último caso... poderia ser acusado de traição, de tentar trazer de volta o que fora proibido à Colmeia. Ele poderia ser destruído, e embora isso não devesse fazer o terror o brotar como falhas em uma rocha, ele brotou.

Mas também não podia negar o pedido, porque isso iria *provar* que ele não era parte verdadeira da Colmeia. Que escolha restava?

“Ro Mais Puro?” Lux Mais Puro perguntou.

“Sim, é claro,” Ro Mais Puro disse. “Perdão. Estava distraído.”

Tentou pensar tão rápido quanto possível. Se pegou pensando não na Colmeia, mas em Chloe. Se viu pensando no modo como ela havia compartimentalizado e escondido coisas de si mesma apenas para conseguir

funcionar. Pensou no modo como ela havia aprendido a navegar as emoções que a preenchiam e ainda funcionar no mundo.

Lentamente, Ro começou a construir caixas dentro de si mesmo. Construiu caixas resistentes, e as preencheu com as emoções que sentia, escondendo essas caixas no fundo de sua mente. Construiu uma fachada feita de tudo que podia se lembrar de quando estava dentro da Colmeia. Então abriu as camadas mais rasas de si mesmo para Lux Mais Puro.

Podia sentir o colega Mais Puro olhando ao redor dentro dele como soldados sentinelas caçando rebeldes ou sobreviventes na superfície de um planeta. Guiou Lux Mais Puro, e cuidadosamente escondeu as partes de si mesmo que sabia que levariam a sua destruição.

Não teria funcionado se a Colmeia estivesse acostumada com essas coisas. Se qualquer um dos Mais Puros tivesse se voltado para emoções em qualquer momento da vida de Ro, talvez Lux Mais Puro soubesse pelo que procurar. Não teria funcionado se a Colmeia estivesse acostumada a seus próprios membros mentindo para ela.

Mas não estava, e embora Lux Mais Puro o tenha encarado por um longo tempo, eventualmente, se afastou de Ro.

“Obrigado, Ro Mais Puro. Parece que tudo está bem em você.”

“Tudo está bem em mim,” Ro Mais Puro concordou.

“Muito bem,” Lux Mais Puro disse. “Esperamos os resultados do seu trabalho com a humana.”

O Mais Puro se afastou, deixando Ro sozinho com seus pensamentos, e ele *estava* sozinho. Podia se estender e tocar a Colmeia se quisesse, mas a verdade era que *não* queria. Pensou no que tinha acabado de fazer. Pensou nas mentiras que tinha acabado de contar.

Tinha traído a Colmeia.

Antes, tinha sido apenas uma coisa infectada a ser curada. Se tivesse sido honesto com Lux Mais Puro sobre quem ele era, poderia ter sido transformado no que costumava ser. Agora que tinha mentido sobre isso, não havia esperanças. Tudo iria resultar em sua destruição.

Tinha se tornado um rebelde contra sua própria espécie.

Deveria se sentir culpado. Deveria sentir vergonha de não ser mais parte da grande construção da Colmeia. Em vez disso, as únicas coisas pelas quais sentia vergonha e culpa eram as coisas que a Colmeia tinha feito. Tinha medo do que poderia acontecer com ele, claro, mas tinha muito mais medo do que a Colmeia estava fazendo com o universo.

Tinha se transformado em um rebelde em mente, em emoções, em palavras. Agora, suspeitava, era hora de se transformar em rebelde em suas ações também.

CAPÍTULO DOZE

“Isso é divertido!” Luna gritou, agarrada ao lado do assento dianteiro do ônibus, preparada para o impacto quando o limpador de neve modificado esmurrou outra pilha de carros para longe. Estendeu a mão livre, agarrando o colar de Bobby para o cachorro não sair voando pelo corredor central.

“Só se for pra você,” o motorista, um motoqueiro gordo que incongruentemente usava uma bandana com ursinhos de pelúcia, resmungou.

“Ignora o Trey,” Cub disse, ao lado de Luna. “O ônibus foi uma ótima ideia. Modéstia a parte.”

Luna virou-se para ele. “Ah não, você *não* vai dizer que o ônibus foi ideia sua.”

“Eu que vi,” Cub disse.

“Eu vi, também,” Luna insistiu, e então viu Cub sorrindo. “Seu—”

O que teria dito a seguir foi cortado pelo próximo impacto, que empurrou Bobby pelo meio do ônibus apesar das tentativas de Luna de segurar. Mas ele não pareceu se importar, encarando tudo como um jogo, e correu de volta para se sentar perto de Luna, rabo balançando.

“Quanto tempo até LA?” Luna perguntou a Trey.

“Quer saber se já chegamos?” o motorista resmungou.

“Trey,” Cub disse, com um tom de aviso.

“Talvez meia hora, uma hora?” Trey disse.

“Dependendo... bom, *suponho* que dá pra chamar isso de tráfego?” Luna perguntou. “Não dá pra ir mais rápido?”

Tinha consciência demais de quão pouco tempo eles tinham. Estava se divertindo atropelando coisas, mas cada momento que passava era mais próximo do ponto onde os aliens tomariam controle novamente, outro momento em que podiam pilhar o mundo.

Trey olhou para ela. “Quer tentar dirigir?”

Luna pulou na hora. “Eu posso?”

“Acho que é melhor se o Trey continuar,” Cub sugeriu. “Já que ele realmente tem carteira de motorista. E também costumava dirigir um ônibus antes de se juntar ao clube.”

Isso, Luna pensou, explicava muita coisa.

“Se vai demorar isso tudo pra chegar em LA,” ela disse, “vou dar uma olhada no Ignatius.”

Olhou para trás, onde o químico estava sentado no fundo do ônibus, vazio exceto por ele no momento. Parecia que os membros da gangue de Dustside não queria passar muito tempo perto dele. Tinha seus equipamentos espalhados ao redor, agarrando-os toda vez que batiam num carro, e trabalhando no meio tempo.

“Eu dou um grito quando estivermos mais perto,” Cub disse. “Enquanto você está lá atrás, podia descobrir o que ele tá fazendo.”

“Vou perguntar,” Luna disse, e cruzou o ônibus com Bobby a seguindo. Foi sentar no banco de trás bem no momento que o ônibus bateu em alguma coisa, e Luna mal conseguiu esticar a mão a tempo de agarrar um vidro que caía.

“Essa pode não ser a melhor hora pra se trabalhar?” sugeriu a Ignatius.

O químico deu de ombros. “Preciso fazer alguma coisa, e os motoqueiros não querem falar comigo.”

“Eles tem um bom motivo, considerando o que você costumava fazer,” Luna apontou.

“Costumava,” Ignatius disse. “Não é como se eu tivesse tido muita escolha depois que entrei, e estou... estou tentando compensar.”

Luna imaginou que devia ser verdade, mas se perguntava quanto seria necessário para se redimir por todas as vidas que provavelmente ajudou a destruir. Quantas pessoas teria que salvar? Quanto bem teria que fazer para equilibrar o mal?

“O que é tão importante que você está fazendo no fundo do ônibus?” Luna perguntou. “Está tentando melhorar a vacina?”

Ignatius balançou a cabeça. “Preciso de um laboratório decente antes de sequer começar. Estou tentando trabalhar em uma ideia sobre o que fazer quando a próxima pessoa se transformar.”

Quando, não se, Luna percebeu. Era difícil evitar a pergunta óbvia: quem seria, e quando? Seria ela? Ou Cub? Era outra coisa que mantinha Ignatius separado do grupo: ele não tinha a ameaça persistente de ser transformado pairando sobre a cabeça.

“O que *dá* pra fazer?” Luna perguntou. “Quando você está controlado, não sente dor, ou cansaço, ou nada. Você é mais rápido e forte do que pessoas normais, e não para até fazer o que os aliens mandaram.”

“Mas não são super-humanos,” Ignatius disse.

“Tem certeza? Porque eu tenho quase certeza que não sou tão forte agora quanto era quando fui controlada.”

“Pelo que você e os outros disseram, isso é só porque os aliens bloqueiam muitos limites que o cérebro impõe ao corpo pela própria segurança. Não te fazem mais forte; só permitem que use toda sua força.”

“Como uma vó levantando o carro de cima de uma criança,” Luna disse.

“Exatamente. O corpo ainda responde. Então o que eu estou fazendo é um sedativo que vai ser forte o bastante para desligar o corpo completamente, para não precisarmos matar alguém que se transforme.”

“Então você só vai usar *um monte* de sedativos?” Luna perguntou. Parecia simples o bastante. Você só pegava um monte das... bom, das coisas que Ignatius costumava fazer, e enfiava nas pessoas controladas.

“Não é tão fácil assim,” Ignatius disse. “A parte difícil de um analgésico não é botar as pessoas pra dormir; é botar pra dormir sem parar o coração e os pulmões. Em pessoas cujo corpo pode não reagir exatamente do mesmo jeito... é complicado.”

“Ainda parece melhor que a alternativa,” Luna disse. Estendeu a mão para botar sobre a dele. “E é bom que você esteja tentando.”

Voltou para frente do ônibus, observando o quanto da paisagem era visível através das placas de armadura que haviam instalado. Não imaginou que iria voltar para LA tão cedo. Tinha *esperado* que ia estar voltando pra casa agora, depois do vírus ter lidado com os aliens. Tinha esperanças de que ia estar em um carro indo ver os pais, e que Kevin estaria com ela, e... e que tudo ia ficar bem.

Luna escolheu um dos assentos do lado, se enrolando com Bobby, não querendo que Cub visse as lágrimas ameaçando cair com essas ideias. Ficou bem no meio dos motoqueiros, mas não se importava. Em geral eles pareciam ser gente boa, durões, mas boas pessoas agora que os conhecia melhor, tão próximos uns dos outros quanto Luna tinha sido com...

Pensar em Kevin e Chloe só doía.

“Eca!” Luna disse quando Bobby lambeu seu rosto. “É, eu sei que *você* ainda está aqui.”

Abraçou Bobby apertado, observando a paisagem passar em tons de deserto e imaginando como seria se... *quando* finalmente livrassem a Terra dos aliens. Ainda ia ter muita coisa para fazer, muita coisa para concertar, mas Luna queria acreditar que seria melhor. No mínimo era um sonho bonito.

Começou a cochilar, e então *era* um sonho, de voltar para casa com Bobby, e seus pais estavam lá, e um menino que podia ser Kevin ou podia

ser Cub, porque parecia mudar toda vez que olhava para ele. Então, bizarramente, o chão começou a tremer, e...

“Luna,” Cub chamou, gentilmente balançando seu ombro.

“Que...” Luna disse sonolenta. Não tinha percebido quão cansada estava, mas se era o bastante para dormir com os trancos e colisões do ônibus, devia estar bem cansada.

“Estamos chegando em LA,” Cub disse. “Precisamos que você nos guie até o acampamento dos Sobreviventes.”

“Ok,” Luna disse, levantando e empurrando Bobby, que tinha ficado com ela o tempo todo. “Bom garoto.”

Foi para frente do ônibus, tentando se localizar.

“É pra lá, eu acho,” ela disse a Trey, que resmungou em resposta.

Continuaram dirigindo, e Luna mostrou o caminho para o motorista, que não disse muito enquanto os guiava para cima das colinas, para o lugar que Luna lembrava da última vez que esteve ali. Passaram pelas curvas e seguiram para o local onde as rochas caídas marcavam a entrada do cânion onde os Sobreviventes construíram sua casa.

“É melhor eu ir primeiro,” Luna disse, olhando para onde os guardas deviam estar vigiando, esperando por eles. “Eles me conhecem.”

“Eu vou junto,” Cub disse.

“É,” Trey concordou.

Saíram do ônibus, Luna, Cub e Bobby na liderança, Ignatius colado bem atrás como que com medo do que podia acontecer se o deixassem com os outros, e o resto dos motoqueiros em seguida. Trey vinha por último, andando devagar.

Figuras armadas desceram para encontrá-los, Leon e Barnaby na frente. O líder dos Sobreviventes e o menino esperto o bastante para entrar na faculdade novo demais olharam para Luna com surpresa.

Luna estava ocupada olhando para as armas.

“Por que vocês estão com as armas, gente?” perguntou. “Estão vendo que sou eu.”

“E *confiamos* em você, Luna,” Leon disse. “Mas não sei do resto desse povo, e uma boa parte deles são adultos, e da última vez que soube de você, estava indo pra Sedona com um jeito de parar os aliens.”

“Deu certo?” Barnaby perguntou. “A nave planeta sumiu. Foi porque você e os outros derrotaram eles?”

Luna podia ouvir a esperança dele, e odiava ter que ser a pessoa a destruí-la. Até onde os Sobreviventes sabiam, ela, Kevin, e Chloe tinham vencido e era só uma questão de tempo até seu esforço se espalhar para o resto dos aliens.

Melhor fazer rápido, como arrancar um bandaid. Claro, arrancar bandaid ainda *doía*.

“Não funcionou,” ela disse, tentando evitar olhar para seus rostos. Não queria ver a decepção, porque podia sentir a própria. “Chloe e Kevin lançaram o vidro, mas *eles* mandaram de volta como se não fosse nada, como se fosse uma piada, e aí pegaram os dois.”

“Mas não você?” Leon perguntou. “Quer dizer, você não estava com eles?”

Essa, Luna suspeitava, ia ser a parte mais difícil de explicar. Como iria contar para eles que tinha se transformado em um dos controlados, e que se transformaria de novo? Como ia poder transmitir o terror que a inundava e a esperança que conseguissem—

Um grunhido atrás de si interrompeu Luna. Ela virou e viu Trey correndo para eles, seus movimentos angulares e não totalmente humanos.

“Não, agora não,” Luna disse. “Não de novo.”

Trey se lançou para frente, os braços estendidos, e agarrou a garganta de Ignatius, apertando. Os Sobreviventes com armas a levantaram na hora, mirando o par que lutava.

“Não, espera!” Luna gritou. “Ignatius tem uma vacina contra os transformados!”

Foi o bastante para fazê-los esperar, no mínimo, e durante essa pausa, Luna correu, esperando que pudesse ajudar de alguma forma. Chutou Trey, tentando distraí-lo chamando atenção a si mesma, mas não fez diferença. Tentou arrancar suas mãos da garganta de Ignatius, mas os dedos eram como metal. Luna viu Cub se aproximando, com uma longa faca na mão, e tentou pensar em alguma coisa, qualquer coisa, para que ele não precisasse matar outro membro da gangue.

Viu que Ignatius estava vasculhando os bolsos, tentando pegar alguma coisa. Não conseguia alcançar o que quer que fosse, seus esforços cada vez mais fracos. Luna arriscou de enfiar a mão no seu casaco e sentiu os dedos fecharam ao redor de alguma coisa fria e dura.

Era uma seringa, e sabia o que tinha que ser. Sem hesitar, ela a enfiou em Trey, apertando o embolo e torcendo para que fizesse tudo que Ignatius

pretendia.

Por um segundo ou dois, nada aconteceu, e Luna podia ver Ignatius ficando mole no aperto de Trey. Mas quando puxou as mãos dele de novo, conseguiu afrouxar esse aperto. Trey se virou para ela, deu um passo... e cambaleou. Continuou a avançar, meio de pé, meio agachado, até Luna fazer a coisa mais óbvia, e empurrá-lo gentilmente.

Trey caiu e rolou de costas, encarando o céu com os olhos brancos.

“Funciona!” Ignatius tossiu, engasgando enquanto tentava respirar para poder comemorar. “Minha injeção incapacitante funciona!”

“De nada,” Luna disse.

“Quê?” Ignatius disse, então franziu o rosto. “Ah, sim, claro, obrigado. Mas sem minha injeção...”

“Sabe,” Luna disse, “estou entendendo porque os outros não gostam muito de você.”

Ignatius pareceu abatido. Cub, enquanto isso, olhava para o corpo caído de Trey.

“O que a gente faz agora?” perguntou. “A gente... acaba com ele?”

Luna podia ver que ele não queria, mas também imaginava o que estava pensando: que era seu dever como líder, e que não haviam muitas alternativas. Mas Luna podia pensar em pelo menos uma.

“Alguém devia levar ele pra longe, vedado,” Luna disse. “Ele não é perigoso assim, e se não puder ver pra achar o caminho de volta, estamos seguros.”

“Estão *mesmo* seguros?” Leon perguntou, juntando-se a eles. “O que acabou de acontecer?”

“Trey reverteu,” Cub disse.

“Que quer dizer, ‘reverteu’?”

Luna sabia que precisava falar rápido. “Ignatius descobriu um jeito de transformar controlados em humanos de novo. Também funciona como vacina pra quem nunca foi controlado. O problema é que, se você já foi controlado, é só temporário.”

Leon olhou para ela, então para Trey. “E quantos de vocês...”

“Todos nós,” Luna disse. Suspirou. “Por isso eu não estava com o Kevin e a Chloe. Por isso não estou naquela nave planeta. Eles me transformaram, e Ignatius me trouxe de volta.”

“Então você pode se transformar em uma dessas coisas a qualquer momento?” Leon disse. Balançou a cabeça. “Não devia ter vindo aqui, Luna.

Tenho que pensar no meu pessoal. Não posso te deixar entrar.”

“Ignatius pode *imunizar* as pessoas,” Luna disse. Sabia que Leon se importava em proteger as pessoas que contavam com ele, mas não ia deixar que os expulsassem agora. Precisavam de toda ajuda possível. “E eu sei que você escutou rumores de uma cura em algum lugar. Pensei que com isso e com o Barnaby sendo tão esperto, talvez a gente pudesse tornar a cura permanente.”

“E se você se transformar num deles?” Leon perguntou.

“Aí você já viu que tem como me impedir,” Luna disse. Decidiu que era um bom momento para tirar a outra carta da manga. “E quem sabe? A gente pode descobrir porque o vírus que o Barnaby garantiu que ia funcionar não funcionou.”

“Isso não é justo,” Leon disse. “Não é culpa dele. Ele é esperto, mas é uma criança só.”

“Conosco, e Ignatius, você tem muito mais que uma criança só,” Luna disse. “É sua melhor chance, Leon. *Nossa* melhor chance.”

Leon refletiu, olhando em volta como se tentasse decidir quanto dano ia causar se tudo desse errado. Luna já sabia a resposta: todos iriam morrer.

Mas eventualmente, Leon concordou.

“Tá certo. Mas tira essa *coisa* daqui.” Apontou para Trey. “E se algum de vocês começar a mudar e não tiver nenhum sedativo especial por perto...”

“Já sei,” Luna disse. “Você nos mata.”

CAPÍTULO TREZE

Kevin considerou o mundo que flutuava abaixo com a mesma indiferença fria de qualquer membro da Colmeia. De onde estava, podia ver as cidades, e os clarões de movimento dentro delas. Houve uma época em que esta visão o teria enchido de assombro, ou esperança, ou coisa assim. Agora, era um mero problema a se considerar.

Teria se sentido culpado de resolver esse problema, no passado. Agora, apenas procurava um modo de resolver mais rápido.

“Eles vão nos atacar?” Kevin perguntou a Lux Mais Puro.

O alien pensou por alguns momentos. “É possível. Mas seu sucesso é improvável.”

Naves partiram da superfície, uma nuvem que parecia com zangões cercando a nave planeta. Desse jeito parecia que haviam muitos deles, mas quando a Colmeia soltou as próprias naves, ficou claro que não era remotamente o bastante. Atacaram de qualquer jeito, se jogando contra a Colmeia, pulsos de energia partindo de suas naves para se chocar com as da Colmeia. Kevin viu uma, depois duas naves da Colmeia explodirem como dentes-de-leão desfeitos em uma tempestade forte.

Mas haviam outros. A Colmeia sempre podia construir outros. Os soldados da Colmeia retaliaram, seus ataques destroçando as naves que se aproximavam, atirando umas para longe, e queimando outras em explosões de luz que as consumiam.

“Por que ainda estão atacando se sabem que não podem vencer?” Kevin perguntou a Lux Mais Puro, confuso.

“Por que você acha, Kevin?” Lux Mais Puro perguntou. “Pense na sua vida antes de se juntar a nós. Pense nos modos como pessoas agem quando são amaldiçoadas por emoções.”

Kevin tentou pensar. Era surpreendente difícil: as memórias de antes de se tornar parte da Colmeia pareciam uma vida completamente diferente. Tinha tido emoções, mas precisava se esforçar para entendê-las agora, e o que significavam. Parecia que havia algum tipo de cortina na frente delas, imposta por sua conexão a Colmeia. Era grato por isso. Significava que não tinha mais a fraqueza das emoções.

“Talvez eles queiram sentir que fizeram tudo que podiam,” Kevin sugeriu. “Talvez sintam que lutar é melhor que desistir.” Outra possibilidade lhe ocorreu. “Podem estar ganhando tempo para as pessoas fugirem.”

“Uma boa hipótese,” Lux Mais Puro disse. “Vamos procurar naves tentando fugir durante a batalha e destruí-las.”

Kevin assistiu com os Mais Puros, mas um número surpreendentemente pequeno de naves parecia deixar a superfície do planeta nessa fase do ataque.

“Por que não tem mais fugitivos?” Kevin perguntou. Não fazia sentido. Por que ficariam lá quando sabiam que estavam prestes a morrer?

“Possivelmente pensam que podem nos derrotar,” Lux Mais Puro sugeriu. “Acreditam estar a salvo atrás de seus escudos. Estariam até corretos, se não fosse por você. Estude-os, Kevin. Compreenda o que a Colmeia coletou, para que compreenda o inimigo que vamos destruir.”

Kevin mergulhou no conhecimento coletivo da Colmeia, procurando informações do planeta que a nave orbitava. A informação fluiu para dentro dele, não como algo que estivesse aprendendo pela primeira vez, mas como algo que sempre soube e estava só se lembrando.

As criaturas no mundo abaixo eram os Ilari. Eram ligeiramente menores que humanos, com pele azul acinzentada e nódulos ao longo do corpo em intervalos espaçados, conectados a Inteligências Artificiais gêmeas que, bizarramente, não pareciam se juntar no tipo de mente coletiva que a Colmeia possuía. Kevin não podia entender. Aqui estava uma espécie com os recursos para criar sua própria Colmeia, e mesmo assim não o faziam.

Mas não deviam ser subestimados. Eram espertos, engenhosos, inovadores... e tinham tecnologia das mais avançadas que a Colmeia já tinha visto. O escudo ao redor do planeta era só mais um exemplo.

E estranhamente, a Colmeia estava... preocupada com eles. Não assustada, porque medo era uma emoção tão alien quanto qualquer outra, mas ciente da ameaça que inimigos tão avançados representavam para sua existência.

Suas armas convencionais já eram perigosas o bastante: eles tinha habilidades de manipular energia para gerar escudos poderosos e armas de raios, agora que tinham percebido o perigo de existir sem defesas.

A maior ameaça, entretanto, vinha de sua compreensão da Colmeia. As mesmas IAs que não se conectavam umas as outras dentro de sua sociedade, potencialmente podiam interromper a conexão da Colmeia. Com conhecimento o bastante, poderiam danificar os nanobots no centro do vapor de controle da Colmeia. Podiam danificar tudo que a Colmeia era, potencialmente ameaçando sua própria existência.

Kevin considerou o conhecimento que acabara de receber. Era o tipo de conhecimento que tinha o potencial de destruir a Colmeia. Com ele, um inimigo com os materiais certos seria capaz de criar um sinal que seria uma arma, não só contra naves individuais, mas contra todos eles. Uma substância de que Kevin nunca tinha ouvido falar chamada miridium era necessária, e os registros da Colmeia sugeriam que podia ser encontrada na Terra.

Explicava porque a Colmeia tinha tanta ânsia de tomar a Terra, onde minerais pelos quais este sinal poderia ser focado se encontravam, e porque esses inimigos eram de tão alta prioridade de destruição.

“E eu vou destruí-los,” Kevin disse.

“*Nós* vamos destruí-los,” Lux Mais Puro corrigiu. “Mas você vai mostrar o caminho, Kevin. Sente algum remorso?”

Por um segundo, Kevin se perguntou se Lux Mais Puro estava fazendo algum tipo de piada, mas suspeitou que não era do feitio da Colmeia. Não, ele percebeu, era um teste para se certificar que ele ainda era o que deveria ser: conectado ao coração da Colmeia, sem as fraquezas que vinham com a ausência dela.

“Sinto honra por ter sido escolhido, Lux Mais Puro,” Kevin disse. “E gratidão à Colmeia pelo que fez comigo.”

A Colmeia o tinha salvo. Sua conexão o tinha salvo da ameaça imposta por sua doença, e de tantas outras preocupações humanas. Não iria envelhecer como humanos faziam, não seria tocado por doenças ou fraqueza. Nunca alcançaria a perfeição dos Mais Puros, mas com o tempo, Kevin não tinha dúvida que seria modificado para ser melhor e mais forte.

“Farei tudo que puder pelo bem da Colmeia.”

“Sim,” Lux Mais Puro assegurou, “fará. Vamos começar com comunicações. Convença-os, Kevin. Vamos persuadi-los a abrir os portões.”

Kevin concordou, e ficou de pé em uma área vazia do chão. Uma luz brilhou por cima dele, e uma imagem tremulou no ar, uma representação holográfica fazendo as vezes de uma tela. Ali, Kevin viu figuras de pele azul, novas e velhas, baixas e altas, tão variadas quanto qualquer multidão na Terra. A seu modo, pareciam muito *mais* diversos que os habitantes da Colmeia. Ela tinha dúzias de espécies diferentes dentro de si, mas estas não eram Mais Puros, e os Mais Puros tinham uma estranha similaridade entre si, quase sem variações.

Um dos Ilari, uma fêmea mais velha, deu um passo à frente. Ela falou antes de Kevin.

“Sou a General s’Lara,” ela disse, e assim como com a Colmeia, a mente de Kevin traduziu as palavras automaticamente. “Quem é você, e porque está a bordo de uma das naves planeta da Colmeia?”

Kevin pensou rapidamente, tentando inventar uma desculpa que convenceria as criaturas abaixo. Percebeu que ser um membro sem emoções da Colmeia não ia adiantar. Precisava pelo menos fingir que era o que tinha sido.

“Meu nome é Kevin McKenzie,” ele disse. “Você me mandou mensagens. Avisou o meu mundo. Eu fui um daqueles que ouviu.”

“Você? É um líder do seu povo?”

Kevin balançou a cabeça. “Sou só uma criança. Eu só...” Tentou pensar rápido. “Não sou ninguém.”

“Então o que está fazendo na nave da Colmeia?” a general perguntou.

“Sua mensagem ajudou,” Kevin disse. “Nos deu os conselhos que precisávamos. Meus amigos e eu conseguimos achar um vírus enterrado fundo em um poço de alcatrão. Corremos até Sedona para usar contra eles. Tivemos que lutar com as pessoas que estavam controladas. Mas conseguimos. Infectamos eles com o vírus e... e funcionou.”

“Funcionou?” disse a General s’Lara.

“Vencemos,” Kevin disse. “Tomamos sua nave planeta, e libertamos alguns deles da Colmeia.”

“Então por que está aqui?” General s’Lara exigiu. “Por que está nos atacando?”

“*Você atacou a gente,*” Kevin disse, grato por esse detalhe. “Desculpa. Exageramos. Vamos recolher nossas tropas.”

Olhou para Lux Mais Puro, que concordou. Nas telas ao redor de Kevin, viu as naves de ataque voltando para circundar a nave planeta.

“Ainda não disse o que faz aqui,” a general disse.

“Precisamos de ajuda,” Kevin disse. “Conseguimos tomar essa nave planeta, mas mal deu pra chegar até aqui. A gente não sabe o que está fazendo. Mesmo os membros antigos da Colmeia perderam muito conhecimento. Se vamos enfrentar o resto, precisamos trabalhar juntos.”

Era o melhor que pode pensar, o tipo de pedido fervoroso que podia ter feito se estivesse mesmo desconectado da Colmeia. Era como viver em uma

realidade alternativa, onde suas tentativas patéticas de destruir a Colmeia com Chloe e Luna tinham funcionado.

Kevin podia ver os outros membros dos Ilari prestando atenção, sem ter certeza se podiam arriscar ter fé no que ele dizia, ou não.

“O que vocês querem de nós?” General s’Lara perguntou.

“Viemos de muito longe, e alguns dos nossos precisam de ajuda,” Kevin disse. “Podemos descer na superfície? Vocês abrem os escudos?”

General s’Lara olhou para ele, e balançou a cabeça. “Podemos enviar ajuda e mantimentos se é disso que precisam. Por enquanto, não acho que é uma boa ideia abaixar os escudos.”

“Por favor,” Kevin disse. “Vocês tem que abaixar, precisamos pousar na superfície.”

Viu a expressão da general se endurecer, então mudar para algo como pena.

“Nosso aviso não chegou em tempo, não foi?” ela perguntou.

Kevin poderia ter continuado a tentar, mas Lux Mais Puro se aproximou, colocando uma mão em seu ombro para impedi-lo.

“Diga a verdade,” o Mais Puro disse. “Diga que nada pode impedir a Colmeia, e que eles tem uma escolha agora. Podem se submeter e ser transformados, ou ser destruídos. Diga a eles.”

Kevin transmitiu as palavras, sua mente traduzindo automaticamente por ele.

“Desculpe,” General s’Lara disse. “Achamos que podíamos salvar outras pessoas antes que sofressem como nós sofremos. Diga aos seus colegas da Colmeia que não vão passar pelos nossos escudos, e que as armas de energia estão ativas. Podemos não ser capazes de matar toda sua espécie, mas temos poder o bastante para matar um bom número antes do fim, incluindo seu preciosos Mais Puros.”

Kevin não transmitiu a mensagem, porque sabia qual seria a resposta da Colmeia. “Você devia se render,” disse. “Ser parte da Colmeia é maravilhoso. Por que você não quer? Por que ia preferir ser destruída quando pode ser um fragmento de uma coisa *incrível*?”

“Porque não somos fragmentos,” General s’Lara disse. “Se nos atacar, vamos lutar.”

“Vão perder.”

A conexão se cortou e Kevin virou-se para Lux Mais Puro.

“Perdão, Mais Puro, eu falhei com a Colmeia.”

“Ainda não,” Lux Mais Puro retrucou. “Sempre foi improvável que uma espécie destruímos em outros mundos nos deixasse entrar nesse. Você ainda vai ter um papel importante em abaixar seus escudos.”

“Sim, Lux Mais Puro.”

Kevin viu as naves se afastarem da nave planeta: embarcações pequenas e rápidas de caça parecidas com as naves que tinham descido à superfície de seu planeta, mas muito mais armadas. E naves cidade muito maiores, que flutuavam como raias para a atmosfera do mundo.

A primeira nave de caça se chocou contra o escudo dos Ilarianos, explodindo no impacto com uma onda de força que iluminou a barreira e exibiu o azul brilhante de seus contornos. Kevin observou, tentando compreender.

Um fecho de energia subiu da superfície, brilhante e puro, e por um instante, havia um buraco no escudo para que ele pudesse passar. Colidiu com o lado de uma das naves cidade, arrancando um pedaço e tirando seu equilíbrio.

“Vê o modo como o escudo se abre para suas armas?” Lux Mais Puro perguntou, aparentemente ignorando que muitas de suas forças tinham sido danificadas nos primeiros minutos do conflito.

“Lux Mais Puro,” Kevin disse, “eles danificaram uma nave cidade. Isso não é ruim?”

“Não há nenhum Mais Puro lá dentro,” Lux Mais Puro disse, como se fosse resposta, enquanto outra explosão de energia subia da superfície, sumindo no espaço quando errou o alvo. “Foco, Kevin.”

“Sim, Lux Mais Puro. Como o escudo se abre?”

“Um sinal,” Lux Mais Puro disse. “Essas criaturas confiam em suas máquinas para coordenar tudo, e as máquinas focam em um sinal. Nossos scanners podem recolher todos os sinais da superfície, e quando o fizermos...”

“Eu posso entendê-los,” Kevin disse.

“Você *vai* entendê-los,” Lux Mais Puro insistiu. “Vai selecionar o sinal correto e descobrir qual enviar. Por isso o acolhemos na Colmeia. O sinal será enviado através daqui até você.”

Kevin ficou de pé esperando, torcendo para ser capaz de fazer tudo que Lux Mais Puro esperava dele. A Colmeia dependia dele, e não podia abandoná-la. Escutou enquanto os sistemas da nave planeta enviavam todos os sinais que encontravam. Kevin escutou a todos, forçando os ouvidos para

encontrar qualquer pista de alguma coisa que podia ser relevante. Escutou comunicações cifradas dos militares, mensagens emocionais de famílias com medo uns para os outros, pedidos de ajuda, e...

Ali.

Agarrou um sinal quando veio outra explosão de energia, fazendo a nave planeta balançar com a colisão. Seu cérebro se esforçou fervorosamente para traduzir, e números se derramaram de sua boca como num sonho. Podia sentir a Colmeia coletando-os e enviando seu próprio sinal, mirando nos escudos.

Lá embaixo, as naves de caça continuaram a se jogar contra o escudo, mas não mais se quebraram contra ele. Agora, avançaram para baixo, e mais para baixo. Kevin viu o escudo tremer e morrer, desaparecendo em face da frota da Colmeia.

“Consegui,” ele disse. “O escudo sumiu.”

“Muito bom, Kevin,” Lux Mais Puro disse. “Agora, vamos mostrar o que uma arma de verdade pode fazer. Se prepare para destruir o mundo.”

CAPÍTULO CATORZE

Ao seu redor, Luna escutou martelos batendo e o assovio baixo de ferros de solda enquanto os Sobreviventes e motoqueiros trabalhavam juntos para criar tudo que fosse necessário em face de uma ameaça alien.

E isso, pelo jeito, era muita coisa.

Leon e Cub tinham organizado uma espécie de linha de produção de armas, convocando qualquer coisa que pudesse cortar ou atirar uma flecha para batalha. Luna não tinha certeza se gostava disso. Queria que os aliens sumissem, mas matar pessoas que estavam só sendo controladas não ia ajudar ninguém.

“Podemos acabar matando um monte de gente inocente,” Luna disse a Bobby, que caminhava ao seu lado enquanto cruzavam o sistema de cavernas dos Sobreviventes. Mas suspeitava que os outros não iam escutar se dissesse isso para eles.

Talvez só estivesse muito ciente que logo poderia ser uma dessas pessoas de novo. Luna se viu vigiando todos os seus movimentos, e tudo que pensava, para garantir que eram seus e de mais ninguém. Podia se sentir ficando cada vez mais preocupada com cada hora que passava, todo sinal de cansaço uma ameaça que ia perder o controle de si completamente.

Tentou determinar os sinais que tiveram com Bear e então com Trey: eles ficaram sonolentos, não falavam muito, não respondiam a questões com mais do que um grunhido ou dois. Tinham se arrastado, sem realmente controlar a si mesmos, ou talvez *perdendo* controle de si mesmos.

“Eu vou saber quando acontecer?” Luna se perguntou. Tinha sentido da última vez. Sabia que estava desaparecendo, e tinha até conseguido lutar, mesmo que só por um segundo ou dois. Talvez fosse igual dessa vez. Talvez pudesse sentir quanto estava chegando e tomar o antídoto a tempo.

“Assumindo que vamos *ter* um antídoto a essa altura,” Luna disse a Bobby. Ele se empurrou contra seu lado, reconfortante.

Se aproximou do local onde Ignatius e Barnaby estavam trabalhando, nenhum dos dois muito bem a imagem normal de um cientista, mas juntos parecia que estavam progredindo. Barnaby estava olhando para alguma coisa em um microscópio, enquanto Ignatius parecia administrar sua vacina para uma fila de diferentes membros dos Sobreviventes.

“Isso deve proteger vocês de todos os perigos de se transformarem,” ele disse, enquanto passava um vidro para um homem que não parecia nem um

pouco confiante. “Beba tudo.”

Ignatius olhou para Luna.

“Ah, aí está você. Estava ficando preocupado. Já está quase na hora da sua próxima dose da vacina.”

“Está dando certo?” Luna perguntou. “Está desacelerando o processo mesmo um pouquinho?”

“Acredito que sim,” Ignatius disse. “É difícil ter certeza, e eu acho que em parte algumas pessoas são só mais suscetíveis a relapsos do que outras. Mesmo assim...”

Ele levantou outro vidro da substância e Luna olhou para ele com uma careta. Tinha um gosto horrível quando bebeu. Mesmo assim, a fez sentir um pouco mais confiante que tinha controle de si mesma, um pouco mais capaz de se focar. Isso era o mais importante.

“Vamos precisar fazer mais logo,” Ignatius disse. “Eu já administrei para a maioria dos Sobreviventes, mas você e os motoqueiros ainda precisam de mais, e devíamos ter um estoque pronto para usar nos controlados.”

“E você pode só fazer mais?” Luna perguntou.

“Não é tão difícil agora que eu sei a fórmula certa, e acho que eles tem tudo que eu preciso aqui. Pode me ajudar se quiser.”

Luna ia dizer não, mas percebeu que ia soar muito ingrata, dependendo de uma substância para sobreviver que não estava disposta a preparar. Além disso, Ignatius tinha ajudado bastante até agora. E também parecia ser uma boa ideia saber como preparar uma coisa que podia potencialmente salvar sua vida.

“Eu *posso* ajudar?” Luna perguntou.

“Se você prestar atenção e fizer o que eu digo,” Ignatius respondeu.

Luna começou a ajudar, recolhendo ingredientes das reservas limitadas dos Sobreviventes e ajudando a misturar, ferver, e separar. Lembrava um pouco do laboratório de ciências na escola, só que com um parceiro que era a única pessoa que entendia como o experimento funcionava. Bobby sentou ao seu lado o tempo todo, assistindo como se pudesse aprender a fazer igual.

“Você tem uma centrífuga?” Ignatius perguntou a Barnaby, que desviou os olhos do microscópio e concordou com a cabeça.

“A gente conseguiu um monte de equipamento de laboratório de uma das faculdades. Achei que podia ser útil.”

Ignatius mostrou a Luna como usar a centrífuga para separar as amostras, e começou a trabalhar no que parecia ser outra leva do sedativo que tinham

usado em Trey.

“É pra próxima pessoa que se transformar?” Luna perguntou.

“Talvez,” Ignatius disse. “Barnaby teve a ideia que se nós fizermos armas de dardos, podemos imobilizar os controlados à distância. Ele é bem esperto, pra idade dele.”

Luna não sabia se ele quis fazer um elogio, ou reforçar quão novo Barnaby ainda era.

“O Leon pediu pra algumas pessoas construírem armas de dardos com o que der pra encontrar,” Barnaby disse. E ainda não desviou os olhos do microscópio.

“O que é tão interessante aí?” Luna perguntou, se aproximando com Bobby. “Você está olhando pra mesma coisa desde que eu cheguei.”

“É uma amostra de sangue do Cub,” Barnaby disse. Olhou para ela, pensativo. “Na verdade, é mesmo... Luna, posso pegar uma amostra sua?”

“Eu... acho que sim,” Luna disse. Barnaby pegou uma agulha que parecia grande demais. “Hm... pra quê exatamente você precisa disso?”

“Pra comparar com o sangue do Cub, pra ver se estou certo no que estou pensando,” ele explicou.

Luna conseguiu ficar quieta enquanto Barnaby recolhia uma amostra de sangue, pingando uma gota em um slide para examinar.

“Você precisa de uma agulha desse tamanho por causa de uma gota?” Luna disse.

“Bom, é porque aí eu tenho uma amostra de sangue pra fazer outros testes,” Barnaby disse, e deu de ombros. “Por quê? Medo de agulhas?”

“Não tenho medo de nada,” Luna disse, fazendo carinho em Bobby. Não era verdade. Tinha medo de muitas coisas. É só que os medos maiores, como perder tudo com que se importava, ou alguma coisa muito ruim acontecer com todo mundo a sua volta, meio que... já tinham acontecido. Comparado com eles, coisas pequenas não pareciam importantes.

Barnaby sorriu e se curvou sobre o microscópio, olhando através dele. “Interessante, a ressurgência não é tão rápida nessa amostra. Talvez tenha alguma coisa em você que seja mais próxima da composição química ideal.”

“Do que você tá falando, Barnaby?” Luna perguntou.

“Eu acho que eu sei porque a vacina não funcionou pra libertar as pessoas controladas,” ele disse. “Olhando as amostras, o ‘vapor’ deles é uma nuvem de robozinhos, tão pequenos que não dá pra ver.”

“Nanobots,” Ignatius disse, desviando os olhos da fórmula que preparava, interessado.

“Eu achei que era uma doença, mas isso faz mais sentido, porque explica um pouco como os aliens conseguem controlar as pessoas.”

“E explica como se livrar deles?” Luna perguntou, fechando a mão no pelo de Bobby por um momento.

“Dos nossos corpos ou do mundo?” Barnaby perguntou, depois balançou a cabeça. “Não acho que seja tão simples.”

“Entender o problema não te dá a resposta,” Ignatius concordou. “Mas você disse que examinando as amostras, entendeu porque a vacina não funcionou perfeitamente com quem já foi infectado.”

Barnaby concordou.

“Quando você olha de perto pras amostras de sangue do Cub e da Luna, eles têm alguns nanobots, e o composto da vacina se prendeu a eles, por isso eles param de funcionar. Mas o encaixe não é perfeito.”

“Porque não foram projetados pra isso,” Luna adivinhou. “É um efeito colateral, não é o que o vapor do Ignatius fazia originalmente.”

Ela viu Ignatius concordar. “Faz sentido.”

“Então a gente pode aperfeiçoar a vacina?” Luna perguntou, sem se atrever a ter esperanças. “Podemos conseguir um encaixe melhor e nos livrar de todos eles?”

Viu Barnaby respirar fundo e sabia que a resposta não ia ser um simples sim.

“Em teoria, dá,” Barnaby disse. “Em teoria, poderia até ser possível se comunicar com os nanobots quando forem encaixados e danificá-los com o sinal certo. Ambas opções parecem exigir o mesmo tipo de material.”

“Que material?” Luna perguntou. Olhou para Bobby, tanto por conforto quanto por qualquer outra coisa. O cachorro balançou o rabo.

“Esse é o problema,” Barnaby disse. “Eu não sei.”

Luna olhou para Ignatius. “E você? Você não *inventou* esses compostos químicos?”

O químico deu de ombros. “Inventei, e com tempo o bastante eu *poderia* melhorar o encaixe com os nanobots, mas seriam meses de trabalho, mesmo se eu conseguisse.”

Meses, não dias. Luna entendeu o que ele quis dizer: na altura que encontrasse uma solução, podia ser tarde demais para Luna e os outros motoqueiros, talvez tarde demais para o que sobrou da Terra.

“Tem que ter *algum* jeito,” Luna insistiu.

Ignatius não pareceu convencido. “A vida não funciona assim. Ninguém disse que era justo. Ninguém disse que você vence só porque fez a coisa certa.”

“Então *por que* está fazendo a coisa certa?” Luna exigiu. “Se acredita mesmo nisso, por que veio e tentou salvar pessoas com o vapor que você fez? Pra que se arriscar?”

Ignatius ficou em silêncio por muito tempo.

“Tem laboratórios de materiais na UCLA,” ele disse. “Alguns testam amostras do mundo todo, outras criam substâncias novas. Nossa melhor chance de achar alguma coisa a tempo seria procurar por algo que já exista.”

Ainda falou como se não tivesse muita esperança, mas só o fato de estar se esforçando melhorou a opinião de Luna sobre ele. Ela olhou para Barnaby.

“O que você acha?” perguntou. “Vai dar pra reconhecer o que a gente precisa, se a gente achar?”

“Talvez,” Barnaby disse. “Temos as amostras de sangue, então se acharmos algum candidato, podemos testar nelas.”

“Então tudo que precisamos fazer é ir lá, procurar o que a gente precisa, e talvez vai dar pra me impedir de voltar a ser... um *deles*?”

Esperança nasceu dentro de Luna, só uma faísca, mas queria que fosse verdade.

“Não acho que vai ser tão simples,” Barnaby disse. “Você viu o estado da cidade.”

Luna viu. Ela viu os bloqueios e os controlados. E imaginou que Leon não ia querer arriscar seu pessoal só pela esperança de achar alguma coisa.

“Mas nós vamos mesmo assim, né?” ela perguntou. Ficou preocupada com a ideia que eles não iam querer, e ela ia ter que ficar sentada lá, esperando até se transformar em uma controlada. “Temos que ir.”

“Acho que é nossa melhor chance,” Barnaby disse. “Temos a vacina, mas tanta gente já foi controlada. Não vai ajudar eles.”

“Não vai me ajudar,” Luna disse.

“Não,” Barnaby concordou. “Temos que ir. Só precisamos convencer o Leon.”

“Cub e os outros vão querer vir,” Luna disse. “Mas pra isso... acho que vamos precisar de ajuda.”

Barnaby concordou. “Vou falar com o Leon, e agora nós temos armas que podem ajudar.”

Luna pensou nos dardos e na arma de vapor que Ignatius construiu.

“Ainda precisamos de mais.”

“Temos umas armas de verdade, e umas facas e espadas,” Barnaby disse. “Elas podem parar os controlados.”

“Matando eles?” Luna disse. “São pessoas. Não podem sentir nada, mas ainda estão lá. Temos que trazê-los de volta.”

Parecia que haviam duas escolhas no momento: dois caminhos pelos quais o mundo podia seguir. Tinham a vacina agora, então as pessoas que não foram controladas seriam imunes para sempre. A única questão era o que acontecia com os controlados.

A melhor opção, pela qual Luna torcia, era que encontrassem um jeito permanente de libertá-los, tomando de volta o poder dos aliens sobre o mundo e liberando a humanidade para lutar. Se conseguissem, podia haver gente o bastante para vencer. *Tinha* que haver um motivo pelo qual os aliens invadiram desse jeito, em vez de um ataque direto. Talvez medo que a humanidade tivesse um jeito de lutar?

A segunda opção era guerra entre os controlados e os não controlados. Os aliens venceriam de qualquer jeito, porque havia tão poucos humanos sobrando para lutar. Pior ainda, seria uma guerra em que Luna, Cub e os outros lutariam pelo inimigo em apenas alguns dias. Não podia acontecer. Eles tinham que—

Sinos e alarmes ressoaram na caverna que era a morada dos sobreviventes. Luna saiu correndo, Bobby ao seu lado, e encontrou Leon lá fora nos cânions que os protegiam, dando ordens.

“Hanna, Eddie, pras bordas! Vocês três, subam nas rochas ali! Quem consegue lutar, vem pra fora agora!”

“O que tá acontecendo?” Luna perguntou, parando na frente dele. “Leon, que é que tá acontecendo?”

“Os aliens estão atacando,” Leon disse.

“Quantos?” Luna perguntou. Só o olhar de Leon já era má notícia.

“Vem ver,” Leon disse.

Ele seguiu por entre as rochas até um dos postos de vigia. De lá, Luna podia ver a massa de figuras abaixo, se movendo em sincronia, na direção do esconderijo. Trey estava em seu meio, e Luna percebeu que foi um erro

deixar o motoqueiro livre. Ele tinha conseguido mostrar aos aliens onde eles estavam, e depois disso, foi só questão de tempo.

Eles iam ter chance de testar as armas novas mais cedo do que Luna imaginava. Os controlados estavam avançando, e se os Sobreviventes não os impedissem, não importava que fossem vacinados. Os aliens iam simplesmente matar todo mundo.

CAPÍTULO QUINZE

Kevin assistiu a batalha pelo planeta se desdobrar com o mesmo interesse que podia ter sentido por um videogame novo. Era parecido, com os mesmos flashes brilhantes de luz quando os fâcos de energia colidiam, e a dança rápida de naves em combate mortal. Tentou considerar como se sentia com o fato de que haviam pessoas matando e morrendo lá fora na escuridão que cercava o planeta, mas parecia uma pergunta tola. Por que deveria sentir qualquer coisa, quando era parte da Colmeia?

Observou as naves Ilarianas de batalha, que se moviam e curvavam com a velocidade de um cardume de peixes prateados, suas armas acertando naves da Colmeia no espaço, letais como navalhas. Cada uma conseguiu destruir mais do que sua parte de naves caça da Colmeia conforme elas se aproximavam do planeta, acertando cinco ou seis de cada vez em uma nuvem de escombros que parecia criar uma tempestade de pó, em um lugar sem atmosfera para carregá-la. Se atiravam para cima e para longe, zombando das naves da Colmeia, mas nem todas sobreviviam. Com cada passagem, restavam cada vez menos e menos das embarcações.

“Por que estão resistindo e lutando?” Kevin perguntou. “Podiam fugir.”

“Você já sabe o porquê,” Lux Mais Puro apontou.

Kevin piscou. Claro que já sabia. Tinha sido ele mesmo que disse aos Mais Puros que eles estavam sacrificando suas vidas para salvar os outros de sua espécie. Mas era difícil lembrar porque, e mais difícil ainda de acreditar que qualquer criatura pensaria e se sentiria dessa forma. O bem da Colmeia era importante, mas tentar salvar criaturas fracas que não eram nem úteis?

“O jeito que estão se atirando para perto e para longe está danificando nossas naves,” Lux Mais Puro disse.

“Estão tentando atraí-las pra longe,” Kevin adivinhou. “Querem acertar as naves maiores.”

“Em parte,” Lux Mais Puro concordou. “Você parece ter instinto para esse assunto, Kevin. Pode ser útil no ataque. Venha.”

Lux Mais Puro o levou para uma cadeira, com suas conexões já familiares que permitiam uma interface com os sistemas da nave planeta. Parecia muito menos elegante que a conexão pura e orgânica à Colmeia que preenchia a mente de Kevin.

Mas assim que Kevin sentou, teve que admitir que a conexão era incrível. Sua mente parecia voar de nave em nave, ver através das câmeras e sensores, dar ordens aos sistemas, sentar no assento do piloto de todos os jeitos, exceto fisicamente.

A batalha rugia a sua volta, em tiros de míssil e explosões de energia. Kevin enviou uma nave para a direita, depois para esquerda, em um giro que a alinhou com uma das naves inimigas. Atirou, mas a nave já tinha se afastado, girando em um arco difícil de seguir.

“Eles não ficam parados,” Kevin disse, sabendo que Lux Mais Puro podia ouvir.

“Force-os,” Lux Mais Puro disse.

Kevin entendeu o que ele quis dizer. Desviando sua atenção para as outras naves, ele se focou nos locais onde estavam tentando deixar a superfície e fugir. Enviou as naves menores nessa direção, afiadas e diretas, sem se importar com o número que seria destruído em um ataque tão óbvio. Havia criaturas pilotos nas naves, mas ficariam gratas de se sacrificar pela Colmeia.

As naves se aproximaram, e Kevin viu uma das embarcações fugitivas passar na mira de um dos caças pelos quais sua consciência voava. Ele a observou, um alvo grande e fácil, e pensou que, no passado, teria considerado o que estava para fazer maligno além de qualquer medida. Mas não podia pensar desse jeito agora; era bom para a Colmeia, não danoso.

Sem hesitar, Kevin atirou.

Energia explodiu na escuridão do espaço, cortando o casco de uma das naves fugitivas. De início, nada aconteceu, porque o caça da Colmeia era pequeno, e a nave fugitiva era grande o bastante para aguentar uma ferida. Uma baleia mordida por um tubarão.

Então, guiados pelo primeiro tiro, outra dúzia de caças atacaram, destruindo a nave em pedaços que se espalharam, as criaturas lá dentro girando no espaço. Talvez algumas estivessem protegidas com trajes, mas logo não poderiam mais ser salvas. Iam ficar a deriva, e iam morrer.

Kevin pensou que sabia exatamente como era saber que estava para morrer, mas não saber quando. Isso era... empatia? Não. Teria que ser capaz de sentir pra isso. Era só conhecimento, memória... só isso.

No fundo de sua mente, Kevin podia quase escutar alguma coisa gritando, berrando que isso era errado, que havia mais do que apenas a

Colmeia. Se virou para a voz, tentando entender com curiosidade. Sentiu que quase podia escutar...

A conexão à nave cortou em um clarão de luz quando os defensores avançaram, destruindo a primeira onda de caças da Colmeia. Eram rápidos, e não era só que podiam cruzar distâncias, ou fazer curvas, rapidamente. Cada nave se movia com velocidade que Kevin não podia igualar, se torcendo em curvas e espirais desnorteantes, e era difícil até pensar no movimento que estavam fazendo, antes que passassem para o próximo.

“São rápidos demais,” Kevin disse, a tensão de tentar acompanhar forçando seu cérebro, como se ele fosse se partir em dois com o esforço.

“Não se trata de velocidade,” Lux Mais Puro disse. “Encontre outros modos. As IAs são sua força, mas qual é sua fraqueza?”

“Emoções,” Kevin disse. “Os computadores... eles querem que os pilotos fiquem vivos, não é?”

“Exatamente,” Lux Mais Puro disse.

A Colmeia o mostrou como isso era tolo. Havia criaturas fracas e fortes. Os pilotos das naves não eram dos Mais Puros. Podiam ser sacrificados. Que outras vantagens a Colmeia tinha? Não eram singulares. Podiam trabalhar como um todo.

Kevin procurou as naves da Colmeia, espalhando-os em uma rede para conter as naves mais rápidas do inimigo. Virou os caças para o centro e acelerou, disparando enquanto avançava.

Atiraram nas próprias naves. De novo, e de novo, Kevin sentiu sua conexão ser cortada. De novo e de novo, pulou para conexões novas, e seguiu em frente. Algumas das naves prateadas dos defensores atiraram de volta, mas ele não desacelerou, e não parou. Os computadores deles podiam ser capazes de sair da frente no último milissegundo, mas o que fariam com um inimigo que não ia parar, porque a vontade da Colmeia era lei?

Conforme os inimigos começaram a se dispersar ou cair, Kevin voltou sua atenção para a superfície. As naves cidade estavam lá, atacando com cascadas de energia, vírus, e venenos que preenchiam o ar, mas grandes explosões de energia ainda subiam da superfície, e só por conta de sua velocidade lenta não haviam destruído mais naves cidade.

Mas algumas foram destruídas, e embora nada na Colmeia fosse como dor ou luto, Kevin sabia que cada nave cidade continha mais criaturas, e era mais difícil de repor, do que as naves menores. Viu os feixes de energia da superfície perfurarem as naves, deixando buracos que só podiam ser

reparados fechando as portas de bomba e concertando os sistemas vitais a tempo. Viu uma das grandes naves se partir em dois como um prato quebrado, e outra desabar de lado e pegar fogo quando bateu na atmosfera do jeito errado.

“Não podemos perder tantas assim,” Kevin disse.

“Perderemos quantas for necessário,” Lux Mais Puro retrucou. “A destruição do inimigo é tudo que importa.”

Mesmo assim, Kevin sabia que devia pelo menos tentar salvar as naves cidade. Guiou outra nave caça, seguida por um esquadrão, para dentro da concha da atmosfera, fagulhas vermelhas voando quando entraram em um ângulo agudo. Sabia de onde a última explosão tinha vindo, e voou para lá, torcendo e guiando a nave caça enquanto armas menores disparavam em sua direção. Uma nave explodiu, e ele pulou para outra, e depois outra.

A grande arma entrou em seu campo de visão, mais parecida com um telescópio de rádio da SETI do que com uma arma. Mesmo assim, Kevin podia ver o poder fluindo sobre a superfície, podia sentir os escudos ao seu redor, para protegê-la. Seu cérebro encontrou os códigos para desativá-los em um instante, traduzindo automaticamente.

Jogou a nave que controlava sobre o lado do canhão, a explosão reverberando por ele e se expandindo quando a energia que a arma estivera coletando escapou, sem controle. Kevin se demorou para admirar a beleza da explosão, se abrindo como ondas em um lago, mas apenas por um momento. Já estava voando para a próxima arma, e a próxima depois desta.

Quantas naves eles perderam no ataque? Kevin nem tentou acompanhar, mas sabia que a Colmeia devia ter um registro em algum lugar e tinha certeza que o número seria horrível para qualquer um que não entendesse como a Colmeia funcionava. Perder tantos membros para conquistar um mundo daqueles não era problema. Tudo que importava era derrotar o inimigo.

Exceto que... apesar de tudo isso, o inimigo *não estava* derrotado.

“Tantas das defesas deles caíram,” Kevin disse, se retirando da conexão para olhar para Lux Mais Puro, “mas eles não desistem. Deviam se submeter ao inevitável. Os computadores—”

“Os computadores são tão individuais quanto eles,” Lux Mais Puro disse. “Eles pensam em termos de uma parceria única e perfeita entra criatura e máquina, criatura e entes queridos. Não entendem o que significa não ser nada, embora o sejam.”

Kevin ia dizer que não entendia, mas se viu pensando em Luna, e em Chloe. Elas eram imagens de um passado antes da Colmeia que não devia importar, porque qualquer vida sem a Colmeia era incompleta, mas ainda assim pensou nelas. Luna era o tipo de pessoa que iria lutar mesmo que as chances fossem nulas. Chloe era tão cheia de emoção que enfrentaria qualquer batalha.

“Eles vão continuar lutando,” Kevin disse, soando surpreso até para si mesmo. “Vão continuar lutando até o último sobrevivente.” Pensou na Colmeia, e como ela funcionava. “Vai ser difícil destituir o mundo de seus recursos antes que seja destruído.”

“Com esses inimigos, não importa,” Lux Mais Puro disse. “Chegaram mais próximos que ninguém de nos destruir. Descobriram nosso segredo. Eliminá-los é mais importante do que adquirir recursos para a Colmeia.”

Era uma declaração pesada, uma vez que as naves planeta existiam puramente para reunir recursos para o planeta natal da Colmeia. Mesmo assim, Kevin viu o perigo nas ideias que os Ilarianos projetaram, e particularmente na substância que não conseguiram encontrar: miridium.

“A destruição vai demorar,” Kevin disse. “Estou fazendo tudo que posso, Lux Mais Puro, mas a batalha ainda é difícil.”

Toda nave inimiga era perigosa, todo soldado parecia ter armas que podiam danificá-los. Kevin podia ter encontrado um jeito de forçá-los a lutar do jeito da Colmeia, mas quantas surpresas mais seus inimigos teriam para eles?

“A batalha não importa, Kevin,” Lux Mais Puro disse.

Kevin franziu o rosto. “Não importa?”

“Está cumprindo seu propósito, mantendo os inimigos longe da nave planeta, para que possamos ficar em posição enquanto nos preparamos.” Lux Mais Puro se afastou do assento. “Venha comigo, Kevin. Veja você mesmo.”

Lux Mais Puro o guiou para uma varanda do lado da espiral. Ali, o alien olhou para cima, para o coração brilhante da nave planeta. Kevin não entendeu para o que deveria estar olhando.

“Olhe mais de perto, Kevin,” Lux Mais Puro disse. “Não parece... diferente, para você?”

Kevin tentou lembrar como se parecera quando ele chegou, mas mesmo assim demorou um tempo para entender. Quando ele e Chloe chegaram na nave planeta, o coração brilhava como um sol em miniatura, radiando sua energia em toda direção com um brilho dourado. Agora, o brilho não se

espalhava tanto, mas era mais brilhante, branco de calor e focado, se puxando para dentro como que se preparando para alguma coisa.

“Logo teremos energia o suficiente,” Lux Mais Puro disse. “E então vamos poder libertá-la.”

“Libertar como?” Kevin perguntou.

Lux Mais Puro apontou, e Kevin olhou para o lugar indicado. Ali, Kevin viu uma sessão inteira da nave planeta curvando-se sobre si mesma, abrindo como a íris de uma câmera. Devia haver algum tipo de escudo ou coisa assim para segurar o ar no interior oco da nave, porque um buraco do tamanho de... bom, tão grande que Kevin nem podia *pensar* em nada do mesmo tamanho, se abria para o espaço.

Através dele, como olhar por um único olho gigante, Kevin podia ver o mundo lá embaixo.

“É uma arma,” Kevin disse. “A nave toda é uma arma.”

“Sim,” Lux Mais Puro concordou. “E logo, vai estar pronta para abrir fogo.”

CAPÍTULO DEZESSEIS

Luna assistiu horrorizada enquanto a horda de controlados avançava. Nunca tinha visto tantos em um lugar só, mesmo quando estava no instituto da NASA, mesmo quando estavam nas docas tentando chegar em LA. Havia tantas pessoas lá embaixo que parecia um mar, todas se movendo em sincronia, invadindo o cânion onde os Sobreviventes construíram sua casa.

Luna viu os companheiros congelados, encarando enquanto os controlados avançavam, e foi o bastante para arrancá-la do próprio horror.

“Não fiquem parados aí,” ela gritou. “Temos que lutar!”

O grito foi o bastante para lembrar os Sobreviventes do que deviam estar fazendo. Aqueles segurando armas abriram fogo, o barulho ensurdecedor contra o silêncio no qual os controlados avançavam. Aqueles com ferramentas e facas, espadas improvisadas e outras armas de curto alcance se moveram para bloquear a entrada do acampamento.

Alguns dos controlados caíram, atingidos pelas armas de fogo. Os que não foram atingidos em nenhum ponto vital continuaram a avançar, mas aqueles atingidos na cabeça ou no coração desabaram como qualquer pessoa teria. Luna se encolheu com cada um que caía, sabendo que era só uma pessoa, e que facilmente podia ter sido ela.

Que ainda *podia* ser ela, e em pouco tempo.

“Tentem as armas que a gente construiu!” ela chamou, mesmo sabendo que contra tantos controlados, teriam que usar todas as armas disponíveis só para sobreviver.

Mesmo assim, viu alguns dos Sobreviventes obedecerem, agarrando dardos e redes, se esforçando para incapacitar os controlados sem matar as pessoas que ainda estavam presas, enterradas no fundo. Luna pegou uma pistola também, e munição dos dardos sedativos que tinham derrubado Trey da primeira vez. Atirou na massa de controlados e recarregou, atirou e recarregou. Ao seu lado, Bobby rosnava, como se pudesse afugentá-los. Ignatius passou mais dardos enquanto ela atirava.

“Tem controlados demais pra ficar aqui,” Leon disse, soando irritado. Luna imaginou porque.

“Não sabíamos que vir pra cá ia atrair os aliens,” disse.

“O momento que o seu motorista se transformou, eles sabiam,” Leon disse. Balançou a cabeça. “Não importa. Temos que evacuar todo mundo que é muito fraco pra lutar, mas pra isso...”

“A gente segura eles,” Luna prometeu, entendendo do que Leon tinha medo: que o momento em que não estivesse mais lá, as portas iam cair. Luna atirou de novo, derrubando outro controlado. Havia mais. Suspeitava que *sempre* haveria mais.

Correu para a entrada abaixo quando os controlados se jogaram contra ela. Não podia ajudar a empurrá-los de volta, porque não tinha tamanho nem peso para isso, mas podia ajudar a construir a barricada, agarrando qualquer coisa que parecia pesada o bastante para atrasá-los e arrastando para a barreira. Não era tão fácil quanto quando estava controlada, e agora doía, mas Luna ignorou a dor.

Nas barricadas que ajudou a construir, os motoqueiros de Dustside e os Sobreviventes lutavam, atacando os controlados com as armas improvisadas, empurrando e cortando mesmo enquanto eles avançavam sem trégua. Alguns atiravam com dardos, e Luna fez o mesmo quando não estava arrastando materiais para bloquear o caminho.

Um dos controlados passou a barreira, correndo e agarrando seus braços, mais rápido do que Luna pode reagir. Assoprou uma novem de vapor que a envolveu, preenchendo o mundo, e por um momento, Luna se lembrou da sensação do vapor correndo por suas veias pela primeira vez, tomando controle. Lembrou como tinha sido se perder, e o medo e inundou. O que ia acontecer agora? Ela não seria nada além de uma controlada de novo?

Bobby se jogou contra o lado da coisa, jogando-a pra longe de Luna, e ela levantou a arma, atirando.

“Bom garoto,” Luna disse, afagando o pelo de Bobby.

Na barreira, os outros controlados exalavam seu vapor, tentando transformar os humanos. Mas os motoqueiros e Sobreviventes continuaram a lutar, intocados. Os motoqueiros já tinham sido infectados e curados. Os Sobreviventes tinham a vacina de Ignatius em seu sistema. Por isso podiam continuar, podiam lutar, podiam enfrentar os controlados que os atacavam.

Os controlados perceberam que alguma coisa estava errada, ou se não eles, os aliens que os controlavam perceberam. Eles pararam, como que pensando, ou talvez recebendo novas ordens, e então se jogaram para frente de novo, atacando com violência redobrada. Não estavam mais tentando agarrar as pessoas e transformá-las; em vez disso, atacavam com pés e mãos, tentando machucar. Tentando matar.

Luna viu um dos motoqueiros ser arrastado. Viu Cub atacando para todos os lados com uma barra afiada de metal, forçando os controlados a recuar.

Viu Leon mais para o fundo, guiando uma linha de crianças pequenas que não teriam chances de segurar os controlados, tentando tirá-las das cavernas. Outro controlado correu até Luna e Bobby rosnou, mordendo alguém que tinha sido uma senhora idosa antes dos aliens a capturarem. Luna atirou outro dardo, assistindo quando ela caiu, e então se virando para recarregar.

“Preciso de mais dardos” Luna chamou, procurando por Ignatius.

O encontrou mais para frente, correndo como se sua vida dependesse disso. Luna entendia o medo, mas precisava dele, *todos* precisavam, e se encheu de raiva com a ideia que ele tentava abandoná-los.

“Bobby,” ela gritou, apontando. “Pega!”

Talvez porque fosse um cão pastor, ou talvez estivesse tão irritado quanto ela por Ignatius fugir, mas ele se atirou atrás de Ignatius ao mesmo tempo que Luna, ultrapassando os dois e derrubando o químico de um jeito que pareceu tão brincadeira quanto para impedi-lo. Bobby sentou em cima dele, a língua de fora, vigiando enquanto Luna os alcançava.

“Aonde você pensa que tá indo?” Luna exigiu enquanto Ignatius se levantava, e era esquisito, falar com um adulto desse jeito, mas naquela hora ela não se importava.

“A gente precisa sair daqui,” Ignatius disse. “Eles estão entrando.”

“*Todo* mundo precisa sair,” Luna disse, “e por isso a gente precisa segurar eles. Precisamos das suas armas de vapor, Ignatius.”

“Mas—”

“Você estava disposto a se enfiar numa multidão deles pra me salvar e aos outros,” Luna disse. “Obviamente uma parte de você quer fazer a coisa certa, então faça. Ajuda a gente. Ajuda a ganhar tempo pras criancinhas fugirem.”

Ignatius olhou em volta, e por um momento, Luna achou que ia correr de novo, mas então viu que ele olhava para onde Leon ainda estava guiando as crianças.

“Tá bom,” Ignatius disse. “Tá bom, eu ajudo.”

“Cadê as armas de vapor?” Luna perguntou.

“Ainda no lugar que a gente estava usando de oficina,” Ignatius retrucou. “Eu estava usando a original para ajudar com as réplicas.”

“Então a gente precisa ir pra lá,” Luna insistiu. Olhou de volta para os controlados explodindo através da barricada. “Agora, Ignatius!”

Eles correram para as cavernas, desviando das pessoas sem desacelerar. Um dos controlados atacou Luna, e ela desviou por baixo de seus braços, e

continuou a correr. Chegaram na caverna, correndo sem parar para o espaço onde Ignatius e Barnaby estavam trabalhando. Bobby saltava ao lado de Luna, e ela se sentia muito mais segura com a presença dele do que teria sozinha.

Quando chegaram na oficina, Barnaby estava lá, ansioso enquanto jogava uma série de equipamento em uma sacola.

“Não sei o que pegar,” ele disse. “A gente vai precisar de equipamento pra achar uma solução de verdade, mas eu não consigo carregar tudo.”

“Deixa aí,” Luna disse. “Os laboratórios vão ter um monte de equipamento. A prioridade agora é ajudar as pessoas.”

Foi significativo que Barnaby não hesitou como Ignatius tinha. “Tem razão. Vou ajudar o Leon a evacuar o pessoal.”

Luna olhou em volta, avistando um dos containers que eles estavam usando para o vapor de Ignatius. “Espera. Tive uma ideia. Você tem alguma coisa aonde enfiar o vapor? Jarras, balões, qualquer coisa?”

“Consigo encontrar,” Barnaby prometeu.

Ignatius olhou para ela. “Você quer fazer tipo bombas de água?”

“Não vai funcionar?” Luna perguntou. Ficou preocupada que tinha entendido mal como o vapor funcionava.

“Eu... suponho que vai,” Ignatius disse. “E aí mais que algumas pessoas podem usar ao mesmo tempo. É, vale a pena tentar.”

“Você se concentra nas armas de vapor,” Luna disse. “Eu ajudo a pegar as jarras.”

Agarrou tudo que conseguiu, dolorosamente ciente de que lá fora havia pessoas lutando por suas vidas. Agarrando um dos vidros da vacina, começou a sanfonar o vapor em jarro após jarro. Barnaby voltou com as próprias jarras, e com os balões que Luna sugeriu, enchendo e colocando na bolsa que estava usando para equipamentos antes.

“Certo,” Ignatius disse, levantando. Estava com sua arma de vapor de novo, parecendo preso em uma mistura de macacão de mergulho e matador de ervas daninhas. Outra arma estava por perto, e Luna se enfiou dentro dela. Era pesada, então precisou se concentrar para manter o equilíbrio.

Correu para a entrada com os outros em sua cola, e chegou no meio do que parecia uma batalha a fogo solto. Luan viu um nó dos controlados avançando para um grupo das crianças mais novas, e correu nessa direção, torcendo para que a arma de vapor funcionasse tão bem neles quanto em si mesma e nos outros.

Espirrou o vapor, e eles congelaram, virando como se fossem atacar... e então caindo, piscando quando o vapor começou a fazer efeito. Luna passou as bombas de água improvisadas para as crianças.

“Aqui,” ela disse. “Vocês conseguem jogar essas aqui?”

Eles concordaram, rindo e gritando enquanto as atiravam. As armas estouraram com o impacto, espirrando líquido e vapor em cima dos controlados e Sobreviventes. Luna viu os controlados pararem, e então caírem, tremendo quando a vacina começava a agir. Alguns dos primeiros que ela atingiu já estavam gemendo, lutando para ficar de pé.

“Não dá tempo de explicar o que tá acontecendo,” ela disse. “Peguem umas bombas e atirem nos outros.”

Luna seguiu em frente, espirrando o vapor. Bobby estava ao seu lado, pulando em qualquer controlado que se aproximasse demais, empurrando-os para longe tempo o bastante para o vapor fazer efeito. Ao seu redor, mais e mais pessoas desabaram no chão e lentamente se ergueram de novo. Ela forçou um caminho até a entrada do cânion, passo a passo.

“Estamos chegando!” gritou. “Segura aí!”

A luta na barricada ainda era intensa. Dos motoqueiros, o único que Luna podia ver era Cub, e só podia torcer que os outros estivessem enterrados no meio da batalha, ou tivessem conseguido fugir. Ele lutava com um nó dos Sobreviventes, e Luna usou sua arma de vapor para chegar até eles, derrubando os controlados um punhado de cada vez.

“Está funcionando,” Ignatius gritou enquanto espirrava os controlados. “Estamos mesmo ganhando!”

Para surpresa de Luna, parecia que estavam mesmo. Um número cada vez maior dos controlados estava caindo, e quando se levantavam, entravam na luta. As bombas de vapor estavam transformando sessões inteiras da multidão, então talvez houvesse gente o bastante para lutar. Luna seguiu em frente, na direção de Cub, transformando controlados enquanto andava.

“Quase lá,” ela chamou, forçando um caminho com a ajuda de Bobby. Cub estava cheio de cortes e hematomas, e sangue respingado da luta. Luna viu um controlado pular sobre ele, e o espirrou tão rápido quanto pode. Ele congelou e caiu.

Continuou a espirrar e os controlados continuaram a atacar. Mas havia cada vez menos deles, os últimos por perto tropeçando, e então desmaiando.

Conseguiram. Tinham realmente vencido uma batalha contra os controlados.

“Ganhamos,” Luna disse, agarrando Cub e dançando com ele. Abraçou apertado, e talvez tivesse feito mais que isso, mas então viu a expressão no rosto dele. “O que foi? O que aconteceu?”

“O pessoal... eles foram pra cima dos controlados. Eu acho... eu acho que se foram.”

Luna o abraçou de novo, mas dessa vez por conforto, e não celebração.

“Ah, Cub, eu sinto muito.”

“Eu sou o único que sobrou, e logo...”

E logo, ele seria controlado, exatamente como Luna. Exatamente como todo mundo que tinham libertado, eventualmente. A única esperança era achar uma cura.

“Vamos pro laboratório,” Luna disse. “Vamos dar um jeito.”

“Tem que ser depressa,” Cub disse.

Luna concordou. Quanto tempo sobrando antes que se perdessem de novo? Não sabia, e não saber tornava tudo pior do que já estava. Olhou para a distância, pensando no laboratório que estava lá em algum lugar, e a esperança que continha. Se conseguissem encontrar a substância, alguma coisa parecida, mas diferente o bastante do vapor de Ignatius, então talvez, só talvez, houvesse esperança.

“Ainda vencemos hoje,” ela disse.

Luna viu os pontos no céu, lá ao longe na distância, e entendeu que a luta não tinha terminado.

“A gente precisa sair daqui,” ela disse. “*Agora.*”

Correu na direção do ônibus reformado, com Cub e Bobby apressados ao seu lado. Alguns dos Sobreviventes e das pessoas que tinham salvo os seguiram, correndo com eles, provavelmente na esperança que Luna sabia o que estava fazendo.

Se empilharam no ônibus. Barnaby entrou atrás com algumas das crianças menores. Luna agarrou o volante e conseguiu dar partida, o motor rugindo a vida enquanto ao redor, outras pessoas agarravam motos ou apenas corriam. Se preparou para partir, esperando lembrar o bastante sobre direção para conseguir guiar sem bater dessa vez.

Viu Ignatius correndo para o ônibus, tropeçando e se enrolando na arma de vapor ao mesmo tempo.

“Precisamos ir,” Cub disse.

Luna balançou a cabeça. “Precisamos dele. Ele me salvou, salvou você, e é nossa melhor chance de salvar todo mundo.”

Cub fez uma careta e foi para a porta, esticando uma mão, agarrando Ignatius quando ele chegou perto e puxando para dentro.

Luna saiu dirigindo, seu ônibus blindado rugindo sobre as rodas quando as naves alienígenas apareceram nos espelhos laterais. Ela agarrou o volante com toda força enquanto se jogava para frente, e atrás de si, viu as centelhas de energia descendo do céu para a terra, a nuvem crescente de chamas e fumaça enquanto tiro após tiro acertava a base dos Sobreviventes. O clamor encheu o ar, o calor crescendo em uma muralha de fogo que pareceu preencher o mundo.

Luna continuou a dirigir. A única esperança era chegar no laboratório.

CAPÍTULO DEZESSTE

Ro sentia... bom, ele sentia *tudo*. Felicidade e tristeza, alegria e dor, medo, definitivamente medo de pensar que a qualquer momento, a Colmeia ia perceber que ele estava desconectado. Um rebelde. Não mais um dos Mais Puros, mas impuro. Ro Impuro.

Mas principalmente, sentia culpa. Culpa por trair a Colmeia, embora fosse mais um reflexo, não tão forte quanto Ro imaginou que seria, mais medo que remorso. Sentia culpa por *não* sentir remorso pela traição, e por todas as outras emoções que *estava* sentindo.

Mas as ondas verdadeiras de culpa estavam reservadas para o que Ro tinha feito e ajudado a fazer. Ajudou a atacar outros mundos. Ajudou a roubar deles e transformar suas espécies, assassinando tudo que não podiam mudar. No passado, o bem da Colmeia tinha sido justificativa suficiente para tudo aquilo. Agora, não parecia nem com o começo de uma justificativa.

Ele ajudou a atacar a Terra. Ajudou a atormentar Chloe.

“Por que ela?” perguntou a si mesmo. “Por que ela é mais importante que o resto?”

Sabia a resposta: porque foi a mente dela que o libertou, e a mente dela com a qual se conectou tão completamente. Tinha estado conectado a todas as outras mentes da Colmeia em geral, examinado as mentes de centenas, se não milhares, de criaturas subjugadas para pesquisa, mas parecia que Chloe era parte dele agora, uma faceta de suas emoções nadando dentro dele para acordar os próprios sentimentos.

“Tenho que salvá-la,” ele disse, mas não era o bastante. Tinha que tentar salvar todos eles. Tinha que ser o traidor do seu povo em ações, como já era apenas por existir. Tinha que achar um jeito...

O menino, Kevin. Ro tinha visto que arma poderosa ele era para a Colmeia. Podia libertá-lo. Mas para isso, precisaria de Chloe.

Só esperava que não chegasse tarde demais.

Andou apressado pelas fábricas de carne, nojo pelo que estava acontecendo se espalhando por seu corpo a cada passo. Como podia ter achado que isso era certo, ou bom, ou mesmo necessário? Parte dele queria libertar todas as criaturas dali, mas uma parte maior precisava chegar até Chloe, precisava ajudá-la.

Escutou seus gritos e correu para o laboratório onde ele e os outros tinham se preparado para fazer experimentos, ignorando o senso de decoro,

ou a raridade com que os Mais Puros realmente corriam.

Quando chegou, Jir Mais Puro estava sobre ela, um bisturi a laser ensanguentando em uma mão e uma perna de metal fluido por perto.

“Achei que tivéssemos concordado em esperar pelo soro!” Ro exigiu, com mais força do que normalmente teria dito *qualquer* coisa.

“Ro Mais Puro, você está bem?” Jir Mais Puro perguntou. Apontou para Chloe que ainda estava pendurada no ar. “O soro ainda está agindo sobre a garota, mas achei que um pé não faria diferença.”

“Achou errado!” Ro gritou.

“Ro Mais Puro, você não parece bem. Parece estar exibindo... pensamentos traidores. Vou requisitar ajuda—”

Ro rapidamente examinou as mesas de instrumentos e ferramentas do laboratório, procurando alguma coisa que podia usar. Quando seus olhos caíram em uma bastão de choque, geralmente usado para tranquilizar bestas em procedimentos delicados quando os espasmos de dor atrapalhavam, ele o agarrou.

“O que está fazendo?” Jir Mais Puro exigiu. “Sou um membro dos Mais Puros, sou—”

“Recentemente percebi que eu não gosto muito de você,” Ro disse, antes de enfiar o bastão na carne de Jir Mais Puro. Houve um estalo, e seu antigo colega desabou inconsciente.

“Você está bem?” Ro perguntou a Chloe. “Ele te machucou?”

“O que tá acontecendo?” Chloe exigiu. “É algum tipo de truque? Espera... não saiu nada do seu tradutor. Eu consigo te *entender*?”

Ro a examinou rapidamente. Parecia que Jir Mais Puro tinha feito uma incisão inicial em sua perna, mas era fácil de selar, com um dos dispositivos roubados pela Colmeia de uma espécie que presava a cura acima de tudo.

“Pode ser um efeito da nossa conexão, ou do soro que eu te dei, ou dos dois,” Ro disse. “Espere um pouco.”

Ele selecionou um injetor, administrando em Chloe e se encolhendo com ela quando reagiu a dor.

“Desculpe,” ele disse. “Isso vai interromper o progresso do soro. Não pode desfazer os efeitos que já aconteceram, e eu não sei quais foram, mas não vão haver mais mudanças.”

“Por que você tá fazendo isso?” Chloe exigiu. “É um tipo estranho de teste?”

“Espere, eu preciso tirar você daí,” Ro disse. Ele ajustou a armadilha de gravidade e deixou Chloe se acostumar com o que Ro considerava ser o chão. Imediatamente ela correu para uma mesa, agarrou um objeto com múltiplas pontas e espetos, e segurou como uma arma.

“Pra trás,” Chloe avisou. “Foi você quem me injetou antes!”

“Fui eu,” Ro concordou, ainda mais culpado. “E sinto muito pelo que eu fiz.”

Antes, teria considerado aquela uma frase vazia, mas agora Ro entendia por que era usada, e seu significado: sentia pesar quando pensava que tinha machucado Chloe.

“Eu era parte da Colmeia,” explicou, “e então... então me conectei a sua mente. Senti suas emoções, e vi tudo que a Colmeia tinha cortado de si mesma. Expulsamos nossas emoções para não sentir ódio e violência e raiva, mas perdemos amor, e culpa, e compaixão. Eu sinto tudo de novo. Eu sinto... tanta coisa.”

Chloe olhou para ele, e Ro imaginou que ia ter algum tipo de explosão de raiva. Tinha visto a mente dela afinal, e sabia da raiva que queimava lá, e sua origem. Alguém que a havia controlado desse jeito, tratado desse jeito, não merecia perdão.

Em vez disso, ela tocou seu braço.

“É difícil, né, sentir tanta coisa?” ela disse.

Ro concordou, e então olhou para a forma inconsciente de Jir Mais Puro. “Mas é *muito* melhor do que a alternativa.” Ele olhou para o pequeno bastão. “Eu não sei por quanto tempo um dos Mais Puros vai ficar inconsciente,” disse. “É melhor nós irmos.”

“Podíamos matar isso daí,” Chloe disse.

“*Não*,” Ro disse, e seu choque deve ter transparecido. “*Não*. Matar é... pensar nisso não parece certo.”

Chloe olhou para ele, então chutou Jir Mais Puro. “Eu mereço *pelo menos* um chute.” Olhou a seguir para o simbionte em seu braço. “Dá pra tirar isso de mim?”

“Não de forma rápida,” Ro disse. “Possivelmente não com segurança. Precisamos ir.”

Chloe concordou e trocou seu equipamento aleatório pelo bastão de choque.

“Tá certo,” ela disse, “mas ainda não confio em você. É melhor ficar onde eu consigo te ver.”

“Sim,” Ro disse.

A guiou para longe do laboratório, para as fábricas de carne. Viu Chloe empalidecer com as coisas que estavam acontecendo.

“A gente precisa soltar eles,” disse.

“Alguns vão enlouquecer com a dor,” Ro disse. “Vão ser perigosos, e quando Jir acordar, a Colmeia inteira vai estar nos procurando.”

“Não me importa,” Chloe retorquiu. “Se pode mesmo sentir emoções, pode imaginar o que eles estão sentindo.”

“Dor,” Ro disse, “medo, impotência.” Ele baixou os olhos. Chloe tinha razão. Se dirigiu para a primeira sala, onde criaturas estavam sendo transformadas em tanques de líquido viscoso. Tocou os controles, mexendo neles com cuidado, então mudou de ideia e se adiantou para um dos tanques, empurrando-o para que a criatura escorregasse para fora. Ela começou a gerar e Ro arrancou os mecanismos que a prendiam no lugar.

“Solte o resto,” Ro disse, quando teve certeza que a criatura entendia. “É sua melhor chance. Você precisa soltar os próximos, e os próximos depois deles.”

Só podia torcer para que qualquer condicionamento que ela tinha para obedecer os Mais Puros ajudaria a transmitir a mensagem. Ro atravessou a sala, libertando outra criatura, depois outra.

“Agora tem o bastante para soltarem umas as outras,” Ro disse.

“É o suficiente pra deter a Colmeia?” Chloe exigiu.

“Não sei se qualquer coisa é suficiente para deter a Colmeia,” Ro disse. “Mesmo agora, estão usando o menino com quem você veio para atacar outro mundo.”

“Kevin,” Chloe disse. “Temos que salvar o Kevin!”

“Você sabe que ele está no coração de uma das espirais?” Ro disse. “E ele é parte integrante da Colmeia agora. Para tirá-lo de lá íamos precisar...”

“Exatamente do que precisamos com você,” Chloe apontou.

Ro não podia discutir com isso. Mais ainda, sabia que não adiantava discutir com *ela*. Tinha visto o bastante da mente de Chloe para saber que ela não ia partir sem Kevin. E talvez fosse uma coisa boa. Se a Colmeia precisava tanto dele, então podiam adiar o que ela queria fazer. Podiam começar a lutar.

“Certo,” Ro disse. Pegou um dos mecanismos metálicos de conexão. “Vamos precisar desses daqui.”

Ele liderou o caminho pela cidade, uma longa caminhada até a espiral onde a Colmeia lhe dizia que Kevin estava. Era estranho, poder ver, mas não ser parte. A multidão de criaturas no caminho se desviava, dando passagem como fariam para qualquer um dos Mais Puros. Fazia Ro se sentir como um impostor e uma fraude, mas também grato que conseguiriam chegar até Kevin antes da Colmeia se voltar para destruí-los.

“Por aqui,” ele disse, guiando Chloe para a espiral. “Se alguém perguntar...”

Não tinha prática suficiente mentindo para inventar uma desculpa.

“Se alguém perguntar, é importante para os experimentos que você me conecte ao Kevin,” Chloe disse, “e pode fazer mal ao Kevin se não conectar. Eles não vão se importar o suficiente comigo.”

Ro concordou. Nunca teria sido capaz de inventar tudo isso de uma vez só, mas agora que ouviu, sabia que os outros iam acreditar. Nunca iam imaginar que de um dos seus mentiria para eles.

Ele seguiu para o prédio junto com Chloe até chegar a central de comando onde Lux Mais Puro estava com Kevin e um número de criaturas serventes. Lux Mais Puro virou para ele quando chegaram.

“O que significa isso, Ro Mais Puro?” Lux Mais Puro exigiu. “Por que a fêmea humana está aqui?”

“Nossa pesquisa se deparou com um possível problema, Lux Mais Puro,” Ro disse, sentindo medo o tempo todo. Como humanos controlavam essas emoções? O que ia acontecer se Lux Mais Puro percebesse o que estavam fazendo? E se a mentira não funcionasse?

“Que problema? E não pode esperar, quando estamos no meio de destruir um inimigo?”

“Não acredito que possa,” Ro disse. “Nossa análise da garota demonstrou uma instabilidade em potencial em Kevin que dever ser normalizada para prevenir dano. Precisamos conectar seus pensamentos, e usar a fêmea para estabilizá-lo.”

“Tem certeza?” Lux Mais Puro perguntou.

“Sim, Lux Mais Puro,” Ro disse.

A pausa depois dessas palavras pareceu a mais longa da vida de Ro. Parecia que sua mentira ia ser descoberta a qualquer momento, e as criaturas serventes iam cair sobre eles.

“Muito bem,” Lux Mais Puro disse. “Faça rapidamente.”

“Kevin,” Ro disse, “permita que eu coloque o mecanismo em você.”

Ele pegou os conectores de metal, prendendo os tentáculos no crânio de Kevin. Fez o mesmo com Chloe, tomando o cuidado de não pedir permissão. Se uniu a conexão também, em parte para a proteger de Lux Mais Puro, e em parte porque tinha experiência em se libertar do aperto da Colmeia.

Lembre-se de como é ser humano, ele disse a Kevin, mente para mente. *Lembre-se das emoções. Lembre-se do que sentia.*

Como assim? Kevin retrucou. *Emoções são...*

São importantes! Chloe enviou. *Nos tornam humanos. Fazem de você o Kevin.*

Ro puxou mentalmente as conexões entre Kevin e a Colmeia, esticando, enfraquecendo. *Eu sei que você pode sentir, Kevin. Eu sei que você quer. Lute contra o que fizemos com você. Lembre-se porque veio até aqui.*

Por favor, Kevin, Chloe acrescentou. *Por favor. Eu sei que o Kevin de verdade está aí em algum lugar. O Kevin que eu conheço. O Kevin que eu... amo.*

Ro sentiu as ondas de emoção que acompanharam as palavras, mais fortes do que qualquer coisa que ele poderia ter produzido. Podia senti-las afundado as conexões que prendiam Kevin a Colmeia, sentia-las transformando as coisas.

Sentiu o momento que a conexão rompeu, e Kevin engasgou, de volta ao mundo real.

“Está tudo bem?” Lux Mais Puro perguntou.

Ro Mais Puro teve que inventar a mentira dessa vez. “Acredito que a experiência de corrigir o problema foi esgotante para Kevin,” ele disse. “Com sua permissão, gostaria de levá-lo para a ala médica e realizar alguns testes.”

“Muito bem,” Lux Mais Puro disse. “Retorne aos seus experimentos com a fêmea humana quando terminar. Soube que Jir Mais Puro planejava algumas alterações interessantes.”

“Sim, Lux Mais Puro,” Ro disse. Colocou as mãos nas costas de Kevin e Chloe, guiando-os na direção da porta e andando com toda pressa com que se atreveu. Se pudessem apenas sair de lá, ficaria tudo bem, mas apenas um momento em que Lux Mais Puro se perguntasse demais sobre os experimentos de Jir Mais Puro, e percebesse pela Colmeia que ele estava inconsciente, um momento quando Jir Mais Puro se recuperasse, e—

Como se pensar no momento fizesse acontecer, Ro sentiu o clarão da mente de Jir Mais Puro na Colmeia, gritando alto o bastante para todos

ouvirem, em um espaço onde essas leis não deviam se aplicar.

Ajudem, Ro Mais Puro é um traidor! Me atacou e roubou a garota! Não confiem nisso, ou nada do que isso diz!

Ro olhou em volta, vendo as criaturas serventes se moverem em seus assentos, sem saber como reagir à notícia. Lux Mais Puro ficou parado, tentando compreender todas as implicações do que Jir Mais Puro enviara. Por um momento, apenas um momento, a sala de controle ainda estava em silêncio, e só havia uma coisa fazer.

“Corram!” Ro gritou para os outros, e os empurrou para frente.

CAPÍTULO DEZOITO

Kevin correu por instinto, mas uma parte dele mal podia lembrar como, de tão consumido por emoções. Lembrava de tudo que tinha acontecido enquanto foi um membro da Colmeia, tudo que tinha *feito*. Tinha ajudado a desativar os escudos do planeta abaixo, ajudado a atacar os habitantes...

...enviou Chloe para sua morte.

“Chloe... eu...” ele começou.

“Não para!” ela gritou de volta enquanto corria pela espiral. “Não é hora de me falar dos seus sentimentos!”

“Sentimentos são importantes,” o Mais Puro correndo com eles disse.

“Eles preenchem o mundo. Perpassam tudo que existe. Eles—”

“Você também não para, Ro,” Chloe gritou para ele.

Eles correram, e Kevin escutou passos atrás deles, altos demais no chão metálico da espiral. Kevin só estava feliz que a Colmeia não mantivesse suas piores bestas assassinas nas espirais, e que os serventes perseguindo os três eram melhores com obediência e força do que velocidade.

Chegaram até uma rampa curvada que levava para o interior como uma escada. A única questão agora era para que lado ir.

“Pra cima ou pra baixo?” Kevin gritou. Não podia pensar direito. Ainda estava pensando em todas coisas horríveis que fez quando era um membro da Colmeia. Não tinha escolhido. Tinha dito não. Tinha dito não, e eles ainda o convenceram a ser um deles.

“Foco, Kevin,” Chloe disse, e balançou a cabeça com um sorriso. “O negócio deve estar bem ruim se sou eu que estou resolvendo as coisas.”

“Porque você é fantástica,” Kevin disse. Depois de tudo que Chloe enfrentou na nave planeta dos aliens, ainda estava aqui, ainda conseguia pensar no que fazer a seguir. Ainda precisavam decidir para que lado correr, mas a decisão ficou fácil quando Kevin ouviu o chilreio de criaturas muito mais perigosas se aproximando por baixo, subindo a rampa com velocidade assustadora.

“Sobe!” Kevin gritou. “Vamos pra cima!”

Eles se jogaram para a rampa, correndo tão rápido quanto podiam. Era difícil. Agora que não era mais parte da Colmeia, Kevin podia sentir seu corpo sofrendo com o esforço de correr das criaturas que os perseguiam. Só esperava que uma porta aparecesse logo, ou alguma coisa que pudesse colocar entre eles, ou alguma coisa com que pudessem lutar.

Em vez disso, saíram no teto da espiral.

Havia uma porta atrás deles, e Kevin a fechou bem rápido, esperando que segurasse contra tudo que os perseguia. Lá em cima, a fonte de poder no centro da nave planeta brilhava com sua maleficência branca, pronta para atirar no planeta embaixo. Ao seu redor, todas as espirais douradas estalavam de poder enquanto a controlavam, e direcionavam.

“Precisamos impedir esse negócio,” Kevin disse, encarando horrorizado. “Não podemos deixar eles destruírem um planeta *inteiro*.”

Viu Chloe concordar. “Se tiver um jeito—”

“Não tem jeito,” Ro disse. “Com o processo tão avançado, e sem as salas de controle...” Ele balançou a cabeça. “Não tem como impedir.”

Atrás deles, Kevin escutou alguma coisa se chocando contra a porta.

“Tem que ter *alguma* coisa,” Kevin insistiu. Já tinham tantas coisas pesando em sua consciência. Não podia ser responsável pela destruição de um planeta inteiro também. Tinha que ajudar de *algum* jeito.

“O melhor que eu posso fazer é distrair a Colmeia com a minha conexão,” Ro disse. “Não vai impedir a destruição, mas pode dar chance de algumas pessoas fugirem.”

As batidas na porta estavam ficando mais altas, o metal dourado cedendo sob o impacto de alguma coisa muito mais forte do que um humano.

“Manda ver,” Kevin disse.

Ro concordou, e pareceu se concentrar, seus olhos brancos apertados pelo esforço. Ficou parado, em um estado quase de transe, e Kevin desejou poder ver o que estava acontecendo na Colmeia, mas sua própria conexão parecia ter desaparecido completamente, ou talvez simplesmente não fosse um dos Mais Puros.

“Estão resistindo,” ele disse. “Eu não sei o que vai ser mais confuso.”

“Emoções,” Chloe disse. “Eles não entendem.”

Ro concordou. Kevin estava mais preocupado com os baques que vinham da porta dourada atrás deles.

“Acho... que... consegui...” Ro gemeu, mas não abriu os olhos. Não se moveu de nenhuma forma para continuar a escapar.

“Ainda precisamos dar o fora daqui,” Kevin disse.

“Não acho que possa me mover,” Ro retrucou. “Posso segurar, mas preciso de... concentração.”

“Então é pra gente te *abandonar*?” Chloe exigiu. Não parecia feliz com a ideia.

Mas Kevin não via que outra opção eles tinham, com as pancadas na porta cada vez mais altas e o alien incapaz de se mover. Se ficassem lá com ele, iriam todos morrer. Se Ro corresse, então tantos outros seriam mortos quando a Colmeia destruísse todos tentando fugir do planeta abaixo.

Então ele viu o disco dourado no chão e teve uma ideia.

“Coloca o Ro nesse disco,” disse, e ele e Chloe pegaram um braço do Mais Puro cada, ajudando-o a subir. “Ro, você tem o controle dele?”

“Simbionte... Chloe...”

Kevin não entendeu de primeira, mas aí, encarando o aparato no braço de Chloe, percebeu que era a mesma coisa que os Mais Puros usavam para controlar a gravidade a sua volta. Era uma conexão aos sistemas de gravidade da nave, e provavelmente muito mais.

“Chloe,” ele disse. “O disco pode voar, e você tem os controles. Aperta o negócio no seu braço e vê o que acontece.”

“E se arrancar meu braço fora?” Chloe retrucou.

Naquele momento, as portas douradas do telhado se partiram, e as criaturas correram para fora. Eram horrendas, parte macaco, parte lobo, parte inseto. Uma delas se atirou para frente e Kevin agiu por instinto, agarrando o bastão de choque da mão de Chloe e enfiando na coisa. A besta berrou e recuou quando a energia passou por ela, e Kevin a acertou de novo.

“Agora, Chloe!” ele gritou, e sentiu o disco arrancar para cima sem equilíbrio.

“Não sei o que eu estou fazendo!” Chloe gritou de volta.

“Desde que mantenha a gente longe daquelas coisas, e deixe o Ro se concentrar, já tá bom,” Kevin disse. Manteve uma mão no alien, equilibrando-o embora a própria gravidade do disco tornasse praticamente impossível de cair. Na outra mão, segurou o bastão de choque.

Kevin viu Chloe apertar os botões no braço, com uma careta de nojo toda vez que os tocava. O disco girou para esquerda, então direita, subiu, e depois caiu.

“Acho que peguei o jeito,” Chloe disse.

E foi bem a tempo, porque pelo menos outras duas dúzias de discos dourados estavam subindo na cidade a sua volta, cercados por coisas que zumbiam e parecia meio vivas, meio mecânicas, como vespas gigantes cheias de engrenagens.

“A gente precisa sair daqui,” Kevin chamou quando as coisas avançaram em sua direção.

Chloe entendeu a mensagem, porque seu disco dourado disparou pelo ar em uma velocidade assustadora, ziguezagueando perto do chão e subindo de novo, se atirando por cima de prédios cinzas e através de fios emaranhados.

Seus perseguidores o seguiram. Uma das vespas chegou perto, atacando com um ferrão que soltava uma substância verde nociva. Keviu a espetou com o bastão de choque, e a coisa despencou do céu para o chão abaixo. Outra veio em seu encalço, zumbindo atrás deles e procurando uma abertura para atacar. Kevin rodou com a coisa até ela estar de frente para ele, flutuando e esperando para atacar.

Ele abaixou quando Chloe os levou para debaixo de uma ponte, arrastando Ro com ele. A coisa vespa não foi tão rápida, e se espatifou em uma chuva de liquido verde. Queimou quando encostou em Kevin.

“Ai!” ele disse.

“Então não encoste nas coisas que saem de vespas venenosas gigantes,” Chloe disse.

“Ainda tem mais,” Kevin disse, apontando.

“Sempre vai haver mais,” Ro disse de onde estava. “A Colmeia tem um mundo inteiro de serventes.”

“Então precisamos *sair* do mundo,” Kevin disse, olhando em volta até achar um espaço por onde as naves saíam para a atmosfera fora do planeta. “Ali. Se conseguirmos chegar lá, pode haver uma nave.”

“E isso deu *muito* certo da última vez,” Chloe resmungou, mas ainda se dirigiu para o hangar, e o que quer que estivesse lá dentro.

Foram perseguidos. As plataformas douradas se aproximaram, como barcos em um rio, prontos para abordá-los. Um dos Mais Puros se encontrava em cada uma, junto de criaturas serventes com armas que atiravam energia pelo ar, raspando pela plataforma e explodindo na superfície interior da nave planeta.

“Segura aí!” Chloe gritou, enquanto o disco dourado ziguezagueava, evitando o grosso das explosões. A parte mais estranha era que não precisavam segurar; a gravidade do disco os mantinha firmemente no lugar mesmo quando eles davam loops e círculos. Mas também significava que os inimigos nos outros discos estavam igualmente firmes.

Um atacante pulou para o disco deles, e Kevin o acertou com o bastão. Segurava a arma como um espada, pronto para espantar qualquer inimigo que chegasse muito perto, mas não podia exatamente assustar um membro da Colmeia. Eles não sentiam medo. Mais deles pularam, e mesmo que

desabassem para o chão quando Kevin os acertava com o bastão de choque, não pareciam se importar. Enquanto os Mais Puros os controlassem...

“É o único jeito,” Kevin disse a si mesmo, e se preparou para a próxima vez que um disco dourado chegasse perto.

Não esperou que as criaturas a bordo pulassem para eles dessa vez. Em vez disso, *ele* invadiu o disco *deles*, pulando com um grito e atacando o Mais Puro que pilotava. Kevin empurrou as criaturas serventes para longe, desviando de garras afiadas quando se jogou para frente e enfiou o bastão de choque diretamente no Mais Puro.

Na mesma hora Kevin se virou e correu, seu pé ainda na borda do disco dourado quando este tremeu e caiu. Ele pulou, suas pernas correndo no ar, os braços girando. Conseguiu agarrar a borda do disco, quase caindo da beirada enquanto tentava segurar o bastão de choque. Cerrou os dentes e lutou para se puxar, jogando uma perna por cima da borda e conseguindo prender um pé. Kevin rolou de costas, e teria ficado lá ofegando, exceto que uma das coisas vespas voou para perto. Kevin sentou, atacando com o bastão, e se forçou a levantar enquanto a coisa caía.

“Nem se atreva,” Chloe disse, quando ele se preparou para pular para o segundo disco. “Você quase morreu com essa última.”

Ela puxou o disco para longe, e Kevin parou perto da borda. Em vez de pular, ele pesou o bastão de choque na mão. Atirou, e o bastão voou em círculos, acertando o Mais Puro do segundo disco em uma chuva de faíscas que os fez desabar.

O disco deles disparou para o hangar, deixando os perseguidores para trás. Não tinham muita dianteira, mas talvez o pouco que tinham fosse o suficiente. Se atiraram no hangar, que parecia em geral vazio, como um ninho sem pássaros. Algumas das naves caças menores estavam penduradas lá, muito mais elegantes e perigosas do que as que os transportou até ali. Kevin podia sentir um pouquinho de excitação em pensar que podia realmente *pilotar* uma delas.

Chloe pousou o disco ao lado da nave mais próxima, e eles agarraram os braços de Ro, ajudando-o a desmontar enquanto ele tremia e balançava, os olhos bem fechados de concentração. Ele era tão grande e alto que os dois precisaram guiá-lo pelas portas do caça alienígena, fechando-as atrás de si e trancando firme.

Pelas janelas, Kevin viu os aliens avançando na direção da nave. Não havia para que lado correr agora. Se os alcançassem, Kevin, Chloe e Ro

seriam capturados e mortos sem chance de fugir. *Tinham* que sair da nave planeta.

“Ro, você pode nos ajudar a pilotar essa coisa?” Kevin perguntou, mas o alien não respondeu. Em vez disso, ficou parado lá em concentração sombria. Kevin imaginou que não iam conseguir acordá-lo tão cedo, e mesmo que conseguissem, seria uma má ideia, já que a Colmeia ia poder vê-los e atacá-los enquanto fugiam, junto dos refugiados do planeta.

Correu para o comando da nave, tentando descobrir como funcionava. Ele tinha visto pelos olhos dos pilotos, enviado instruções para um esquadrão de naves como essas, e *achava* que sabia como funcionavam, mas isso foi quando já estavam voando, não quando estavam penduradas.

“Temos que dar a partida na nave,” Kevin disse.

“Eu sei,” Chloe retrucou. “Estou tentando.”

Tinha pressionado o aparato no braço ao painel de controle da nave, e Kevin podia ouvir o zumbido de energia que vinha dele. Parecia haver uma conexão, do mesmo jeito que o disco dourado, e Kevin viu os controles acenderem.

Também escutou batidas na porta.

Avançando, ele agarrou o que esperava serem os controles certos. Segurou um tipo de joystick, e um acelerador grandão que parecia um alavanca. Acelerou a nave, seus motores a impulsionando para longe dos suportes que a seguravam, e que gemeram em protesto. Kevin sentiu alguma coisa quebrar... e então eles foram atirados para fora da nave.

Voaram para longe da sessão de docas da nave planeta, passando pelo escudo que mantinha o ar preso. Kevin torceu a nave com cuidado para poderem passar, e então, sem nenhuma pausa, estavam no espaço, a escuridão ao seu redor.

Ele estava voando. Estavam mesmo voando.

Com cuidado, Kevin guiou a nave para longe da nave planeta, se movendo devagar e precavido, sem se atrever a acelerar. Desviou da superfície irregular, vendo a estática de energia acumulada. Tentou ao máximo abrir um canal de comunicação, esperando se lembrar o jeito certo de usar os botões.

“Se tem alguém escutando, vocês precisam fugir da superfície,” avisou. “Eles vão usar algum tipo de arma. Vão explodir o planeta!”

Algo entrou em seu campo de visão: a forma elegante de uma das naves defensoras. Kevin percebeu o que era assim em que percebeu que estava

voando diretamente para cima deles.

“Não,” ele chamou pelo rádio. “Não vamos te atacar. Nós *escapamos*. Nós fugimos da—“

Uma explosão de luz o interrompeu, e alguma coisa correu pela nave, atirando Kevin no ar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Luna dirigiu o ônibus, sentindo cada buraco da estrada, pontuado por pancadas maiores quando eles batiam em carros abandonados, a pá de neve os empurrando para fora do caminho. Luna teve que lutar para segurar o volante, com o assento do motorista o mais próximo possível, determinada que *ela* ia levá-los ao seu destino. Bobby se inclinava contra seu lado, basicamente a segurando no lugar com seu peso.

“Eles se foram,” Cub disse, sentado no assento ao lado do motorista. Não olhou para cima. “Todos se foram.”

Luna podia entender esse tipo de perda agora. Sabia como era perder amigos, família, e todo mundo que conhecia. Todo mundo sabia como era, e *doía*. Era o pior sentimento do mundo.

“Também é por isso que estamos lutando,” Luna disse. “Podemos salvar muitas pessoas.”

“Não os que já morreram,” Cub disse. “Não o meu pai.”

Luna também sabia como isso era doloroso. Mesmo se encontrassem uma cura permanente algum dia, algumas pessoas não podiam mais ser salvas. Tanta gente tinha morrido de verdade, não apenas controladas pelos aliens.

“E talvez nem a gente,” Cub disse. “Se não formos rápidos.”

Luna olhou para ele, ignorando o baque de um carro na estrada. Bobby latiu.

“Você não está regredindo, está?” ela perguntou. Não sabia o que ia fazer se ele dissesse que sim. Cub era uma das pessoas mais legais que já conheceu, e gostava dela, e ela... bom, gostava dele também. Não sabia se ia conseguir parar o ônibus e forçá-lo a sair sozinho para LA. *Com certeza* não podia matá-lo.

“Ainda não,” Cub disse, “mas dá pra sentir que está vindo. É como uma pressão, e está sempre lá, não importa o que eu faça. Você não sente?”

“Sinto,” Luna admitiu. O medo de se transformar estava sempre perto da superfície, e a ameaça também. Como Cub disse, era uma espécie de pressão, a parte controlada pelos aliens querendo subir para superfície assim que ela parasse de lutar—

Eles bateram em outro carro, e o choque tirou Luna dos pensamentos. Teria tirado do assento também, se Bobby não a tivesse empurrado, segurando no lugar.

“Cuidado!” Ignatius chamou de mais atrás no ônibus.

“Você devia estar pra cá de qualquer jeito,” Luna disse. “Foi você quem disse pra tentar os laboratórios de material. Precisa mostrar o caminho.”

“Não é tão difícil achar a UCLA,” Ignatius disse.

Talvez fosse verdade normalmente. Em uma cidade grande como LA, talvez fosse difícil se perder com todos as placas de rua e os grandes marcos, mas isso era antes do caos da chegada dos aliens. Havia tantos carros abandonados na rua que até como o ônibus modificado, era difícil passar. Já os prédios tinham sido totalmente saqueados, por controlados ou apenas pessoas tentando pegar o que podiam no caos.

O ônibus rodava devagar, mas tudo bem, porque pelo menos assim alguns dos Sobreviventes podiam acompanhar com as motos, seus motores mais altos e rápidos do que o barulho entediante do ônibus. Ele era o líder de uma espécie de comboio, se movendo por LA só um pouquinho mais rápido do que uma pessoa a pé, motos em seu encalço, e uma massa trôpega, cansada de refugiados da base dos Sobrevivente atrás deles.

“Não vai dar pra voltar,” Luna disse. “Não depois de tudo que os aliens fizeram por lá.”

Os tiros de energia pareciam ter destruído o lar dos Sobreviventes por completo. Pelo tamanho da explosão, os aliens levavam a sério a tarefa de exterminar qualquer tentativa da humanidade de sobreviver a invasão do mundo.

Ou talvez significasse algo mais esperançoso. Talvez significasse que Luna e os outros estavam no caminho certo. Os aliens não iam continuar a tentar matar Ignatius se não estivessem com medo que sua fórmula fosse o bastante para impedi-los, não é? Não iam se esforçar tanto, pelo menos não se soubessem que todos os libertados iam reverter de novo em menos de uma semana.

“Por ali,” Ignatius disse, apontando.

Luna se esforçou para seguir as direções do químico, embora ele não parecesse entender o tamanho de alguns dos obstáculos no caminho. Uma placa estava caída de lado, o neon ainda piscando enquanto bloqueava a estrada. Uma vã de comida tinha sido arrastada para o meio da rua, aberta com soldas como uma lata que alguém estava desesperado para abrir. A comida devia estar acabando, Luna percebeu. Mesmo quem não foi controlado ia ficar desesperado.

Alguns obstáculos eram grandes demais para o ônibus. Ele simplesmente não tinha potência para empurrar muitos carros de uma vez só. Luna sentiu o

ônibus grunhir e parar quando ela empurrou um amontoado de veículos, forçando como um touro bravo, mas incapaz de progredir.

“Estamos presos,” gritou.

Uma dúzia de Sobreviventes desceu do ônibus para ajudar, se espalhando e começando a mover os carros. Não foi nada comparado com as pessoas que vieram da multidão de refugiados atrás deles, ajudando embora não fossem mais fortes, não mais capazes de ignorar cansaço ou dor.

Luna desceu do ônibus e passou pelo bloqueio, procurando um jeito de passar. Viu um movimento de relance de um dos prédios por perto, e ficou tensa, pronta para lutar, mas o que viu era uma garota que parecia ainda mais nova que ela, olhando para eles obviamente assustada.

“Oi,” Luna chamou. “Não precisa ter medo. Meu nome é Luna. E o seu?”

A garota correu de volta para dentro, e talvez a coisa mais sensata a se fazer fosse deixar ela ir, mas isso seria abandonar alguém que podiam ajudar antes que o vapor dos aliens a controlassem. Além disso, ia demorar pelo menos uns cinco minutos antes do ônibus poder passar, e na opinião de Luna, ela podia passar o tempo sentada no volante ou podia fazer alguma coisa *útil*.

Saiu atrás da garota. Se tivesse sido qualquer um que não uma menina como ela, não teria ido. Luna viu em primeira mão a que ponto o mundo deixou algumas pessoas desesperadas. Mas a menina parecia tão assustada pelo breve instante em que Luna a viu, e alguma coisa em Luna queria poder ajudar enquanto corria para o prédio atrás dela, e...

Ali, algo se moveu.

“Não vim aqui te machucar,” ela disse. “Você viu quantas pessoas têm lá fora. Eu quero *ajudar*. ”

Entrou mais um pouco no prédio. Não muito; o suficiente para achar a menina. Era uma sala grande, e havia meia dúzia de homens esperando lá, todos com aparência perigosa e vestidos em roupas surradas que obviamente estiveram usando pelas ruínas de LA. A menina estava com eles, apontando para Luna.

“Pronto, eu *disse* que ia achar alguém bom,” ela disse. “Então minha dívida está paga, né? Não é, Vern? Você vai me soltar?”

“Cala a boca,” um dos homens disse, e Luna não esperou. Virou-se e correu. Qualquer razão pela qual homens desse tipo quisessem pegar alguém não era boa. Essa conversa de “alguém bom” era pior ainda. Ela disparou para a saída tão rápido quanto conseguiu.

A menina foi mais rápida, correndo atrás de Luna e se jogando nela, agarrando seu tornozelo para fazê-la tropeçar.

“Não vai não!” a menina gritou. “Se não venderem você, vão *me* vender, e aí—”

Luna a chutou no rosto, se soltando, toda pena sumindo depois de ser enganada.

Então o homem, Vern, estava lá, uma arma na mão apontada como ameaça.

“Tenta fugir de novo e atiro na sua perna. As pessoas que vão te comprar não precisam que você ande.”

Luna ergueu as mãos, tentando não pensar nas últimas vezes que alguém apontou uma arma para ela...

Bobby rosnou e avançou no homem, mordendo seu braço com força.

A arma quicou no chão, e Luna saiu correndo de novo, Bobby correndo ao seu lado. Escutou o som de botas atrás dela, seguido de tiros, e se certificou de não correr em linha reta por mais que alguns passos. Balas atingiram as paredes, e sabia que fez a coisa certa. Escutou alguém gritar atrás de si, e suspeitava que era a menina, mas Luna não parou. Já tinha tentado ajudar, e veja o que aconteceu.

Escutou o barulho de pessoas à frente, e correu para elas. Os passos chegaram mais perto atrás dela, mas Luna não se importava. Ela tinha que—

“Peguei!” Ven disse, agarrando seus braços. Luna tentou se soltar, mas o homem a levantou do chão para que os pés não alcançassem.

“Socorro!” Luna gritou.

“Ninguém se importa,” Vern disse enquanto ela gritava. “O mundo é grande e ruim. O governo todo se foi. O mundo dos aliens já acabou. É só nós, e o que der pra pegar.”

“A gente se importa,” disse outra voz mais ao longe.

Luna olhou e suspirou de alívio. Leon estava lá, e Ignatius, e mais uma dúzia de Sobreviventes, todos armados. Cub também, encarando com raiva óbvia.

“Você não viu a gente chegar?” Luna disse. “Ou estava muito ocupado se escondendo, esperando que a sua isca agarrasse alguém?”

“Ainda posso te matar,” Vern disse, recuando e apontando a arma para ela. Obviamente a agarrou do chão antes de correr atrás.

A mente de Luna teve flashbacks do cara maluco na conferência de imprensa. Dessa vez, não ia ficar parada e ser uma vítima. Dessa vez, estava

no controle.

“Você tem uma chance de sobreviver, Vern,” ela disse. “Você pode largar a arma, dar a volta, e correr rápido o bastante para o meu pessoal não te alcançar. Ou eu vou contar até três, eles vão atirar em você, e eu vou me arriscar. Pessoalmente, eu não acho que você vai conseguir atirar antes de todos eles.”

“Acha que eu não tenho coragem?” ele exigiu. “Acha que eu não vou atirar?”

Luna deu de ombros. “Um... dois...”

Ele jogou a arma no chão e saiu correndo. Luna... não ficou exatamente feliz de deixá-lo ir, mas pelo menos feliz que *estava* indo. Se virou para os outros.

“Então,” Leon disse. “Somos o seu pessoal, é?”

“É,” Luna disse com um suspiro de alívio. “São, sim.”

Eles seguiram em frente para dentro da cidade, e dessa vez Luna viu movimento nas lojas invadidas e nas casas vazias. Ninguém mais atacou, mas ela suspeitava que se não houvessem tantos deles, teriam atacado. Ficava um pouco frustrada que as pessoas revertissem a esse tipo de coisa assim que a situação ficava difícil. A vinda dos aliens mudou até quem não tinham conseguido controlar com seu vapor.

“Saiam daí!” ela gritou para eles, Bobby ao seu lado. “Saiam daí e ajudem a gente! Não querem o mundo de volta? Não querem lutar?”

Não houve resposta. Talvez estivessem muito assustados para sair. Talvez não se importassem. Luna odiava pensar que, mesmo no fim do mundo, ainda havia pessoas que não queriam ajudar os outros.

Tudo que seu comboio podia fazer era seguir em frente, e torcer para que conseguissem melhorar o mundo para todo mundo. Avançaram pelas ruas, tirando obstáculos do caminho ou dando a volta, na direção do campus da universidade.

Enquanto se aproximavam, Luna tentou imaginar como seria em tempos normais. Os prédios eram grandes e variados, obviamente construídos para gostos e tempos diferentes. Havia bastante espaço aberto entre eles, embora agora estivesse tomado por ervas daninhas.

Luna parou o ônibus bem no meio de uma das praças principais, sem se importar que normalmente seria proibido. Tinham que ficar o mais perto possível se precisassem correr de novo. Realmente *torcia* que não tivessem que correr. Desceu com Bobby ao lado, e os outros começaram a se reunir. Leon e Barnaby se juntaram aos Sobreviventes; Ignatius estava mais longe. Cub tinha decidido ficar com as pessoas que foram controladas.

“Precisamos achar os laboratórios de materiais,” ela disse, tentando soar confiante que ia saber quais eram quando os visse. “Estamos procurando por uma substância específica.” Ela olhou para Ignatius. “Como a gente faz pra saber qual é?”

“Eu consigo identificar,” Ignatius disse. “E o Barnaby também. Se colocarmos em um microscópio ou espectrômetro, vamos saber.”

“Então temos que examinar toda e cada substância da faculdade até achar a coisa certa?” Luna disse. Não era especialista, mas tinha quase certeza que qualquer lugar com um laboratório inteiro de materiais diferentes iria demorar para ser examinado.

“A não ser que você tenha outra ideia?” Ignatius disse.

Luna não tinha, então precisavam começar. Olhou em volta até achar uma placa de sinalização, e enquanto Bobby a cheirava, descobriu a direção do laboratório de materiais.

“Por aqui!” ela chamou os outros.

Podia ver o prédio agora, escuro e vazio como todos os outros, moderno e silencioso enquanto seu grupo se aproximava. As portas estavam trancadas, mas com tantos deles, foi fácil pegar um banco para usar de aríete.

“Prontos?” Luna chamou. “Um, dois, três!”

Eles arrombaram a porta, e Luna passou pelos destroços com Bobby, na frente dos outros.

“Precisamos nos separar,” ela disse. “Achem qualquer coisa que seja diferente, ou não esteja etiquetada, ou... não sei, o que der pra achar.”

Sabia que era muito vago, mas o que mais ia fazer? Tinham que começar de algum lugar, então ela procurou com os outros, escolhendo uma sala e começando a examinar os materiais lá em busca do que queriam.

O problema não era achar coisas, e sim que tinham coisas *demais* para se achar. Mesmo um minuto de procura revelou uma centena de plaquetas de vidro diferentes, cada uma contendo, em teoria, uma amostra de algum tipo

de substância. Luna as levou para o outro lado do laboratório, onde Ignatius e Barnaby já estavam examinando múltiplas amostras pelo microscópio.

“Não,” Ignatius disse. “Essa não... essa também não...”

“Eu tenho mais,” Luna disse, entrando com Bobby logo atrás. “Talvez seja uma dessas.”

“Não precisamos de *mais*,” Ignatius disse. “Já tem coisa demais pra identificar.”

Luna deu de ombros. “Então vai demorar um pouco. Por um jeito de acabar com tudo isso, vale a pena.”

Ignatius balançou a cabeça. “Não vai ‘demorar um pouco.’ Com esse número de amostras, vai demorar semanas. É tempo demais.”

Luna queria discutir, queria mandar Ignatius voltar ao trabalho, mas sabia que ele tinha um ponto. Não tinham tempo bastante para encontrar o que estavam procurando. *Ela* não tinha tempo bastante. Na altura em que encontrassem, todas as pessoas ajudando já teriam revertido em controlados, incluindo ela. E isso só se os aliens não destruíssem o mundo.

“E qual a sua ideia?” Luna perguntou.

“Tem que haver um sistema para catalogar amostras,” Ignatius disse. “Se a gente conseguir ligar—”

“Não,” Luna disse, pensando no instituto da NASA. “Você não sabe o que vai acontecer.”

Podia lembrar como tinha sido, com os controlados lutando para invadir, correndo em desespero, mal escapando a tempo.

“Tem que ter outro jeito,” ela disse.

Ignatius balançou a cabeça. “Nenhum que eu conheça, e eu *sei sim* o que vai acontecer. No momento que conectarmos qualquer tipo de sinal, os aliens vão saber que estamos aqui. Vão atacar com toda força.”

“Mas podemos nos preparar,” Barnaby disse. Suspirou. “Acho que é nossa melhor chance, Luna. Ignatius está certo. Não dá pra examinar todas essas amostras na mão. Podemos avisar os outros, dar tempo de se esconderem ou construir barricadas.”

Luna odiava a ideia de ter que fazer as coisas desse jeito. Tinha visto o que podia acontecer quando os aliens chegavam. Mas todo mundo também tinha. Os Sobreviventes todos estavam lá quando os aliens atacaram sua casa. Ignatius era perseguido pelos aliens toda vez que o encontravam. As pessoas controladas... bom, sabiam melhor que ninguém o que podia acontecer.

“Tá certo,” ela disse. “Mas todo mundo que quer fugir, pode fugir.”

“Até eu?” Ignatius perguntou.

Luna o encarou. “Você vai mesmo fugir quando tem a chance de acabar com a invasão?”

Ignatius ficou parado um momento ou dois. Então suspirou. “Não, acho que não.”

“Ok,” Barnaby disse. “Vou avisar Leon e os outros.”

Luna bateu pregos com um martelo, tentando se certificar que a barricada que estavam construindo fosse ficar inteira. Ao seu redor, dúzias de pessoas trabalhavam com ela, carregando móveis e equipamentos pesados para construir obstáculos. Aqueles com armas, desde as de dardos e vapor até as de verdade, estavam sentados mexendo nelas, as preparando. Bobby estava sentado aos pés de Luna, olhando ao redor como se fosse protegê-la do que quer que viesse.

Barnaby se aproximou. “Leon disse que se vamos fazer isso, é melhor fazer agora, antes que escureça.”

Meio que fazia sentido. Enfrentar aliens já era ruim o bastante. Enfrentar no escuro, quando eles podiam vir de qualquer lado, e alguns pareciam com pessoas... a ideia era horrenda demais para se pensar.

“Ok,” Luna disse. “Me mostra onde vamos fazer.”

Barnaby a guiou para dentro, e Luna seguiu. Ignatius estava sentado na frente de um computador que estava escuro no momento, totalmente sem energia.

“Quando eu ligar esse aqui, eles vão saber onde estamos,” ele disse. “E quando virem o que estou procurando...”

Iam atacar com tudo que tinham. Ou talvez não fossem. Talvez tivessem sorte e os aliens não iam perceber o que estavam fazendo. Mas Luna sabia que não podiam contar com isso.

“Vai tão rápido quanto der,” Luna disse.

Ignatius concordou, e então ligou o computador.

“Ok, está ligando e fazendo o login. Acesso aberto. Precisamos de um mecanismo de pesquisa para os materiais. Vai *logo*, por que acadêmicos nunca botam nada em uma ordem *descendente*?”

Em silêncio, Luna se viu contando os segundos, os dedos afundados no pelo de Bobby como conforto.

“Entre em um negócio chamado ChemFind,” Ignatius disse. “Agora eu descrevo a estrutura molecular...”

“Vai rápido,” Luna disse. Os segundos continuaram a escorrer em sua cabeça.

“Isso não é *fácil*, sabia?” Ignatius disse. Seus dedos digitavam sobre o teclado, cada movimento muito lento, muito demorado.

“A gente precisa parar antes de nos verem,” Barnaby disse.

“Quase lá,” Ignatius disse.

“Precisamos parar,” Barnaby repetiu.

“Quase... *lá*. Achei!” Ignatius quase pareceu surpreso. Tão surpreso que não lhe ocorreu desligar o computador. Mas ocorreu a Luna. Ela se atirou para frente e apertou o botão de desligar, esperando que fosse a tempo.

“Cadê?” Luna perguntou. “Onde é que *está*, Ignatius?”

“Tem um museu de meteoritos no campus, cheio de amostras que as pessoas coletaram aos longos dos anos,” o químico disse. “Queremos a amostra 542/R.”

“Então vamos,” Luna disse.

Não esperou pelos outros, mas em vez disso correu na direção do museu de meteoritos da UCLA, Bobby acompanhando enquanto corria.

“Amostra 542/R!” ela gritou ao passar por Cub. “A gente precisa da amostra 542/R!”

Cub correu atrás dela, e eles entraram no museu, passando por mais e mais exposições cheias de rochas em pedestais. Se o meteorito de Kevin fosse mesmo o que os aliens tinham dito que era, ele teria acabado aqui? Não havia tempo de pensar nisso; tinham que achar a amostra certa.

Mesmo com o número da amostra, não era fácil, porque haviam tantas exposições diferentes. A maioria era só de meteoritos, com placas indicando quem os achou, onde, e quando. Algumas tinham formações de cristais, ou amostras de metal, representando alguma composição incomum. Para Luna, pareciam só com pedras.

Eles subiram para o próximo andar, olhando para mais amostras sem nenhuma indicação de porque estavam ali e não lá embaixo com as outras. Luna se arriscou a olhar para fora de uma janela, e viu as pessoas lá embaixo prontas na barricada. Tinha que achar isso logo, ou então—

“Achei!” Cub chamou. “Aqui! 542/R!”

Luna correu para ele, meio esperando que a rocha na exibição brilhasse. Em vez disso, era azul acinzentada, talvez um pouco maior que uma bola de futebol, com uma coleção de cristais ao lado.

“Essa faz parte de uma coleção de meteoritos que caiu na Terra nos anos 20,” Luna leu na placa. “A composição mineral é incomum.” Ela riu consigo mesma. “Você nem tem ideia, cara que escreve placas.” Ela procurou por um jeito de abrir a caixa, descobriu que estava trancada, e agarrou um extintor de incêndio. “É agora ou nunca.”

Acertou a caixa de vidro e ela se estilhaçou de forma que provavelmente teria acionado um alarme se o prédio inteiro não estivesse apagado. Mas dessa vez, o vidro se quebrou e partiu quando acertou o chão, deixando o meteorito lá em seu pedestal.

“Conseguimos,” Luna disse, cheia de alegria. “Conseguimos.”

“Conseguimos,” Cub disse, com um sorriso tenso. “Só tem um problema.”

“O quê?” Luna perguntou, e Cub apontou para a janela. Luna olhou para fora e os viu.

Havia muito mais do que na base dos Sobreviventes, muito, muito mais. E pior, não eram apenas os controlados. Naves alienígenas chegavam, flutuando um pouco acima do chão. Onde paravam, depositavam coisas que lembravam Luna demais das coisas do bueiro. Elas se moviam cheias de pernas, atropelando os controlados no caminho.

“Foi tarde demais,” Cub disse. “Estamos cercados!”

CAPÍTULO VINTE

Kevin estava na escola. Não tinha certeza de como estava de volta à escola, mas naquele momento, nada fazia muito sentido. O mundo parecia girar, e ele conseguiu ficar de pé, vacilante.

“Kevin McKenzie, o que você está fazendo?” seu professor chamou.

“Eu...” Kevin balançou a cabeça. “Eu estava numa nave. A Colmeia... nós escapamos da Colmeia...”

Tentou se lembrar, mas sua cabeça doía demais.

“Kevin, está interrompendo a aula. Não temos tempo pra essa besteira de alienígenas.”

“Kevin vê os aliens, Kevin vê os aliens,” seus colegas cantaram.

Não, não estava certo. Não foi assim que aconteceu. Não tinha acontecido assim. Ele só descobriu sobre a Colmeia mais tarde...

“Kevin, você está bem?” o professor perguntou.

Kevin tentou dizer que estava bem, mas tudo que saiu foi uma série de números em uma corrente infinita que preencheu o mundo. Os números se derramaram para fora dele e sobre os colegas, e agora eles estavam cantando os números, fazendo soar como uma gozação enquanto entravam em sintonia uns com os outros.

Não, isso também não estava certo. Não tinha acontecido assim; nada disso.

“Certo, vamos ver o diretor,” o professor disse.

Eles marcharam pelos corredores que Kevin lembrava do instituto da NASA, na direção de um lugar que reconheceu como o escritório do Professor Brewster. As portas ao longo do caminho se abriram, respondendo a corrente de números que saía dele, embora sua mãe o olhasse feio toda vez que ele falava. Quando foi que o professor se transformou em sua mãe?

A porta para o escritório do Professor Brewster estava aberta, mas o cientista não estava dentro dele. Em vez disso, Lux Mais Puro estava lá, juntamente de uma criatura com membros de lâmina em um avental de cirurgião.

“Ah, Kevin,” ele disse. “Vejo que esteve atrapalhando a aula de novo. Vamos ter que tomar uma atitude. Não está se sentindo bem?”

Kevin queria dizer que estava ótimo, mas não estava. Naquele momento parecia que todo sintoma que jamais teve apareceu ao mesmo tempo, sua

cabeça explodindo, seu equilíbrio inexistente, dor e fraqueza no corpo inteiro.

“Podemos fazer tudo passar,” Lux Mais Puro o assegurou. O alien gesticulou, e a enfermeira com as lâminas no lugar das mãos avançou enquanto o mundo continuava a mudar, e girar, e rodar...

A nave girava descontrolada, e quando voltou a si, Kevin girava com ela, flutuando solto dentro da sala de controle. Ele rodava, sem peso, e tanto Ro quando Chloe rodavam com ele, Chloe lutando para agarrar o que conseguisse, e Ro berrando em medo óbvio e incontrolável.

“Eu *não* gosto dessa emoção!” Ro gritou.

Kevin tentou imaginar como seria nunca ter sentido medo antes, ou esperança, ou qualquer outra emoção. Mesmo que tivesse sentido a lógica pura da Colmeia, não era a mesma coisa, porque tinha tido uma vida inteira para entender suas emoções, pelo menos em teoria. Nem podia conceber como seria para alguém que não sabia o que era o medo, ou que nunca tivesse achado que ia morrer.

Kevin também estava assustado, com tudo que estava acontecendo, com a grande nave planeta lá fora, com a nave menor que atirou neles, mas já tinha passado tempo demais sabendo com certeza que ia morrer para ser paralisado por medo.

“Temos que parar de girar!” ele gritou.

Esticou o braço até encostar em uma parede, e se empurrou para longe dela como um nadador na direção da cadeira do piloto. Conseguiu se puxar para ela, prendendo o cinto e estendendo uma mão para Chloe quando ela passou flutuando. Ela o agarrou, e os dedos de Kevin fecharam ao redor dos dela quando a puxou para perto, o bastante para que pudesse segurar nos controles do piloto.

“Agora o Ro,” Kevin disse, esperando o alien passar perto.

“Ro, estica as mãos,” Chloe gritou.

“Não sei se eu consigo. É assustador demais. Tem tanta coisa que—”

“Tudo bem ficar assustado,” Chloe disse. “Tudo bem sentir qualquer coisa, mas não pode entrar em pânico, ou vai ser pior. Ainda tem coisas pra fazer. Tem que confiar nas pessoas. As pessoas *certas*. Estica as mãos, Ro.”

O alien flutuou um pouco mais, então esticou os braços em sua direção. Kevin conseguiu agarrar um, e Chloe o outro, puxando-o até que conseguisse segurar no assento.

“Ro, preciso que me diga como fazer a nave parar de rodar,” Kevin disse. “Estamos fora de controle.”

“Eu...” O alien pensou por um momento. “Os controles de joystick podem estar funcionando. Se conseguirmos nos equilibrar, podemos examinar o dano.”

Kevin pegou o joystick, lutando com ele para tentar colocar a nave de volta em um curso estável. As estrelas giravam a sua volta, tão rápido que eram borrões enquanto a nave continuava a espiralar. Kevin empurrou o joystick, jogando todo o peso nele para fazê-lo parar de girar. Chloe emprestou sua força também, as mãos apertadas ao redor das de Kevin, mesmo que assim ficasse flutuando de novo.

Lentamente, a nave se estabilizou, o planeta visível embaixo deles, a nave planeta da Colmeia acima, brilhando com uma aura de energia. Kevin teve que lutar quando a nave tentou girar para o outro lado, segurando tão firme quanto pode.

“A perda da gravidade significa que o escudo inteiro foi danificado,” Ro disse. “Precisamos reiniciar, ou vamos perder oxigênio.” Um olhar do que Kevin imaginou ser terror passou por seus olhos. “Vamos morrer. Nós vamos —”

“Vamos *concertar*,” Kevin insistiu. “Chloe, você pode navegar? Ro, você precisa me mostrar como reiniciar esse escudo que você disse.”

Ele se soltou da cadeira do piloto enquanto Chloe sentou nela, pegando o joystick e fazendo a nave balançar.

“Ei, isso é divertido,” ela disse. “Caminhões, barcos, e agora naves espaciais. Estou ficando sem coisas pra dirigir.”

“Ela faz piadas porque está com medo,” Ro disse quando Kevin flutuou em sua direção. “Eu vi na mente dela quando estive lá, mas não sei como *fazer*.”

“Isso é pra ser *particular*, Ro,” Chloe falou de onde estava.

Kevin empurrou o alien flutuante com gentileza para longe dos controles.

“Vamos lá,” ele disse. “Você precisa me mostrar como concertar os escudos.”

“Aqui,” Ro disse, apontando. “Podemos acessar por esse circuito. Precisamos abrir o painel.”

Kevin apoiou os pés na parede, puxando até sentir o painel soltar. Havia coisas lá dentro que pareciam fios, e outras coisas que pareciam mais cultivadas que fabricadas. Alguns pontos do circuito estavam pretos e frágeis, como se queimadas com fogo.

“Precisamos redirecionar,” Ro disse, pressionando longos dedos em alguns locais do painel. “Sim, não sou dos Mais Puros, mas sei como fazer isso. *Eu sei.*”

Houve uma espécie de brilho quando alguma conexão voltou à ativa, e Kevin se viu desabando a curta distância até o chão, caindo com um baque.

“O escudo está ativo,” Ro disse.

“Então estamos protegidos?” Kevin perguntou, torcendo para que pudesse protegê-los contra tudo, desde as armas de energia dos habitantes do planeta até a explosão destruidora de mundos da Colmeia. Mesmo enquanto perguntava, sabia a resposta. O primeiro tiro rasgou a nave deles como se não fosse nada.

“O escudo mantém o ar preso, permite o controle da gravidade, e impede choques menores, nada mais,” Ro disse.

Isso, Kevin suspeitava, ia ser um problema, *especialmente* porque a vista da janela mostrava a nave que tinha atirado neles dando a volta para a revanche.

“Estamos mancos no espaço,” Chloe disse, chacoalhando o joystick. “Essa coisa está mais devagar que o barco depois da tempestade.”

Kevin suspeitava que estavam indo muito mais rápido, mas se não pudessem manobrar, não ia fazer diferença. Seriam patos na água esperando os aliens que se preparavam para atirar de novo. Kevin quase pensou neles como inimigos, mas não *eram*, eram o oposto de inimigos. Só achavam que ele e os outros eram algo que não eram.

Então talvez deversem mostrar a verdade.

“O rádio tá funcionando?” Kevin perguntou.

Chloe deu de ombros. “Não sei, deixa eu tentar. Testando, testando, alguém na escuta?”

“Quem é você?” uma voz chamou no rádio, e Kevin reconheceu a língua dos aliens que tentaram avisá-los quando sua mente traduziu automaticamente.

“Uau,” Chloe disse. “Eu consigo entender.”

“Provavelmente um efeito do simbiote,” Ro disse, o que só fez Kevin olhar com desconforto para a coisa no braço de Chloe. Odiava que as

pessoas ao seu redor continuassem a ser modificadas ou machucadas. Odiava que tinha dito para eles levarem ela embora.

“Quem é você?” a voz repetiu.

“Aqui é o Kevin McKenzie,” Kevin disse no rádio. “Estou com minha amiga Chloe aqui e um alien chamado Ro que costumava ser da Colmeia. Hm... por favor, não atire.”

O rádio estalou. “Kevin McKenzie? O humano que tentou nos enganar? Que ajudou a destruir nosso mundo?”

“Hm...” Kevin disse, sem saber *o que* responder para essa pergunta. Parecia que qualquer coisa que dissesse ia dar problema para todos eles.

“Isso mesmo,” Chloe disse no rádio, enquanto ele ainda estava pensando. “Eles transformaram o Kevin em um deles. Mandaram ele fazer... um monte de coisas. Mas pegamos ele de volta. E escapamos.”

Pela janela, Kevin ainda podia ver a nave se aproximando, e então parando na frente deles. Suas armas brilhavam com a promessa de explosões.

“Impossível,” a voz disse. “Aqueles tomados pela Colmeia não escapam. Não há maneira de derrotar toda a Colmeia.”

“Tem *sim*,” Kevin insistiu. “Eu vi quando era um deles. Eu sei suas fraquezas.”

Houve uma pausa brevíssima do rádio, supostamente enquanto quem quer que estivesse nele falava com um superior.

“O risco é grande demais,” a voz disse. “Nunca ouvimos falar de ninguém se libertando da Colmeia, e você já tentou nos enganar uma vez. Esta deve ser só uma tentativa de se aproximar de nós. Sentimos muito, mas precisamos te impedir.”

“Espera!” Kevin gritou. “Você precisa escutar. A Colmeia vai destruir o mundo de vocês.”

“Sabemos disso,” a voz disse, “e não podemos evacuar porque vocês estão mirando em nossas naves de escape.”

Kevin se encolheu quando lembrou disso. Foi sugestão dele, e ele quem encontrou as naves para a Colmeia. Olhou para Ro.

“Você ainda está bloqueando a Colmeia?” ele perguntou.

Ro balançou a cabeça. “Estive distraído demais para me concentrar, mas posso tentar reestabelecer a conexão.”

“Faça isso,” Kevin disse.

Ele viu Ro afundar no transe de concentração em que estava antes.
“Consegui.”

“Me escuta,” Kevin disse. “O alien que costumava ser parte da Colmeia está tentando confundi-los. Não vai durar muito tempo, mas suas naves podem ter um tempinho para fugir.”

“E você acha que vamos te escutar?” a voz do outro lado da linha exigiu. “Depois de tudo que você fez? Depois de todas as pessoas que morreram por sua causa?”

Kevin engoliu em seco pensando nisso. Sabia o que tinha feito como parte da Colmeia.

“O Kevin não teve *escolha*,” Chloe estourou. “E você também não tem nenhuma escolha. Eles vão explodir o seu mundo; ou você evacua seu pessoal ou pode ficar sentado aí discutindo com a gente.”

Dessa vez, a pausa pareceu se esticar por longos segundos, e nesses segundos, Kevin se viu encarando a nave que se aproximava. Ainda estava avançando, suas armas carregadas para lançar um ataque fatal. O que ia acontecer se disparasse? Seria instantâneo dessa vez, vaporizados em um flash de energia? Eles seriam sugados para o espaço?

Então a nave passou por eles, sumindo de vista em um instante, e Kevin viu mais naves subindo da superfície do planeta, se elevando como esporos de um cogumelo, ou o último fôlego de um homem afogado. A última vida do planeta.

Algumas foram destruídas, atacadas pelas naves da Colmeia que estavam no lugar certo para interceptá-las. Mas a maior parte conseguiu passar, e Kevin podia ver os caças da Colmeia recuando, voltando para a nave planeta, se protegendo do que estava por vir. A nave planeta ficou em silêncio, branca de calor e ameaçadora, carregada de poder, pronta para disparar.

E disparou.

O faixo de luz atravessou da nave planeta para o planeta abaixo em um instante, uma coluna radiante que parecia uma fina linha de lápis para Kevin, mas devia realmente ser muito maior, porque ele viu o tamanho da abertura que tinham feito na nave planeta para deixá-la passar. Aquela linha de energia se enterrou no planeta abaixo e Kevin assistiu horrorizado enquanto cumpria seu papel.

“Quando eles atiram, a atmosfera ferve primeiro,” Ro disse, quando uma aura vermelha apareceu ao redor do planeta, como se o próprio ar estivesse

em chamadas. Para Kevin, aquilo fazia o mundo parecer um cometa em uma escala cem, mil vezes maior. “Eles costumam tentar recolher os gases úteis do planeta antes de atirar, por causa disso.”

“Para,” Chloe disse.

“Então os mares entram em ebulição, e a terra queima,” Ro disse, quando Kevin viu o que pareciam furacões rodopiantes sobre a superfície, subindo para o espaço porque não havia atmosfera para segurá-los. “E de novo, a Colmeia costuma drenar líquidos úteis, mas—”

“Não *conta* pra gente o que está acontecendo,” Chloe disse. “Já é horrível o bastante sem narração.”

Kevin teve que concordar que era. O mundo lá embaixo tinha sido um lugar azul e verde, vibrante e cheio de vida. Agora, em vez disso, estava coberto de ondas vermelhas e laranjas, queimando, e então carbonizando, a pressão subindo, a energia quebrando aos pedaços. Ele viu fissuras se abrindo na superfície quando o feixe de energia se afundou, grandes bolhas de magma vulcânico subindo como aconteceu com os oceanos. O mundo parecia pulsar de dentro para fora como um coração que batia muito rápido, forçando seus limites, a energia derramada dentro dele forte demais para os metais líquidos do centro...

“Se preparem,” Ro disse, agarrando os controles do piloto. Kevin fez o mesmo.

Então o mundo abaixo explodiu.

Foi uma explosão de luz tão forte que por um momento ou dois, Kevin não podia ver nada. Apertou bem os olhos, e o local onde o mundo costumava estar pareceu queimar dentro de suas pálpebras, preso no instante em que se partiu em milhares de fragmentos.

A nave rolou e balançou quando rochas a atingiram, os impactos chacoalhando e ensurdecendo. Sem os escudos que tinham conseguido concertar, Kevin tinha certeza que teriam acabado em pedacinhos. Mas eles só quicaram por uma onda de fragmentos, a energia da explosão os carregando junto como um barco em uma tempestade. Era como estar em uma montanha-russa, e Kevin precisou de toda sua força só para se agarrar nos controles do piloto. Ele viu Ro sendo jogado pela nave com a força da explosão, caindo mole contra a parede, e o rosto de Chloe branco enquanto ela se agarrava no joystick.

A força pareceu durar para sempre, e quando passou, demoraram vários segundos até o cérebro de Kevin perceber. Ele gemeu e conseguiu se

levantar do chão, só então percebendo que tinha caído. Ro e Chloe também estavam gemendo, o que provavelmente era bom, porque pelo menos ainda estavam vivos para gemer.

“O que...” Kevin disse. Olhou em volta, vendo rochas e mais rochas ao redor da nave, flutuando em um campo de asteroides, alguns pequenos, alguns do tamanho de um carro, alguns do tamanho de uma cidade ou pequeno país. Elas flutuavam e quicavam, algumas batendo umas contra as outras e se rachando.

Não havia sinal da nave planeta.

“Eles recuaram,” Ro disse. Soou confuso. “Mas não é assim que a Colmeia funciona. A Colmeia acumula recursos. Coleta tudo que pode. Não *desperdiça*.”

“Aqui não,” Chloe disse. “Aqui, eles só queriam destruir tudo.”

“Queriam ter um exemplo,” Kevin disse. Tinha sido membro da Colmeia tempo o bastante para entender. “Queriam deixar bem claro que não foi só para pegar tudo que podiam. Mas vão voltar.”

Uma vez que tivessem certeza que tinham ficado bem claros, quando as cinzas esfriassem, eles voltariam para recolher o que pudessem. Ro tinha razão: a Colmeia não desperdiçava.

“Precisamos dar o fora antes disso,” Kevin disse. “Onde estamos?”

Ro olhou para os instrumentos nos controles. “Fomos empurrados para mais longe no sistema pela força da explosão. Ele vai ficar instável com a perda do efeito gravitacional do planeta.”

“Então devíamos achar um jeito de ir embora,” Kevin disse.

“Precisamos descobrir como voltar.”

“Como?” Ro disse. “Essa nave é pequena, projetada para lutar contra um mundo, não atravessar a galáxia.”

“É pior que isso,” Chloe disse, chacoalhando o joystick. Kevin olhou para cima, esperando ver o céu se movendo. Em vez disso, nada aconteceu.

Estavam presos lá. Não tinham energia, nem comida, e nenhum lugar para ir mesmo que tivessem.

Estavam perdidos.

CAPÍTULO VINTE E UM

Luna assistiu horrorizada enquanto os aliens avançavam. Havia tantos deles, aliens demais. Estavam para todo lado que ela olhava, avançando para o campus da UCLA, e o número bruto e impossível de suas tropas era aterrorizante. Ao seu lado, Bobby começou a latir, como se soasse um alarme, mas Luna já tinha visto como as coisas estavam ruins.

“Pega os cristais e o meteorito,” ela gritou para Ignatius. Olhou ao redor, procurando alguma coisa para carregá-los, e correu para o térreo até uma recepção. Encontrou umas caixas de plástico lá, cheias de arquivos. Jogou eles para fora e correu de volta para cima.

O som da batalha a envolveu imediatamente, armas disparando, e explosões de energia acertando os prédios da universidade, soando em cascatas de concreto e pedra. Luna olhou pela janela e viu a luta começando lá embaixo, os Sobreviventes e companheiros atirando, espalhando a névoa de suas poucas armas de vapor, lutando corpo-a-corpo com controlados que nem estavam tentando convertê-los, apenas atacando para matar. Os aliens aprendiam rápido, ou talvez não se importassem mais em conseguir controlados.

“Abaixa!” Ignatius gritou, e Luna viu o brilho de uma explosão de energia se aproximando.

Ela se jogou no chão, arrastando Bobby com ela, e uma chuva de tijolos voou por cima de sua cabeça quando a explosão atingiu, quebrando caixas e estilhaçando vidro. Luna sentiu alguma coisa raspar por suas costas, a dor brotando, e por um momento só queria ficar lá deitada até os ouvidos pararem de zumbir. Então Bobby lambeu seu rosto, e Luna percebeu que tinha que levantar.

Ela correu para onde os cristais estavam, e embora tivesse se decepcionado com a aparência deles, agora só podia encarar. Eles *brilhavam*, com uma luz azul que parecia preencher o espaço ao redor.

“Estão reagindo à energia da explosão,” Ignatius disse, se forçando a levantar muito mais devagar que Luna.

O brilho dos cristais desapareceu aos poucos, e eles ficaram azuis-acinzentados de novo. Ignatius pegou os dois, colocando nas caixas de plástico de Luna. O meteorito era tão pesado que Luna mal conseguiu segurar.

“Muito bem,” Ignatius disse. “Temos o que queríamos. Agora, podemos dar o fora daqui antes que nos matem?”

Luna esperava que sim. “Vamos,” ela disse. “Vamos voltar pro ônibus.”

Mas quando olhou por outra das janelas do museu, ficou claro que as coisas não iam ser tão fáceis. A praça da frente estava imersa na luta agora, e já que os controlados eram quase exatamente iguais às pessoas libertas dos aliens, era impossível ver a diferença daquela altura. Os Sobreviventes com as armas de vapor continuaram a esfumaçar pessoas aleatoriamente, e algumas caíam quando a vacina fazia seu trabalho, mas o melhor que as pessoas com armas de verdade podiam fazer era atirar em qualquer um que atacasse, e nessa altura, Luna imaginou que já era tarde demais.

“Acho que não dá pra sair até alguém ganhar a batalha,” ela disse. “Se a gente tentar escapar agora, metade do nosso pessoal vai morrer.”

“Se conseguirmos fugir com um jeito de vencer, então talvez—”

“Nem pensar,” Luna retorquiu. “Eu esperei por *você* na base. Não vamos abandonar ninguém.”

Além disso, mesmo que Luna quisesse, suspeitava que não teria como. Os controlados já tinham bloqueado as saídas da praça a essa altura, e as coisas estranhas e aliens já estavam avançando, atacando com membros que eram as próprias armas. Um deles foi morto por uma saraivada de tiros dos Sobreviventes, mas haviam outros.

“Precisamos ir pra lá,” Luna disse. “Precisamos ajudar.”

“E *como* a gente ajuda?” Ignatius perguntou.

Luna não tinha uma resposta. Outras pessoas tinham armas de vapor, e Luna nem tinha suas granadas de vapor de improviso. Mesmo assim, sentia que precisava fazer *alguma coisa*. Não podia deixar que os outros lutassem sozinhos, e pelo menos ainda tinha uma arma de dardos.

“Espera aqui,” ela disse a Ignatius.

“E pra onde eu iria?” ele retrucou, gesticulando para o caos lá fora.

“Só... esteja aqui quando eu voltar,” Luna disse. “Preciso falar com os outros.”

Ela correu escada abaixo com Bobby ao seu lado, se jogando no caos. Foi instantâneo. Ao seu redor, haviam pessoas lutando não importava para que lado olhasse, algumas com as pupilas brancas e mortas dos controlados, outras lutando com barulho, gritando umas para as outras.

“Continuem gritando!” Luna disse, percebendo que era a única coisa que podiam fazer que os controlados não podiam. “Dá pra saber quem é dos

nossos se estiver falando!”

Não sabia quantas pessoas escutaram, mas algumas com certeza, e começaram a fazer todo tipo de coisa. Alguns gritaram encorajamentos para as outras, outras berraram gritos de batalha inventados, algumas cantaram, apenas aumentando a cacofonia da luta.

Luna viu Leon e Barnaby no meio da batalha, lutando com controlado após controlado. Barnaby tinha uma arma de vapor e estava espirrando ao seu redor, mantendo-os afastados. Leon estava atacando com um facão em uma mão e uma arma na outra, tentando mantê-los longe de Barnaby para ele ter a chance de transformá-los de volta.

Luna começou a lutar até eles, empurrando as pessoas para fora do caminho, se jogando por baixo de um par de braços e depois desviando de uma coisa que estava atacando com garras tão longas quanto adagas. Outro controlado pulou em cima dela, e Bobby correu para interceptar, rosnando e latindo, empurrando com as duas patas antes de voltar para perto de Luna.

Ela abriu caminho até Leon, levantando a arma de dardos e acertando um dos controlados que estava chegando pelo lado dele.

“Achamos!” ela gritou por cima do barulho da batalha. “Temos a substância. Podemos ir embora!”

Sabia que não era uma opção, mas sentiu que devia dizer, só caso houvesse algum jeito que ela não tinha visto.

“Têm inimigos demais,” Leon disse. “Não tem como sair.”

“Então temos que vencer,” Luna disse. Ela carregou outro dardo na arma e atirou em outro controlado.

Então viu uma das coisas aliens correndo para eles, avançando sobre pernas que dobravam para o lado errado, cobertas de escamas que brilhavam como óleo. Mostrou seus dentes reptilianos e rugiu, atirando pessoas para fora do caminho para chegar até eles.

Luna carregou um dardo depois do outro, atirando sem parar. Um dardo se enfiou no espaço entre algumas das escamas mais macias, enchendo a besta de sedativos. Continuou a avançar, pouco se importando, mas Luna continuou a atirar e atirar. Por um passo ou dois, não pareceu fazer diferença, mas então, finalmente, o alien parou e fez outro som, triste e abandonado, e tombou como uma grande árvore escamosa.

“Pegamos um!” Luna gritou, socando o ar.

Então viu uma dúzia de criaturas assim como a primeira entrando na praça, atropelando as pessoas por lá.

“Ganhamos da última vez,” Luna disse, tentando se convencer tanto quanto Leon e Barnaby.

“Estamos perdendo essa,” Leon retrucou, atirando em outra criatura alien que se aproximava. A bala penetrou, mas ela continuou vindo, pausando apenas para brandir as garras e rasgar mais alguns inimigos.

Havia pessoas morrendo para todo lado que Luna olhasse. Os controlados eram mais rápidos e fortes que os humanos, e as coisas alienígenas eram mais perigosas ainda. Elas destroçavam Sobreviventes, atirando os ex-controlados para longe como se fossem bonecas de pano.

No meio de todo o caos, Luna viu Cub pular para frente, brandindo uma lâmina tão longa quanto seu braço, rasgando uma falha na couraça das criaturas. Ele enviou a arma bem fundo e depois correu para longe, usando o impulso de um braço que tentou arremessá-lo. Luna escutou a criatura uivar e depois cair quando outra dúzia de pessoas atacou.

Manteve os olhos em Cub. Ele atacou um dos controlados e depois outro, com o tipo de confiança nascida de anos de luta, e uma falta de juízo que fazia o coração de Luna se apertar só de ver.

Então ela viu ele ficar duro e parado, parado demais dentre o resto da luta. Ele se virou, e Luna podia jurar que olhava diretamente para ela, parado e encarando contra o fundo de violência.

“Não,” Luna sussurrou. “Por favor, não...”

Seu coração se partiu em dois quando Cub voltou para a luta, movendo-se com a velocidade dos controlados, sua longa faca cortando um Sobrevivente, depois outro.

“Não!” Luna berrou, mas não importava o quanto berrasse, não importava o quanto quisesse correr até ele e fazer tudo parar. Cub já tinha se transformado, já era um deles, já tinha voltado a não ser nada além de um fantoche dos aliens.

“Não, não pode ser,” Luna disse. “Não posso... primeiro meus pais, aí o Kevin e a Chloe, agora Cub, e daqui a pouco...”

Daqui a pouco seria ela. Luna podia sentir a pressão dentro dela, querendo subir, lutando para tomar o controle a cada momento que ela não resistia. Logo ia ser demais, e talvez fosse até ser *melhor*. Talvez fosse melhor não ter que pensar, não ter que sentir, não ter que se machucar...

Uma explosão acertou, e derrubou uma parede, a lançando contra Bobby. Os dois ficaram deitados lá, presos, os controlados se aproximando, e Luna sabia que era o fim.

Olhou para Bobby, os olhos cheios de lágrimas.

“Você é tão macio,” ela disse. “Eu podia deitar aqui em você e dormir e nunca acordar.”

O problema era que isso era exatamente o que ia acontecer. Seria um deles, e então ou se perderia para sempre no mundo, ou seria morta, ou iria sumir tão completamente que não haveria volta. Não tinha nada que pudesse fazer.

Talvez fosse melhor ficar deitada e fechar os olhos.

Ela olhou para seu cachorro pela última vez.

“Eu te amo, Bobby.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Kevin já sabia, do momento que o médico contou, que ele ia morrer, mas nunca pensou que seria desse jeito. A nave pairava morta no espaço, apesar das tentativas de Chloe de apertar botões e seus chutes ocasionais no controle do piloto. Ro estava sentado no chão, encarando em silêncio.

“Começo a pensar que emoções nem sempre são boas,” ele disse. “Antes delas, eu não teria medo da morte. Não me sentiria tão sozinho.”

“Você não está sozinho,” Kevin disse. “Nós estamos aqui.”

“E estamos presos aqui,” Chloe disse do assento do piloto enquanto estapeava os controles, com força. “Não consigo ir pra lugar nenhum.”

Tinha aquela nota familiar na voz que indicava estar quase em pânico, e por sua vez, Kevin não podia culpá-la. Mesmo assim, se aproximou para botar uma mão em seu ombro.

“Eu sei que está se sentindo presa,” Kevin disse. “Eu também sinto, mas estou aqui. Não importa o que aconteça, estou aqui.”

Chloe conseguiu dar um pequeno sorriso. “Se eu tiver que morrer com alguém, gostaria que fosse você.”

“Preferia que você não tivesse que morrer com ninguém,” Kevin disse.

“É,” Chloe concordou. Sua mão se fechou sobre a dele. “Eu não quero morrer, Kevin.”

Kevin percebeu que também não queria. Tinha aceitado, mais ou menos, que ia morrer de uma doença que não podia controlar, porque não tinha muita coisa que pudesse fazer. Mas isso era diferente. Isso diminuía o pouquinho tempo que ele pensou que teria.

“Eu sei,” Kevin disse. “Eu queria...”

Queria todo tipo de coisa: que não tivesse tentado impedir a Colmeia com um vírus que não funcionou. Que ele e Chloe não tivessem sido levados para a nave planeta por causa disso. Que tivesse conseguido impedir a Colmeia de fazê-lo parte dela. Que não tivesse machucado Chloe. Que não tivesse ajudado a destruir um planeta.

Não havia mais nenhum mundo lá, só um campo de asteroides ao redor da nave que batiam e quicavam uns nos outros como bolas em algum tipo de jogo gigante. Ro tinha ficado horrorizado que a Colmeia não pegou nenhum deles, e Kevin meio que podia ver porquê. Se iam destruir um mundo para pegar todos os recursos que tinha, já era bem horrível, mas destruir e aí

abandonar tudo que destruíram? Já não tinha mais motivo. Era só por crueldade.

Mas principalmente, ele estava pensando nas pessoas que deviam estar no planeta quando ele queimou.

“Quantas pessoas vocês acham que tinha lá embaixo?” ele perguntou.

“Impossível saber,” Ro disse. “Os escudos bloquearam qualquer tentativa de escanear, e mesmo assim a Colmeia não teria achado todo mundo. Não muitos, eu imagino. Algumas dezenas de milhares.”

“Dezenas de milhares,” Kevin repetiu, pensando em como ajudou a Colmeia a atacar. Dezenas de milhares de aliens podiam estar mortos por sua culpa.

“É difícil saber com certeza,” Ro disse. “Esse planeta era um refúgio, não o planeta natal, então eu duvido que a população inteira fosse estar aqui, e existe um número limitado de indivíduos que você pode esconder, mas suponho que em teoria, até um milhão seria—”

“Você não tá ajudando, Ro,” Chloe disse. “Kevin, não é sua *culpa*. Você não teve *escolha*. ”

“Mas fui eu quem fiz,” Kevin disse. “Quando aconteceu, foi a minha voz dando ordens, meu cérebro tomando as decisões.”

“Não seu cérebro, a Colmeia,” Ro disse.

Kevin balançou a cabeça. “Você sabe como é tão bem quanto eu,” ele disse. “Ainda é o seu cérebro. Só que o seu cérebro sem nenhuma das emoções.”

“Sem compaixão,” Chloe disse. “Sem consciência. Eles tiraram essas coisas. Você não pode se culpar por não ter elas.”

Kevin tentou, mas era impossível olhar para o campo de asteroides e não se sentir culpado. Era impossível não imaginar os gritos das pessoas morrendo em um desastre que ele ajudou a criar. Antes disso tudo, nunca tentou machucar ninguém. Tinha tido algumas brigas, mas a maior parte foi porque estava ajudando Luna. Agora, podia ser responsável por um milhão de mortes... era demais. Eram *vidas* demais.

“Algumas pessoas escaparam,” Chloe disse, levantando para colocar uma mão em seu ombro.

“Um milhão?” Kevin perguntou, pensando nas naves de transporte que ajudou a destruir.

“Mais pessoas do que teriam escapado se você não tivesse avisado, e Ro não tivesse distraído a Colmeia,” Chloe disse. “Assim que você caiu em si,

“você tentou ajudar. Você *ajudou*. ”

“Mas não o bastante,” Kevin retrucou. “Estamos sentados no espaço, e se ficarmos aqui por muito tempo, vamos morrer de fome, ou bater em um asteroide.”

Kevin não sabia o que ia preferir. A primeira opção os daria mais tempo, mas tempo para fazer o quê? Sentar no espaço e sentir culpa? A segunda opção seria rápida, mas Kevin não conseguia querer uma coisa assim. Parte dele queria seguir em frente, porque enquanto estivessem vivos, havia esperança, havia—

“Acho que temos um problema,” Ro disse, num tom preocupado.

Kevin se virou e o viu encarando os controles do piloto. Uma luz vermelha tinha começado a piscar.

“O que isso significa?” Chloe exigiu, o medo em sua voz fácil de ouvir.

“Não deve ser nada,” Kevin disse, tentando confortá-la automaticamente, mesmo enquanto o próprio medo crescia, apertando sua garganta, cortando sua respiração, o ar fino ao seu redor.

“É o sensor de oxigênio,” Ro disse. “Desculpe, sinto que isso foi uma coisa ruim de se dizer.”

“Estamos perdendo oxigênio?” Kevin disse. Então o jeito que se sentia agora era real? Parecia que a sala estava fechando, o ar faltando em seus pulmões.

“Pensei que tínhamos concertado o escudo,” Chloe disse.

“Pode não estar perfeito, e com a nave danificada...” Ro disse.

“Então vamos todos morrer?” Chloe disse, e Kevin escutou o pânico tomando sua voz.

“Vamos morrer de qualquer jeito,” Ro disse. “Desse modo, apenas vamos morrer em alguns minutos, em vez de—”

“Não está *ajudando*, Ro!” Chloe explodiu, deixando o assento do piloto e se enrolando em uma bola perto da parede.

Kevin foi sentar ao lado dela. Passou os braços ao seu redor, sem saber o que mais podia fazer. Não podia prometer que ia ficar tudo bem, porque não ia. Não podia dizer que ia concertar as coisas. Tudo que podia fazer era estar lá, e talvez, numa hora dessas, fosse o bastante.

Ficou sentado, abraçando Chloe, sem dizer nada porque não havia nada que pudesse dizer que já não mostrasse apenas com sua presença. Sentiu o calor dela pressionado contra ele, mas também sentiu como o ar ficava mais

fino, o modo como cada respiração parecia trazer um pouco menos de vida que a última.

“Quanto tempo você acha que a gente tem?” Chloe perguntou.

“Não sei,” Kevin disse. Já estava ficando um pouco tonto de falta de ar.

“Só... se eu for morrer com alguém, fico feliz que seja você.”

“Preferia estar em uma praia em algum lugar,” Chloe disse.

“É, eu também.”

Ficou sentado em silêncio depois disso, sentindo sua respiração ficar cada vez mais curta enquanto o oxigênio se esvaia.

Podia ver a sala ficar cada vez mais escura, os cantos de sua visão se fechando sobre ele.

Chloe ainda estava ao seu lado, a respiração tão rasa que Kevin mal podia sentir ou ouvir.

Fazia tempo que Ro não falava nada.

A escuridão se fechou sobre Kevin.

É isso, ele soube.

É assim que acaba.

DISPONÍVEL PARA PRÉ-VENDA!



RETORNO
(As Crônicas da Invasão — Livro 3)

“TRANSMISSÃO é uma história fascinante, inesperada e firmemente enraizada em fortes perfis psicológicos apoiados em elementos de suspense e ficção científica: que mais poderiam os leitores desejar? (Apenas a publicação rápida do Livro Dois, Chegada.)”

--Midwest Book Review

Da autora de fantasia *best selling* nº1 do mundo inteiro chega o terceiro livro numa nova série de ficção científica há muito esperada. Com o planeta Terra destruído, o que vai ser de Kevin, de 13 anos, e de Chloe na nave principal?

Será que os alienígenas vão escravizá-los? O que é que eles pretendem? Há alguma chance de fugir?

E será que Kevin e Chloe vão voltar para Terra algum dia?

“Repleta de ação... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

--Publishers Weekly (referente a Uma Busca de Heróis)

“Uma fantasia superior... Um vencedor recomendado para quem gosta de fantasia épica impulsionada por protagonistas jovens poderosos e

credíveis.”

—*Midwest Book Review* (referente a *Ascensão dos Dragões*)

“Uma fantasia repleta de ação que certamente vai agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, além dos fãs de histórias como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini... Os fãs de ficção para jovens vão devorar este último trabalho de Rice e implorar por mais.”

--*The Wanderer, A Literary Journal* (referente a *Ascensão dos Dragões*)

O livro #4 da série estará disponível em breve.

Também estão disponíveis muitas outras séries de Morgan Rice do gênero de fantasia, incluindo UMA BUSCA DE HERÓIS (LIVRO #1 da série o ANEL DO FEITICEIRO), um *download* gratuito com mais de 1.300 avaliações com 5 estrelas!



RETORNO
(As Crônicas da Invasão — Livro 3)

Livros de Morgan Rice

OLIVER BLUE E A ESCOLA DE VIDENTES

A FÁBRICA MÁGICA (Livro 1)

O ORBE DE KANDRA (Livro 2)

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro 1)

CHEGADA (Livro 2)

ASCENSÃO (Livro 3)

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro n.º 1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro n.º 1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro n.º 2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃS (Livro n.º 3)

UMA NÊNIA PARA PRÍNCIPES (Livro n.º 4)

UMA JOIA PARA REALEZAS (Livro n.º 5)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n.º 5)

HEROÍNA, TRAI DORA, FILHA (Livro n.º 6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro n.º 7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro n.º 8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)
UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)
A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)
UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)
UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)
UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)
UM REINADO DE RAINHAS (Livro n.º 13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)
O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
ARENA DOIS (Livro n.º 2)
ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)
AMADA (Livro n.º 2)
TRAÍDA (Livro n.º 3)
DESTINADA (Livro n.º 4)
DESEJADA (Livro n.º 5)
COMPROMETIDA (Livro n.º 6)
PROMETIDA (Livro n.º 7)
ENCONTRADA (Livro n.º 8)

RESSUSCITADA (Livro n.º 9)
COBIÇADA (Livro n.º 10)
PREDESTINADA (Livro n.º 11)
OBCECADA (Livro n.º 12)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; da série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS, composta por 8 livros (a continuar); e da nova série de ficção científica AS CRÓNICAS DA INVASÃO, composta por 3 livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!